

**Viviane Lima de Oliveira Gama**

**UM ESTUDO GRAFEMÁTICO  
DAS LETRAS “G” E “J” EM PORTUGUÊS**

**MESTRADO - LÍNGUA PORTUGUESA**

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP

2007

Viviane Lima de Oliveira Gama

**UM ESTUDO GRAFEMÁTICO  
DAS LETRAS “G” E “J” EM PORTUGUÊS**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Língua Portuguesa, sob a orientação da Professora Doutora Regina Célia Pagliuchi da Silveira.

Comissão Julgadora

-----  
-----  
-----

Autorizo, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação/tese por processos de fotocopiadoras ou eletrônicos.

Assinatura: \_\_\_\_\_ Local e Data: \_\_\_\_\_

## CONVENÇÃO UTILIZADA

[ ] – Transcrição Fonética

// - Transcrição Fonológica

“ “ - Transcrição Ortográfica

‘ ‘ - Transcrição Grafemática

C - Central Silábica

M1 - Marginal Inicial Absoluta

M2 - Marginal Inicial Intermediária

M3 - Marginal Inicial Final

M4 - Marginal Final Relativa

M5 - Marginal Final Absoluta

´ - Acento Tônico

> - “Torna-se”; maior do que

< - “Provém de “; menor do que

<< >> - Significa

∅ - Ocorrência zero

**SÍMBOLOS DO ALFABETO FONÉTICO  
(CONVENÇÃO BRASIL-PORTUGAL)  
ADOTADO PELOS FILÓLOGOS PORTUGUESES E BRASILEIROS  
NO CONGRESSO BRASILEIRO DE DIALETOLOGIA, PORTO ALEGRE, 1958.**

1) VOGAIS ORAIS

- a – médio-palatal aberta: [káza] – “casa”
- ɶ - médio-palatal fechada: [kɶma] – “cama”
- ɛ – pré-palatal aberta: [pN] – “pé”
- ɛ - pré-palatal fechada: mNza] – “mesa”
- i – quase-alveolar: [lí] – “li”
- o – pós-palatal aberta: [pΛ] – “pó”
- ɔ – pós-palatal fechada: [dKr] – “dor”
- u - quase-velar: [nú] – “nu”

2) VOGAIS VELARIZADAS

- a – [mál] – “mal”
- ɛ – [mɛl] – “mel”
- ɛ - [vɛr] – “ver”
- i – [vír] – “vir”
- ø – [sørti] – “sorte”
- ø – [døɾ] – “dor”
- u – [kúrta] – “curta”

3) VOGAIS REDUZIDAS

- <sup>a</sup> - [mát<sup>a</sup>] – “mata”
- <sup>1</sup> - [óž<sup>1</sup>] – “hoje”
- <sup>˘</sup> - [át<sup>˘</sup>] – “ato”

4) VOGAIS NASAIS

- ã – [l⊙] – “lã”
- ẽ - [sYs] – “sensu”
- ĩ – [sP] – “sim”

õ- [sΔ ] – “som”

ũ – [nTka ] - “nunca”

#### 5) SEMIVOGAIS

y (yóde) – [sáy] – “sai”

w (uáu) – [nΘw] – “não”

#### 6) CONSOANTES OCLUSIVAS ORAIS

p – surda, bilabial: [pá] – “pá”

b – sonora, bilabial: [bála] – “bala”

t – surda, alveolar-dental: [tá] – “está”

d – sonora, alveolar-dental: [dá] – “dá”

k – surda, velar-palatal: [ká] – “cá”

g – sonora, velar-palatal: [gátu] – “gato”

#### 7) CONSOANTES OCLUSIVAS NASAIS

m – bilabial: [má] – “má”

n – alveolar-dental: [náta] – “nata”

l – palatal: [úla] – “unha”

#### 8) CONSOANTES AFRICADAS

ts – surda, dental-alveolar: [pítsa] – “pizza”

tš – surda, alveolar-palatal: [tšía] – “tia”

dž – sonora, alveolar-palatal: [džía] – “dia”

#### 9) CONSOANTES FRICATIVAS

f – surda, lábio-dental: [fá] – “fá”

v – sonora, lábio-dental: [vá] – “vá”

s – surda, sibilante alveolar-dental: [sá] – “Sá”

z – sonora, sibilante alveolar-dental: [zN] – “Zé”

š – surda, chiente palatal: [šá] – “chá”<sup>1</sup>

ž – sonora, chiente palatal: [žá] – “já”

---

10) CONSOANTES LATERAIS

l – sonora, alveolar-dental: [lá] – “lá”

H - sonora, palatal: [táHa] – “talha”

11) CONSOANTES VIBRANTES

r – sonora, vibrante simples, alveolar-dental: [ára] – “ara”

Γ - sonora, vibrante múltipla, alveolar: [NΓa] – “erra”

Φ - sonora, vibrante múltipla, velar: [NΦa] – “erra”

E - sonora, vibrante múltipla, uvular: [NEa] – “erra”

12) VELARIZADORES

ł – [mál] – “mal”

r – [már] – “mar”

w – [sawdádi] – “saudade”

---

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço, primeiramente, a Deus pelo dom da vida e por fazer-me perseverante nos meus objetivos.

A minha orientadora, Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Regina Célia P. da Silveira, pela amizade, competência, paciência e apoio sincero na realização deste trabalho, tornando-se um referencial em minha vida.

À Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Leonor Lopes Fávero, pela amável atenção.

Agradeço a amiga Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Aparecida Regina Borges Sellan pela compreensão, amizade e dedicação durante todos os momentos.

À Prof<sup>ª</sup>. Ms. Maria José Nélo e Débora Paula, e a todos os professores e amigos que direta ou indiretamente contribuíram para a realização deste trabalho.

A Renato Gama, pelo seu amor, companheirismo e dedicação tão essenciais em minha vida.

Aos meus familiares e amigos, que mesmo de longe me apoiaram e me incentivaram nesta caminhada.

Ao IP-PUC/SP, pela oportunidade de participar de suas pesquisas e encontros semanais.

Ao CNPq, pelo apoio e incentivo financeiro para a realização deste trabalho.

*As letras podem não representar idéias,  
mas se combinam entre si como as  
idéias, e as idéias se atam e se desatam  
como as letras do alfabeto. (M. Foucault, 1966)*

## RESUMO

Esta Dissertação está situada na área da Descrição da Língua Portuguesa e trata do exame das letras "g" e "j", a fim de se verificar se há regras para o uso dessas letras no sistema ortográfico de forma a contribuir para os estudos grafemáticos da Ortografia Portuguesa. A pesquisa realizada está fundamentada na proposta de Derrida (1967), nos estudos realizados por Nina Catash (1973) e nos colóquios de pesquisa realizados na França em 1973 e 1986. Dessa forma, entende-se que os métodos utilizados pela Fonologia podem ser estendidos para a Grafemática, assim como seus modelos teóricos. E justifica-se na medida em que se entende que o sistema oral tem traços distintivos diferentes do sistema ortográfico no Brasil, em que poucos estudos até hoje foram realizados sob o prisma da grafemática.

Tem-se por hipótese que há regras possíveis de serem descritas para o uso das letras "g" e "j" diante das vogais "e" e "i", onde apresentam dificuldades para o uso ortográfico.

Os resultados obtidos indicam que:

a) a letra "g" difere da letra "j" pois a primeira pertence ao sistema etimológico da Língua Portuguesa; e a segunda, ao sistema fonético. Por esta razão, a letra "g" grafa valores polifonológicos /g, ž/; e a letra "j", valor monofonológico /ž/;

b) há pares comutativos entre "g" e "j", de forma a considerá-los dois grafemas do sistema ortográfico da Língua Portuguesa: o grafema 'g' do sistema etimológico, em distribuição complementar com "a", "o", "u" e o grafema 'g' em distribuição complementar com "e", "i". Neste sentido, o traço distintivo do grafema 'g' + /a, o, u/ é do subsistema ortográfico e 'g' + /e, i/ do sistema etimológico fonético da língua portuguesa. O grafema 'j' grafa o fonema /ž/ do sistema fonético da língua para palavras novas, entradas para a Língua Portuguesa; mas 'j' grafa palavras de étimos "i, y" de outras origens que não o latim, por serem palatais na entrada de Língua Portuguesa; por esta razão, são do traço etimológico-fonético;

c) na derivação de palavras não há mudança grafemática, a não ser devido à distribuição complementar de forma a grafar 'g' para o traço etimológico-fonético e 'j' para o traço fonético;

d) na História da Língua Portuguesa os étimos latinos apresentam uma única letra para grafar /g, ž/ dependendo da vogal que segue; o grafema 'j' grafa a palatização anterior a qualquer vogal, seja oral ou nasal;

e) Outras considerações.

Verificou-se que devido às confusões existentes, relativas aos étimos das palavras de Língua Portuguesa, que há duas formas de grafar uma mesma palavra, tanto com "g" quanto com "j".

A partir dessas ocorrências, conclui-se que é possível de se tratar o Sistema Ortográfico da Língua Portuguesa por modelos teóricos e metodológicos da Fonologia. Contudo, devido ao desconhecimento de étimos, são necessários estudos específicos na área para guiar futuras Reformas Ortográficas.

**Palavras-chave:** Grafemática, Ortografia da Língua Portuguesa, letras "g", "j", grafemas 'g' e 'j', formas lexicais simples, formas derivadas/flexionadas.

## ABSTRACT

This study is situated on the area of Portuguese Language Description and deals with the examination of the letters “g” and “j”, by means of verifying the existence of rules regarding the use of these letters in the orthographic system, contributing to the graphemic studies of the Portuguese Orthography.

The carried out research is based on the proposal of Derrida (1967), on the studies of Nina Catash (1973) and on the research meetings carried out in France in 1973 and 1986.

Thus, it is understood that the methods used by Phonology can be extended to Graphemics, as well as its theoretical models. It is justified once it is understood that the oral system presents distinct traces, different from the orthographic system in Brazil, where few studies under the prism of Graphemics had been carried out so far.

It is stated as hypothesis that some rules can be described for the use of the letters “g” and “j” preceding the vowels “e” and “i”, where difficulties for the orthographic use occur.

The acquired results indicate that:

a) the letter “g” differs from the letters “j” as the former belongs to the Portuguese Language etymologic system and the latter to the phonetic system. Therefore, the letter “g” spells the poliphonologic values /g, ʒ/ and the letter “j”, the poliphonologic value /ʒ/;

b) there are commutative pairs between “g” and “j”, by means of considering them two graphemes of the Portuguese Language orthographic system: the grapheme ‘g’ of the etymologic system, in complementary distribution with “a”, “o”, “u” and the grapheme ‘g’ in complementary distribution with “e”, “i”. In this sense, the distinctive trace of the grapheme ‘g’ + /a, o, u/ belongs to the Portuguese Language orthographic subsystem and ‘g’ + /e, i/ to the phonetic etymologic system. The grapheme ‘j’ spells the phoneme /ʒ/ of the language phonetic system for new words, entries for the Portuguese Language; but ‘j’ spells words of “i, y” etyma of origins other than Latin, for being palatal in the Portuguese Language entry; for this reason, they are the etymologic-phonetic trace;

c) there is no graphemic change on word derivation, unless due to the complementary distribution, by means of spelling “g” for the etymologic-phonetic trace and “j” for the phonetic trace;

d) in the Portuguese Language history, the latin etyma present a single letter to spell /g, ʒ/, depending on the vowel that follows; the grapheme ‘j’ spells the palatization previous to any vowel, being it oral or nasal;

e) Other considerations.

Due to the existent confusion relating to the etyma of the Portuguese Language words, it was verified that there are two ways of spelling the same word, both with “g” and “j”.

It is concluded, from these occurrences, that it is possible to deal with the Portuguese Language orthographic system through theoretical and methodological models of Phonology. However, due to the unawareness of etyma, specific studies in the area are necessary to guide future Orthographic Changes.

**Keywords:** graphemics, Portuguese Language orthography, letters “g”, “j”, graphemes ‘g’ e ‘j’, simple lexical forms, derived/flexible forms.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	14
------------------	----

### CAPÍTULO I

#### UMA REVISÃO DO TRATAMENTO DADO PARA O USO DAS LETRAS “G” E “J”, NO BRASIL

1.1 Uma definição de ortografia .....	23
1.2 A história da ortografia portuguesa .....	25
1.3 Do latim ao português .....	33
1.4 A fonética histórica da Língua Portuguesa .....	39
1.4.1 Considerações a respeito das mudanças fonéticas no tempo .....	39
1.4.2 Considerações a respeito das mudanças que ocasionaram a palatização .....	39
1.4.3 Outras considerações a respeito das mudanças fonéticas .....	42
1.4.4 Considerações a respeito das formas derivadas em Língua Portuguesa .....	49
1.5 Considerações a respeito da formação histórica de uma língua .....	50
1.5.1 Substrato .....	50
1.5.2 Adstrato .....	51
1.5.3 Superestrato .....	52
1.6 Considerações sobre guias ortográficos brasileiros da Língua Portuguesa .....	53

### CAPÍTULO II

#### BASES TEÓRICAS E METODOLÓGICAS

2.1 Os termos fonética e fonologia .....	60
2.2 A fonologia .....	63
2.2.1 A fonologia segmental da Escola de Praga .....	65

2.2.2 A fonologia segmental da Escola da Dinamarca (glossemática) -----	67
2.2.3 Descrições dos fonemas /g/ e /ʒ/ -----	71
2.3 A grafemática -----	73
2.3.1 O colóquio de 1973, na França -----	74
2.3.2 O colóquio de 1986, na França -----	77
2.3.3 Estudos grafemáticos da ortografia portuguesa, no Brasil -----	80

### **CAPÍTULO III**

#### **RESULTADOS OBTIDOS DAS ANÁLISES DA LETRA “G”**

3.1 O grafema ‘g’ em lexemas e formas flexionadas -----	83
3.1.1 A letra “g” e o grafema ‘g’ no subsistema etimológico -----	83
3.1.2 A letra “g” e o grafema ‘g’ no subsistema fonético -----	84
3.1.3 O grafema ‘g’ com traço distintivo etimológico -----	85
3.1.4 O grafema ‘g’ com traço distintivo fonético-etimológico -----	109
3.2 O grafema ‘g’ em morfemas sufixais -----	111
3.2.1 O grafema ‘g’ em morfemas sufixais: “-agem” e “-ugem” -----	112
3.3 Em síntese -----	115

### **CAPÍTULO IV**

#### **RESULTADOS OBTIDOS DAS ANÁLISES DA LETRA “J”**

4.1 O grafema ‘j’ em lexemas e formas flexionadas -----	120
4.1.1 A letra “j” e o grafema ‘j’ do subsistema fonético: traço distintivo fonético -----	120
4.1.2 O grafema ‘j’ para grafar a palatização em formas de origem latina: traço distintivo etimológico-fonético -----	121
4.1.3 O grafema ‘j’ para grafar a palatização em formas de outras origens: traço distintivo fonético -----	135
4.2 O grafema ‘j’ e o morfema sufixal “-ejar” -----	149
4.3 Em síntese -----	150

<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS -----</b>	<b>154</b>
-----------------------------------	------------

<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS -----</b>	<b>158</b>
-----------------------------------------	------------



## INTRODUÇÃO

Esta Dissertação situa-se na área da Descrição da Ortografia da Língua Portuguesa e tem por tema o estudo do uso das letras “g” e “j”.

Entende-se que a Ortografia, “escrita correta”, é um sistema construído por ortógrafos, a fim de controlar a correspondência de bases articulatórias sonoras do código oral com uma correspondência, através de letras do código escrito.

Durante muito tempo, as letras foram entendidas como formas de grafar os sons. Com o desenvolvimento dos estudos lingüísticos, os estudiosos verificaram que os sons são altamente variáveis e que se poderia afirmar que o mesmo falante não repete um mesmo som duas vezes, da mesma forma, em sua vida. As letras são de número finito e institucionalizadas pelos ortógrafos, a partir de um prisma político-jurídico, de forma a criar uma instância de controle para a variação sonora. Por essa razão, a designação dada ao sistema escrito é Ortografia: escrita “correta”.

Embora os sons sejam variáveis, as pessoas, falantes nativos de uma língua têm sempre a impressão de ouvirem o mesmo som, ou ainda de estarem pronunciando o mesmo som. Essa impressão pode ser definida por “bases articulatórias sonoras”, conjunto de hábitos artculatórios presentes em grupos sociais de falantes de uma mesma língua, também designados *norma de realização sonora* (Cf. Silveira, 1986).

Dessa forma, entende-se que o número de letras do alfabeto de uma língua é finito e a sua função é grafar o número de bases articulatórias que também é finito, em cada contemporaneidade.

Todavia, o número de bases articulatórias é maior que o número de letra que as grafam. Por essa razão, há letras que grafam mais de uma base articulatória ou uma base articulatória grafada por mais de uma letra.

Com o aparecimento da Lingüística no primeiro quartel do século XX, a atenção dos lingüistas volta-se para a fala oral, e os resultados obtidos de diferentes investigações realizadas passam a diferenciar som de fonema. O som é o produto articulatório-acústico do aparelho fonador, que é recebido pelo aparelho auditivo. De um lado, o grande desafio dos foneticistas estruturalistas era construir uma gramática dos sons, na medida em que estes eram variáveis. De outro lado, os primeiros fonólogos foram os que propuseram o conceito de fonema: conjunto de traços pertinentes para diferenciar os signos de uma língua.

Nesse sentido, houve um desmembramento do som em traços invariáveis - fonemas - e traços variáveis - alofones.

A partir desses resultados, foi possível de se propôr uma disciplina lingüística, a fonologia, para tratar das unidades mínimas pertinentes de uma língua, ou seja, os fonemas. Com o desenvolvimento da Fonologia foi possível, também, inseri-la na gramática da língua.

Nesse interstício, as letras não foram tratadas pelos lingüistas estruturalistas nem pelos lingüistas gerativistas, ambos preocupados com a gramática da língua.

Dessa forma, a Ortografia foi relegada aos ortógrafos e aos professores de língua. A tarefa dos ortógrafos é construir um sistema ortográfico da língua e a tarefa dos professores de língua é ensinar o aluno a grafar corretamente as bases articulatórias. Como não há correspondência entre bases articulatórias e letras, até o momento atual, o ensino da Ortografia é feito pela automatização da forma escrita pelo aluno. Por essa razão, os professores afirmam que a melhor maneira de se adquirir a ortografia é o hábito da leitura, pois através dela se automatiza o uso da letra, de forma a propiciar que a pessoa armazene em sua memória de longo prazo a expressão escrita de signos.

De forma geral, desde os descobrimentos, ou a partir do século XVI, os viajantes depararam-se com outros sistemas de escrita diferentes da alfabética. Esses sistemas foram levados para a Europa e passaram a ser classificados como peças de museu. Muitos estudiosos interessaram-se por eles tendo por ponto de

partida os fragmentos escritos catalogados em museus. Os estudos realizados com esses fragmentos escritos são designados *decifragem* e entre eles os de Champollion, que decifrou a pedra roseta. As decifragens realizadas propiciaram obras que tratam da História da Escrita do homem. Esta é uma disciplina que percorre do século XVII até hoje.

Nesse sentido, pode-se dizer que os estudos referentes à escrita tomaram quase sempre a forma de uma História e de uma Decifragem. Ainda, hoje, há muitas escritas que não foram decifradas, como por exemplo, a dos Maias, a dos Incas e a da ilha de Páscoa.

Entretanto, segundo Ducrot e Todorov (1976:242):

O projeto de escrever a história da escrita está nos limites do possível, visto que a história pressupõe a escrita, em sentido lato: é indispensável sem a existência de signos <<durativos>>. Infelizmente, todas as histórias da escrita aceitam até agora como postulados certas afirmações que a lingüística contemporânea ou mesmo o simples bom senso tornam suspeitas. Assim, a evolução da linguagem e da escrita é sempre encarada como um movimento do concreto para o abstrato: o que é pelo menos problemático. (...) Esses estudos são fruto de uma visão etnocêntrica, não de uma observação dos fatos.

Nesse sentido, na França, aparece uma proposta para se estudar a escrita. Trata-se da Gramatologia. Em 1967, J. Derrida escreve *De la Gramatologie*. A proposta do autor é de se estudar a escrita, de forma a se estender os conhecimentos da Fonética e da Fonologia para as expressões escritas. Assim sendo, se o sistema oral define-se por um subsistema fonológico onde o fonema é uma unidade distintiva de signos, o sistema escrito é grafemático e define-se pelo

grafema como unidade distintiva de signos escritos. No nível da manifestação da fala, os sons manifestam os fonemas; da mesma forma, as letras manifestam os grafemas.

Nina Catash (1973) e seu grupo de pesquisadores desenvolvem na França pesquisas grafemáticas para a ortografia francesa.

A designação grafema, embora não difundida no Brasil, já vem registrada como vocábulo no *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa* (2004:996;1453):

*Grafema* - é definido como a menor unidade contrastiva num sistema de escrita, podendo ser representado por qualquer símbolo ou fonema da língua escrita. Dessa forma, afirma ser, a *Ortografia*, um conjunto de regras que, para uma determinada língua estabelecem a grafia correta das palavras e o uso de sinais de pontuação, ou seja, a maneira de representar as palavras por meio da escrita, grafia. Assim, podemos ainda, fazer referência a:

1-*Ortografia Etimológica* na sua busca por preservar nas palavras as letras

fundamentais das línguas de origem;

2-*Ortografia Fonética* que grafa as palavras utilizando apenas as letras

correspondentes aos sons ou fonemas;

3-*Ortografia Mista* que junta organicamente os processos da ortografia etimológica e da ortografia fonética.

Frente ao exposto, justifica-se esta Dissertação, pois no que se refere à Ortografia da Língua Portuguesa no Brasil, poucos estudos até hoje foram realizados sob o prisma da Grafemática. A Dr<sup>a</sup>. Regina Célia P. da Silveira já orientou investigações realizadas sob esse prisma: Martins (1979) *Um estudo dos fonemas /s/ /z/ e das letras “s”, “ss”, “c”, “ç”, “z” em português* e Próspero (1980) *Um estudo da letra x em português*.

Por conseguinte, o problema tratado nesta Dissertação é a possibilidade da busca de regras para o uso das letras “g” e “j”, de modo a que possam ser tratadas no nível grafemático. Dessa forma, tem-se por objetivo geral contribuir com os estudos grafemáticos da Ortografia Portuguesa, no Brasil, no que se refere ao ensino de ortografia, tão presentes no dia-a-dia.

Os objetivos específicos desta Dissertação compreendem:

- 1- Buscar pares comutativos para o confronto entre fonema/grafema, grafema/grafema e grafema/som.
- 2- Investigar, na História da Ortografia Portuguesa os étimos.
- 3- Examinar, na Ortografia atual, a possibilidade de regras que controlem o uso dos grafemas “g” e “j”.

Busca-se, então, a correspondência entre as letras “g” e “j” e os fonemas grafados por elas. Tenta-se, ainda, encontrar as regras de uso dessas letras, nos subsistemas gráficos: o fonético e o etimológico, pois o Sistema Ortográfico, atual, no Brasil, é misto.

A investigação realizada teve o seguinte procedimento metodológico:

1- A hipótese de que há regras possíveis de serem descritas para o uso das letras “g” e “j” diante das vogais “e” e “i”, que apresentam dificuldades para o uso ortográfico.

2- O material de análise foi coletado em exemplos apresentados por gramáticas históricas e tradicionais pré e pós NGB, guias ortográficos, jogo de ortografia e dicionários, de forma a compreender um total de 200 casos do grafema “g” e 200 casos do grafema “j”.

3- A busca bibliográfica em gramáticas de língua portuguesa em ortógrafos da língua portuguesa, a fim de se caracterizar o atual sistema ortográfico, no Brasil.

4- Os gramáticos de Língua Portuguesa, no Brasil, definem o sistema ortográfico como do tipo misto, isto é, um subsistema etimológico e outro subsistema fonético; e, ao se estender teoria e metodologia da Fonologia Segmental para o tratamento do problema desta Dissertação, as categorias analíticas foram, assim, delimitadas:

a) Correspondências entre grafemas e fonemas:

Faz-se necessário buscar as correspondências entre grafemas e fonemas, pois na Língua Portuguesa há várias letras que grafam um fonema ou mais de um fonema grafado por uma mesma letra;

b) Par comutativo grafemático:

O método da comutação utilizado pelos fonólogos segmentais para descrever as unidades distintivas do sistema fonológico é estendido para a descrição dos grafemas “g” e “j”.

Os pares comutativos foram construídos a partir da busca no *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa* (2004), enquanto os neologismos foram pesquisados em dicionários nacionais portugueses e brasileiros que apresentam regionalismos e a origem dos neologismos;

c) “Família” de palavras:

Os resultados obtidos por Martins (1979) e Próspero (1980) indicam que há diferença para o uso de grafemas em uma mesma “família” de palavras. De forma geral, as formas derivadas são mais conservadoras e grafadas como a forma etimológica; o mesmo não acontece com a lexia simples, também designada gramaticalmente de forma primitiva, pois é mais inovadora, como, por exemplo, “pace” (‘c’ para grafar a /k/), “paze” (‘c’ para grafar /s/, devido ao abrandamento fonético diante de “e”, “i”), “paze” (‘z’ para grafar /z/, a sonorização consonantal intervocálica), “paz” (‘z’ para grafar o arquifonema /S/, devido à apócope da vogal final). Nesse sentido, Martins (1979) apresenta em uma mesma “família” de palavras: lexia simples “paz” e nas formas derivadas – (pacífico);

d) Percurso histórico da letra e sua relação com o fonema:

O atual Sistema Ortográfico da Língua Portuguesa, no Brasil, é designado misto ou simplificado. Trata-se de dois subsistemas ortográficos: o etimológico, quando as letras utilizadas registram a história da palavra, na Língua Portuguesa; e o fonético, quando as letras utilizadas registram a grafia fonética de neologismos. Por essa razão, os étimos das palavras que compõem o *corpus* foram buscados. Como não há para a Língua Portuguesa um dicionário etimológico abrangente e de comum acordo entre os especialistas, foi pesquisado o Dicionário de Corominas (1991) que é relativo à Língua Espanhola e acatado pela Real Academia Espanhola. Como o português e o espanhol têm as mesmas origens e são línguas de interface, optou-se pelo Dicionário de Corominas.

Nesse item busca-se, a partir do étimo, estabelecer, quando possível, um percurso histórico da letra, pois o sistema ortográfico da Língua Portuguesa, no Brasil, por ser misto, ora registra um étimo, ora registra uma mudança sonora;

e) Outras considerações.

No que se refere à Língua Portuguesa, várias Reformas Ortográficas ocorreram: umas por acordo entre Portugal e Brasil, e outras, apenas no Brasil. Todavia, no que se refere às letras “g” e “j”, não há uma reforma proposta.

Como se sabe, no que se refere ao escrito, o sistema da Língua Portuguesa oferece um campo amplo de pesquisa que abarca: a grafia das letras, a grafia dos acentos e a grafia das frases pela pontuação.

Esta Dissertação se situa no campo da grafia das letras. Assim, a investigação realizada selecionou o método sincrônico que foi utilizado no sentido de verificar as mudanças que ocorreram ao mesmo tempo em relação aos fatos concomitantes ou contemporâneos da evolução da língua.

O método diacrônico da evolução das palavras, que se refere às mudanças relativas ao desenvolvimento do estudo da língua ao longo do tempo, ou seja, observa os fenômenos culturais e sociais da língua quanto a sua evolução no tempo,

foi aplicado quando se fez necessário. As formas derivadas foram pesquisadas, pois elas mantêm na grafia atual aspectos diacrônicos da origem das palavras, através de formas conservadoras.

Face ao exposto, esta Dissertação está composta por:

## **INTRODUÇÃO**

Apresenta o problema, material e método da investigação, juntamente com a justificativa e delimitação do tema.

## **CAPITULO I – UMA REVISÃO DO TRATAMENTO DADO PARA O USO DAS LETRAS “G” E “J”, NO BRASIL**

Apresenta-se o problema do uso das letras “g” e “j” através de uma revisão bibliográfica que trata da ortografia portuguesa, no Brasil, a partir da história do sistema ortográfico da Língua Portuguesa, das Reformas Ortográficas, de considerações de gramáticos tradicionais, de gramáticos históricos e de guias ortográficos.

## **CAPITULO II – BASES TEÓRICAS E METODOLÓGICAS**

Trata-se dos fundamentos teóricos e metodológicos da Fonologia Segmental e suas extensões para a Grafemática, além de apresentar perspectivas e estudos já realizados a respeito dela, a partir de colóquios realizados na França em 1973 e 1986.

## **CAPITULO III – RESULTADOS OBTIDOS DAS ANÁLISES DA LETRA “G”**

Apresenta-se os resultados obtidos relativos a: Correspondência entre grafemas e fonemas; Par comutativo grafemático; “Família” de palavras; e Percorso histórico da letra “g” e sua relação com o fonema.

## **CAPITULO IV – RESULTADOS OBTIDOS DAS ANÁLISES DA LETRA “J”**

Apresenta-se os resultados obtidos relativos a: Correspondência entre grafemas e fonemas; Par comutativo grafemático; “Família” de palavras; e Percorso histórico da letra “j” e sua relação com o fonema.

**CAPÍTULO I**  
**UMA REVISÃO DO TRATAMENTO DADO PARA O USO DAS**  
**LETRAS “G” E “J”, NO BRASIL**

**CAPÍTULO I**  
**UMA REVISÃO DO TRATAMENTO DADO PARA O USO**  
**DAS LETRAS “G” E “J”, NO BRASIL**

Este capítulo apresenta o problema do uso das letras “g” e “j” através de uma revisão bibliográfica que trata da Ortografia Portuguesa, no Brasil, a partir da história do sistema ortográfico da Língua Portuguesa, das Reformas Ortográficas, de considerações de gramáticos e manuais ortográficos.

A revisão feita tem por objetivo justificar a investigação proposta nesta Dissertação. Embora, no Brasil, haja muitos estudiosos preocupados com a Ortografia Portuguesa e o seu ensino, os estudos efetivamente realizados não atendem à necessidade de uma descrição sistemática da Ortografia Portuguesa, conforme postula Pulgram (1951:17) ao diferenciar grafema e som:

Admite-se geralmente que a língua falada baseia-se em um sistema de oposições fônicas capaz de diferenciar as significações em uma dada comunidade. Como se sabe, este sistema é chamado de sistema fonêmico e suas unidades são conhecidas como fonemas. De maneira analógica, a língua escrita deve basear-se

em um sistema de oposições gráficas capaz de diferenciar as significações em uma dada comunidade. E é este sistema, que forma a base da língua escrita, que chamamos escrita. As unidades deste sistema podem ser chamadas de grafemas (1945-1949, p. 87-8).

### **1.1 Uma definição de ortografia**

Moraes (2003) apresenta a Ortografia como uma norma derivada de uma convenção que unifica a escrita das palavras de uma língua.

Segundo o autor, na língua oral as palavras são pronunciadas de formas variadas dependendo das diferentes regiões geográficas, dos diferentes grupos sócio-culturais, dependendo de diferentes épocas do uso de uma língua e dos diferentes registros de um falante. Essa variação de pronúncia não pode ser considerada “certa ou errada”. Elas são explicadas pela relação da língua com o grupo social.

O alfabeto de uma língua compreende um conjunto de letras que de maneira uniforme registra as diferentes pronúncias, pois a escrita apresenta-se de forma unificada, a fim de que as pessoas possam comunicar-se independentemente do espaço e do tempo.

De acordo com Moraes (2003), a ortografia é uma invenção relativamente recente: o francês e o espanhol, por exemplo, não tinham ainda uma ortografia, há trezentos anos.

A forma correta das palavras é sempre uma convenção social e de ordem política. Na História da Humanidade, os sistemas de escrita alfabética surgiram antes das normas ortográficas, da mesma forma como ocorre o desenvolvimento da aquisição da língua escrita pela criança. Inicialmente, esta se apropria do sistema alfabético, de forma a se apropriar aos poucos, da base alfabética de sua língua.

Millôr Fernandes (1976:17), em suas *Compozissões Infãtis*, representa a dificuldade enfrentada pela criança ao se deparar com a correção de seus erros ortográficos, em “A tinta de escrever”, da seguinte maneira:

A tinta de escrever é um líquido com que a gente suja os dedos para fazer a lição. A gente podia fazer a lição com lápis mas a professora não deixa. Assim, a gente tem que tomar muito cuidado porque com a tinta o erro nunca mais sai. E uma coisa que eu não sei é como um vidrinho de tinta tão pequeno pode ter tanto erro de português.

Segundo Moraes (2003), o que o aprendiz nessa fase ainda não domina, por que desconhece, é a norma ortográfica. Esta define qual letra (ou dígrafo) vai ser a correta. Tudo em ortografia é fruto de um acordo social, isto é, tudo foi arbitrado, mesmo quando existem regras que justificam por que em determinados casos temos que usar uma letra e não outra.

O que se constata no ensino da Ortografia, no que se refere à avaliação, é que essa é uma importante fonte de fracasso escolar.

O autor, preocupado com o ensino da Ortografia busca definir princípios norteadores para esse ensino, todavia, não trata do sistema grafemático da língua portuguesa.

## **1.2 A história da ortografia portuguesa**

De forma geral, os gramáticos históricos e os da gramática padrão normativo dedicam um espaço em suas obras para tratar da Ortografia Portuguesa, sem haver entre eles grandes divergências. Por essa razão, a título de exemplificação, apresenta-se a História da Ortografia Portuguesa proposta por Coutinho (1976).

Segundo o autor, a História da Ortografia Portuguesa divide-se em três períodos, assim discriminados:

**Período Fonético** – iniciado com os primeiros documentos redigidos em português, estende-se até o século XVI. Apesar de certa flutuação que se observa na grafia das palavras, a preocupação fonética transparece a cada momento. A língua era escrita pelo ouvido.

Dessa forma, este período coincide, também, com a fase arcaica do idioma, cujo objetivo a que visavam os escritores e os copistas da época era facilitar a leitura e dar ao leitor uma impressão, tanto quanto possível, exata da língua falada. Não havia um padrão uniforme na grafia das palavras, pois, muitas vezes, em um documento, aparecem as mesmas palavras escritas de formas diferentes.

Coutinho (1976:72-74) trata, no período fonético, as letras “g” e “j”, da seguinte forma:

A letra “j” é, assim, situada:

O i era representado também por “y” e “j”: *y = hi, mjnas = minhas*.

O autor trata, também, da letra “j”, entre as consoantes:

**j** – aparece por vezes substituindo o g: *jente = gente*. Entre vogais, podia ser representado também por i e y: *aia = aja, oye = oje*.

No que se refere à letra “g”, o autor propõe:

**g** – antes de e, i, conservava o seu som velar: *aprouge = aprougue, Agiar = Aguiar*. Neste caso, era mais comum incorporar um *u*. Tinha valor palatal mesmo antes de a, o, u: *mangar = manjar, aleigom = aleijon, Gurge = Jurge*. Neste emprego, vinha acompanhado freqüentemente de i: *agia = aja, beigio =*

beijo. Para manter o som velar antes de a, era seguido não raro de *u*: julguava = julgava, Guabriel = Gabriel. Latinismo era o seu grupo *g* com o valor de *i*: regno = reino.

Em síntese, pode-se dizer, a partir do trecho citado de Coutinho (1976) que houve um momento em Portugal, no século XVI, em que o País teve necessidade de estabelecer uma ortografia própria, a fim de afastar-se de Castela. Nesse momento, a opção feita pelos ortógrafos foi pela escrita fonética, pois esta propiciaria a desejada autonomia de Portugal, na medida em que as variedades regionais portuguesas eram diferentes da variedade de Castela.

No que se refere às letras “g” e “j”, pode-se dizer, também, que havia a palatização de /g/. Logo, foi necessário uma letra para grafar essa palatização. Nas palavras em que /g/ foi palatizado, manteve-se a letra “g” para grafar o som [g]; nas palavras em que não houve palatização passaram a grafar “gu”. A letra “j” passa a grafar variações fonéticas de outros fonemas que não /g/.

**Período Pseudo-Etimológico** - as dificuldades causadas pela ortografia fonética precisavam ser resolvidas. Politicamente, Portugal opta pela ortografia etimológica.

Esse período teve início no final do século XVI e foi até o ano de 1904, quando apareceu a *Ortografia Nacional* de Gonçalves Viana.

De forma geral, os historiadores da Ortografia Portuguesa designaram esse período de *etimológico*. Coutinho (1976) trata-o como pseudo-etimológico e justifica em sua obra as razões de sua designação. O que caracterizou esse período foi a grafia orientada pelos étimos das palavras.

O período designado pseudo-etimológico decorre de haver muitas palavras em língua portuguesa cuja etimologia era ignorada ou para as quais têm sido propostas várias origens, sem que os estudiosos chegassem a uma conclusão. Além disso, uma outra dificuldade era relativa a sua prática etimológica, porque ela exige do escriba o conhecimento de vários idiomas, o que nem sempre ocorria. Assim, na

ortografia proposta durante o período pseudo-etimológico, por vezes o uso da letra é orientado pelo étimo conhecido do ortografo, e por vezes, desconhecido e apenas suposto por ele.

Segundo o autor, esse período traz como característica o emprego de consoantes geminadas e insonoras, de grupos consonantais impropriamente chamados gregos, de letras como o *y*, *k* ou *w*, sempre que ocorriam nas palavras originárias. Foi nesse período que surgiram os primeiros tratados de ortografia da língua portuguesa, com vistas à convenção histórica que unificasse a sua escrita.

Assim, Pêro Magalhães de Gândavo publicou, em 1574, a sua obra intitulada *Regras de Escrever a Ortografia da Língua Portuguesa*; e Duarte Nunes de Leão, em 1576, pôs em evidência a *Ortografia da Língua Portuguesa*.

No século XVII, apareceu Álvaro Ferreira de Vera, autor de *Ortografia ou Modo para Escrever Certo na Língua Portuguesa* e João Franco Barreto que publicou a *Ortografia da Língua Portuguesa*.

No século XVIII, Madureira Feijó publicou a obra *Ortografia ou Arte de Escrever e Pronunciar com Acerto a Língua Portuguesa*; e Monte Carmelo, autor do *Compêndio de Ortografia*.

A influência dessas obras foi muito grande, de forma a acarretar outros problemas, pois não só os vocábulos novos entraram para o nosso léxico com aspecto gráfico alatinado, mas também, os que já tinham formas vulgares, sofreram mudanças etimológicas. Foi o que ocorreu, por exemplo, com digno, benigno, maligno. De acordo com a pronúncia antiga, estas palavras eram grafadas dino, benino e malino. Assim, se encontram escritas em obras de Camões. Surgiram os pseudo-etimologistas e, verificando que no latim tais vocábulos se escreviam com a letra “g”, restabeleceram neles tal letra. A presença da letra “g”, a princípio, mero sinal etimológico, passou a ser assinalada, na Ortoepia, pronúncia idiomática correta.

Com a democratização da ortografia, que foi de suma importância, pois tanto a língua escrita como a falada são uma propriedade coletiva e social, para que todos

pudessem dela utilizar-se, foi necessário que se eliminassem as dificuldades existentes da fase pseudo-etimológica da Ortografia Portuguesa.

**Período Simplificado** – iniciou-se com a publicação da obra *Ortografia Nacional* de Gonçalves Viana, em 1904, e chega até os dias atuais.

Segundo Coutinho (1962), ocorreu mais de um sistema simplificado da Ortografia Portuguesa.

- *O sistema simplificado português* - surgiu para dar à língua a uniformidade gráfica que até então não havia sido conseguida. Dessa forma, o Governo Português nomeou uma comissão de ilustres lingüistas, da qual faziam parte Gonçalves Viana, Leite de Vasconcelos, Carolina Michaelis, José Joaquim Nunes, Adolfo Coelho, Epifânio Dias, Júlio Moreira, Cândido de Figueiredo, entre outros.

Os princípios básicos que nortearam esta reforma foram os estabelecidos por Gonçalves Viana, em sua obra *Ortografia Nacional*, em 1904, onde apresenta os resultados obtidos de um estudo realizado por ele com um grande número de vocábulos, cuja grafia, tradicionalmente aceita, não se podia justificar. Esse autor estabelece princípios para se fazer qualquer simplificação ortográfica, a saber:

- 1- Proscrição absoluta e incondicional de todos os símbolos de etimologia grega, *th*, *ph*, *ch* (= *k*), *rh* e *y*.
- 2- Redução das consoantes dobradas a singelas, com exceção de *rr* e *ss* mediais, que têm valores peculiares.
- 3- Eliminação de consoantes nulas, quando não influenciam na pronúncia da vogal que as preceda.
- 4- Regularização da acentuação gráfica.

Assim, depois de conciliadas as opiniões diversas em pontos secundários, o trabalho foi encaminhado ao chefe do Executivo Português, que o tornou obrigatório para Portugal e seus domínios por Portaria de 1º de setembro de 1911.

A ortografia mista, pode também ser definida como formada por dois subsistemas: um fonético, para entradas novas de palavras; e o outro etimológico, para grafar étimos de palavras vindas pelo latim.

Essa reforma atendia perfeitamente ao aspecto fonético da língua falada além-mar, mas já não acontecia o mesmo com o português falado no Brasil, o que provocou reclamações do grupo de professores de grande mérito, entre eles Antenor Nascentes. Ela, além de representar divergência gráfica e um sério embaraço no mercado do livro relaxaria o intercâmbio literário entre os dois países.

Diante de todo esse impasse as duas maiores instituições culturais do Brasil e de Portugal – a Academia Brasileira de Letras e a Academia das Ciências de Lisboa – celebraram um *Acordo Gráfico*, que o Governo Brasileiro tornou, depois, obrigatório para todo o território nacional e, embora possa apresentar pontos discutíveis e até falhas, é inegável que contribuiu grandemente para a simplificação da nossa grafia.

- O sistema simplificado luso-brasileiro - em 1907, bem antes que o Governo Português tornasse obrigatória a reforma da ortografia para Portugal e suas colônias, no ano de 1911, a Academia Brasileira de Letras cogitou adotar nas suas publicações oficiais um sistema de grafia de objetivo simplificador.

Em 1912, publicou a regulamentação definitiva da reforma anterior, com todas as ampliações e esclarecimentos que, não contrariando o plano primitivo, tornavam o sistema mais harmônico e racional. Em 1915, a Academia Brasileira aprovou a proposta do acadêmico Silva Ramos, no sentido de se harmonizar a reforma de 1907 com a portuguesa. Em uma contramarcha inexplicável, revogou depois, em 1919, todo o plano reformista adotado, até que o problema da simplificação fosse maduramente estudado. Em 1929, novo sistema gráfico foi lançado pela Academia

Brasileira de Letras. A par de algumas regras racionais, continha outras que manifestavam desrespeito à tradição e à etimologia.

Foi compreendendo essa falta de aceitação total, por parte dos estudiosos, que o Governo Brasileiro, no intuito de solucionar de uma vez tão complexo problema, tornou oficial em todo território nacional o *Acordo* celebrado, em 1931, entre a Academia Brasileira de Letras e a Academia das Ciências de Lisboa. Mas, como surgiram outras dúvidas na aplicação do *Acordo*, em matéria de acentuação das palavras, estas foram sanadas pelo Decreto-lei nº 292, de 23 de fevereiro de 1938.

Posteriormente, dois outros *Acordos* foram celebrados entre representantes de um e do outro país: o de 1943 e o de 1945. Porém, depois de muita discussão, o Congresso Nacional pronunciou-se pelo de 1943, que mereceu a sanção do Governo, sendo, por conseguinte, adotado em todo território nacional. Porém, em Portugal, é usado o de 1945.

Para Pereira (1954), ortografia (gr. orthos = correta, graphia = escrita) se define como a correta transcrição dos vocábulos. Os sistemas ortográficos são diversos modos de transcrição ou transliteração dos fonemas vocabulares. Para o autor, a história da ortografia também se divide em três períodos. Todavia, o período simplificado, para ele, é denominado, misto. E atenta, ainda, para o emprego das letras k, w e y, ao afirmar que:

- O k é substituído por -qu- antes de “e” e “i”, e por “c” antes de qualquer outra letra: breque, caqui, caulim, faquir, níquel, etc.

Atribui, ainda, os valores fonéticos das consoantes da seguinte forma:

- O “g” é gutural antes de “a”, “o”, “u” e palatal antes de “e”, “i”, como por exemplo: gado, gozo, gula, gênio, gigante. Para indicar valor gutural antes de “e”, “i”, intercala-se um “u”, que ora soa, ora não. Como em:

“Sonoro” – argüir, arguo.

“Insonoro” – extinguir, guerra.

- O j é *lingual-palatal, constricta*, branda e não perde nem altera o seu valor fonético – jacto, justo, objeto.

Já no século XVI, na fase fonética da ortografia portuguesa, encontram-se considerações de João de Barros (1971:377;381) para as letras “g” e ”j” e que, de certa forma, estão presentes no texto de Pereira (1954). A ortografia, segundo João de Barros, é uma palavra grega e quer dizer ciência de escrever corretamente. Esse gramático destaca algumas letras e suas diferenças de uso:

G – tem diferenças em seu serviço quando se junta às vogais, porque não pronunciamos ga, go, gu como ge, gi, pois estes têm a pronúncia de je, ji. E para juntarmos à letra g as vogais e, i, para que façam a prolongação de ga, go, gu, é necessário que a letra u, seja representada como: guerra, Guilherme. Porque como os latinos não podem dizer Che, chi sem a letra h, assim nós não podemos dizer: que , qui , senão mediante de u. E porque muitos confundem ortografia nestas duas sílabas ge, gi, escrevendo je, ji...

J – longo servirá em todas as dicções que começarem nele: ao qual se segue a vogal como: jáço, jantar, jejuar, Joane, justiça, etc. E a vogal onde ele fere se pode chamar ferida; e então serve de consoante.

Carvalho e Nascimento (1969) também concordam com os postulados anteriores. E atentam, ainda, para o fato de que, em 1943, há um novo entendimento entre os dois países, e a Academia Brasileira de Letras publica o Pequeno Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (PVLO), cuja ortografia é exigida oficialmente até os nossos dias. Esse sistema luso-brasileiro de 1943 veio dar soluções a várias indecisões ortográficas, dentre as quais se destaca:

- Distinção entre G e J

a) o “g” português representa geralmente o “g” latino: gelu > gêlo;  
agitare > agitar;

b) o “j” português provém:

1- da consonantização do i semiconsoante latino: iactu > jeito; iam > já;  
maiestate > majestade;

2- da palatização do s + i, ou do grupo di + vogal: basiu > beijo; caseu >  
queijo; hodie > hoje; radiare > rajar.

O acordo ortográfico de 1943 manteve a supressão do k, y e w.

Frente ao exposto, verifica-se que o tratamento dado à História da Ortografia Portuguesa, apresenta pistas para a definição de regras de uso dos grafemas “g” e “j”. Todavia, não fazem esta distinção.

Entre as diferentes obras que tratam da História da Ortografia Portuguesa, na edição comentada, atualmente, da gramática de João de Barros (1971:295), encontra-se a preocupação do autor, no século XVI, de definir letra, embora não a diferencie de grafema:

é a menor parte de tudo que se pode escrever, a que os latinos chamaram nota e os gregos caractere, e por cuja valia e poder formam-se as palavras. Chamadas de primeiros elementos da linguagem. Do ajuntamento das letras por ordem natural se entende cada um em sua linguagem através do ABC. Assim, as letras adquiriram nome, figura e poder.

Dessa forma, faz-se necessário, ainda, tratarmos da História da Ortografia Portuguesa a partir do latim.

### 1.3 Do latim ao Português

Como os historiadores da ortografia portuguesa referem-se ao “g” latino velar e após a sua variação histórica palatal [ž], este item apresenta um conjunto de considerações que se fizeram necessárias para situar do latim ao português o momento da palatização.

A língua latina era falada pelos Romanos que, levados pelo seu espírito dominador, fundaram um dos maiores impérios da Antiguidade, estendendo-se do Atlântico ao Índico e do mar do Norte aos montes e desertos do Norte da África.

Segundo Figueiredo e Ferreira (s/d), foi no final do século III a.C. que os Romanos começaram a conquistar a Península Ibérica, porém, século e meio depois, já a dominavam completamente e mantiveram esse domínio durante cerca de 600 anos.

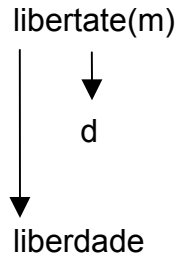
Os povos da Península, numa convivência com os dominadores, nos tribunais, nos templos e na vida diária, perceberam a necessidade de aprender o latim falado pelos colonizadores. O latim, no entanto, foi-se modificando pouco a pouco, o que deu origem às línguas faladas na Península: *Português* (com o Galego), *Espanhol* e *Catalão*. O Português foi, em verdade, o resultado da lenta evolução do latim falado na faixa ocidental da Península. Outras línguas, no entanto, são faladas hoje na Europa, provindas do latim: o francês (com o provençal), o italiano (com o sardo) e o romeno que, com a evolução do latim falado foram chamadas línguas românicas, neolatinas ou novilatinas.

No que se refere ao português, houve a seleção do caso acusativo das declinações latinas para a manutenção de palavras provenientes do latim, em português, salvo algumas exceções. Para exemplificar, apresenta-se o nominativo e o acusativo da palavra latina que significava <<liberdade>>:

Nominativo: *libertas*

Acusativo: *libertatem*

O confronto entre os dois casos e a palavra portuguesa, mostra que foi “libertatem” e não “libertas” que deu origem à “liberdade”:



Essa seleção decorre de ser o latim uma língua mais paradigmática do que sintagmática e, por essa razão, ocorre a presença das declinações latinas. A língua portuguesa é mais sintagmática do que paradigmática e a estrutura da frase organizada pela ordenação de seus sintagmas propiciou que se dispensasse os casos de declinação latina.

Os autores, ao tratarem da História da Língua Portuguesa, postulam que o étimo é a palavra latina de onde se origina a portuguesa, como se pode verificar em:

aqua(m) é o étimo de água

libertate(m) é o étimo de liberdade

Portanto, para indicar a origem de uma palavra, costuma-se empregar dois sinais: > e <. Assim:

aquam > água (= aquam originou água)

água < aquam (água proveio de aquam)

Na medida em que as palavras portuguesas se originam do acusativo, são consideradas do caso etimológico. Outros casos foram substituídos na expressão das suas funções pelas preposições:

servae = *da escrava* ou *à escrava*

servis = *com os servos* ou *aos servos*

Observa-se, contudo, o fato de se encontrar vestígios dos casos latinos e outras classes de palavras, além dos substantivos, como é o caso dos pronomes que conservam, no português, a declinação latina.

Os romanos, ao formarem o grande Império Romano, foram orientados, politicamente, pela necessidade de manter uma unidade lingüística na diversidade de línguas faladas pelos povos dominados por eles. Por essa razão, impuseram a língua latina para todos os dominados no território desse grande império. Sabe-se, também, que a língua latina foi imposta em épocas diferentes, o que propiciou a imposição de variedades históricas diferentes. Sabe-se, ainda, que a língua latina é descrita por diferentes variedades lingüísticas, em seu uso, por exemplo: latim clássico, latim vulgar, latim castrense e latim bárbaro.

Said Ali (1923:1-25) reporta-se a Meyer-Lübke ao afirmar que as línguas românicas, vindas do latim, se dividem em: romeno, dalmatino, rético, italiano, sardo, provençal, francês, espanhol e português. Cada uma destas compreende, por sua vez, uma série de dialetos.

Todas essas línguas e dialetos originaram-se do latim; não do latim literário, que em muitos pontos era linguagem “artificial” (por ser escrita e padrão gramatical-normativo), mas do latim vulgar, isto é, da linguagem viva, do latim falado.

Assim, o latim se transformou em muitas línguas novas, principalmente, porque teve de se acomodar a antigos hábitos de pronúncia que os povos foram obrigados a adotar. E as modificações se davam não somente porque os órgãos de fonação, habituados aos sons da língua nativa, sentiam dificuldades em reproduzir sons estranhos, mas também porque os ouvidos percebiam mal, certos sons que não lhes eram familiares.

Para o autor, uma outra causa da modificação sofrida pelas línguas provenientes do latim, entre elas a Língua Portuguesa, decorre da queda do Império Romano e o aparecimento da Idade Média. A língua falada é atualizada como diferentes dialetos, ou seja, normas regionais. Como, politicamente, há necessidade

de uma unidade na diversidade dessas normas regionais, no momento da formação dos países europeus, com a queda do Feudalismo, elege-se um dos dialetos, por uma questão de prestígio, para este ser considerado língua nacional, a fim de ser empregado como “linguagem de chancelaria”, de forma a servir a escritura de todos os documentos oficiais. O dialeto, que se adotou na corte dos reis, passou a ser o falar da gente culta, ficando por fim, a linguagem usada nas produções literárias.

Segundo Said Ali (1923:24):

Depois de algum tempo a língua, assim constituída, emancipou-se necessariamente do falar regional que lhe deu origem. E, adotando um carácter de uniformidade, submetendo-se a regras de bom gosto e a normas gramaticais mais fixas: introduzem-se nela expressões novas, que em grande parte se vão buscar no latim. De popular (antigo dialeto) a língua oficial, adquiriu feição erudita e nobre, desprezando, por plebéias, certas maneiras de dizer que pareciam mal em boca de gente de educação mais fina. As inovações, tomadas do latim ou de outro idioma, eram pronunciadas com terminações e formas similares às que já andavam em voga. Fazia-se sentir a ação da analogia. Logo, homens começaram a reproduzir sons estranhos, tinham mais facilidade do que na época em que, pela primeira vez, aprenderam o latim e o substituíram pelo falar nativo. Vocábulos que, até então, penetravam no idioma, os chamados vocábulos de origem erudita ou culta, não eram sujeitos às mesmas alterações fonéticas de outrora.

A Língua Portuguesa constituiu-se através de dialetos falados ao norte de Portugal, mais precisamente entre as Regiões do Douro e Minho, quer dizer, interamnense, ou talvez o galego-português, variedade lingüística falada às margens do Minho.

Contudo, os mais antigos documentos escritos em português, que se conhecem, datam do século XII. Vê-se por eles que o idioma se formou em época muito mais antiga, pois a língua nos aparece já bem caracterizada e mais semelhante ao falar de hoje do que a língua latina. Essa antiguidade do idioma se confirma por alguns vestígios de português que são encontrados em documentos de latim bárbaro do século IX.

O século XII, todavia, sendo tomado como início do português histórico, distingue na evolução do idioma, dois períodos principais:

1- o do português antigo, que é a linguagem escrita usada até fins do século XV e ainda nos primeiros anos do século seguinte.

2- o do português moderno, que é a linguagem empregada dessa época em diante.

Os diferentes textos escritos dessa época mostram que o vocabulário português não é de exclusiva procedência latina e que, outros povos, que depois dos Romanos dominaram a Península Ibérica, deixaram vestígios de sua passagem. Nota-se, principalmente, no português antigo, a adoção de vários termos de origem árabe.

O português moderno subdivide-se nas fases quinhentista, seiscentista e atual, podendo-se admitir, como fase de transição, a fase seiscentista.

Todavia, os escritos quinhentistas ousaram romper com a velha tradição, pondo a linguagem escrita mais de acordo com o falar corrente, que nessa época se diferenciava bastante do falar de dois ou três séculos atrás. Dessa forma, com as primeiras gramáticas de língua portuguesa, a fase quinhentista dá ao uso vulgar do português o status de erudito.

Foram publicados em português quinhentista alguns romances de cavalaria, como a história do Imperador Clarimundo de João de Barros, e o Palmerim de

Inglaterra de Francisco de Moraes; mas a época foi, sobretudo, fecunda no gênero propriamente poético, e em narrações e descrições relativas às conquistas de ultramar. Sá de Miranda e Antônio Ferreira escreveram poesias e textos para o teatro português. E são seus contemporâneos muitos outros escritores igualmente ilustres, porém um se destacou, Luiz de Camões, com o imortal poema dos Lusíadas, publicado em 1572.

Camões não foi propriamente o criador do português moderno, porque essa nova linguagem escrita já vinha empregada por outros escritores. Mas libertou-a, sim, de alguns arcaísmos e foi um artista consumado e sem rival em aprimorar a frase portuguesa, descobrindo e aproveitando todos os recursos de que dispunha o idioma para representar as idéias de modo muito elegante, enérgico e expressivo. Ao ser reconhecida a superioridade da linguagem camoniana, a sua influência fez-se sentir na literatura, daquele momento até os nossos dias.

Nas descrições dos países de ultramar se revela o enriquecimento do vocabulário português, de um lado com termos asiáticos e africanos, de outro lado, com expressões das línguas brasílicas.

O século XVIII é o das academias literárias. Floresce a poesia tanto em Portugal como no Brasil. Mal se notam modificações na gramática e no encadeamento da linguagem (sintaxe da língua). Mas a atenção dos literatos vai-se dirigindo para a França, centro de movimento intelectual e de revolução política. A cultura e a língua francesas passam a ser, em Portugal, como em outras partes da Europa, a principal fonte de informação e inspiração para a Literatura, a Filosofia, as Instituições políticas e sociais. E assim, penetram no idioma português vocábulos criados no estrangeiro e postos em voga pelas necessidades da civilização moderna. Os puristas, no entanto, tentaram reagir contra a onda de galicismos que imaginaram ser uma ameaça para demolir tudo quanto é vernáculo. Conseguiu-se abafar várias expressões supérfluas, mas aquelas que satisfizeram as necessidades, que exprimiam com clareza e precisão idéias novas, incorporaram-se, definitivamente, ao português.

Dessa forma, observa-se que, na lenta evolução dos vocábulos (evolução fonética) latinos para os portugueses, ocorreram várias transformações que são denominadas por fenômenos fonéticos e são apresentados no item subsequente a este.

#### **1.4 A fonética histórica do português**

Na visão de Figueiredo e Ferreira (s/d), mesmo depois de fixada a língua portuguesa, continuou-se a observar muitos fenômenos que, ainda hoje, em alguns casos, permanecem vivos, quer na linguagem popular, quer na linguagem corrente. Porém, estas transformações visam à facilidade de articulação dos vocábulos por meio de alguns princípios que merecem ser destacados:

##### **1.4.1 Considerações a respeito das mudanças fonéticas no tempo**

Segundo Figueiredo e Ferreira (s/d), as mudanças são lentas e podem ser assim apresentadas:

- a) *Lenta evolução*: as transformações acontecem lentamente, através dos séculos;
- b) *Inconsciência na evolução*: os indivíduos falantes não têm consciência das transformações que resultam de uma tendência natural para reduzir, ao mínimo, o esforço necessário para a pronúncia de certos fonemas. É o que se denomina: *Princípio do menor esforço*.

Desta forma, entre os principais fenômenos operados nessas mudanças está a palatização, como veremos no item que segue.

##### **1.4.2 Considerações a respeito das mudanças que ocasionaram a palatização**

Segundo os Figueiredo e Ferreira (s/d), a palatalização ou palatização é a mudança do ponto de articulação de uma consoante para ser articulada na região palatal do aparelho fonador. A título de exemplificação, apresenta-se:

*hodie* > hoje  
*filii(u)m* > filho  
*ciconia(m)* > cegonha  
*plumbu(m)* > chumbo  
*flama(m)* > chama  
*clamare* > chamar  
*ovicula* > *ovic'la* > ovelha  
*inflare* > inchar

O fenômeno da palatização, antes de ocorrer, em língua portuguesa, decorre de diferentes mudanças:

a) sonorização

Verifica-se, pelos exemplos acima, os grupos fonéticos terem sido palatizados de modo a se transformarem, respectivamente, em:

- *di* > *j*; *li* > *lh*; *ni* > *nh*; *pl*, *fl* e *cl* > *ch* quando estão em posição inicial;
- *cl* e *fl* > *lh* e *ch*, quando estão em posição medial.

Os autores (s/d) ressaltam, ainda, que, no caso de “*di*,” tem-se a sua mudança em “*ç*”: *audio* > ouço.

Afirma Said Ali (1921), ao referir-se aos sons e sua representação, ser função da Gramática Histórica traçar e explicar, primeiramente, as modificações por que passaram os fonemas de uma língua no decorrer dos séculos. Os estudos dessas modificações por meio de textos de diferentes épocas históricas apontam, por um lado, a não oposição entre o português e o latim. Contudo, por outro lado, esse foco histórico não oferece à pesquisa fonética outra informação além das letras representadoras dos fonemas. Assim, a Fonética Histórica ocupou-se unicamente

dos casos em que a diversidade da escrita fornece elementos para o estudo da evolução dos fonemas, depois de constituída a Língua Portuguesa.

Além do processo de sonorização de consoante intervocálica por efeito da tônica precedente, houve também o da sonorização antecipada por influência da tônica subsequente: *seguro* (securu-), *maduro* (maturu-), *cegonha* (ciconia-), *sabor* (sapore-), *cabello* (capillu-), *lagosta* (locusta-), *agora* (hac hora), etc. É o caso da assimilação parcial regressiva.

A consoante “g” precedida de vogal e seguida de *a*, *o*, *u*, soaria na fase da formação do português, como oclusiva, do mesmo modo que em latim clássico, a julgar pela pronúncia que se conservou em *chaga*, *agouro*, *jugo*, *agosto*, *pagão*, *castigar*, *rogar*, *legume*, *praga*. Esta maneira de articular a consoante não seria um fato geral, porque não explica satisfatoriamente a mudança do fonema e sua absorção em *praia* (de *plaga*), *vaadio* (de *vagativu-*), *real* (de *regal-*), *meestre* < *maestre* (de *magistre*), *seeta* < *saeta* (de *sagitta*), *leer* (de *legere*), *leal* (de *legal*), e *eu* (de *ego*). Parece, a princípio, tratar-se de uma pronúncia variável, que oscilaria em “g” e “γ” ([ǰ]), à semelhança do que sucede em alemão moderno, e que em certos casos, pelo menos, se daria preferência à γ.

#### b) a queda da sonora intervocálica

Os estudos realizados em Fonética Histórica de Língua Portuguesa indicam que uma consoante surda intervocálica tende a sonorização, pela assimilação da sonoridade do contexto fonético vocálico; todavia, quando a consoante é sonora intervocálica, a tendência é desaparecer ou modificar-se, quando cai por síncope a opção é pela vogal, lei do menor esforço.

É filosoficamente mais fácil passar da fricativa γ para *i* ([dž]) do que da oclusiva *g* para *i*, e mais fácil seria também a sua absorção por uma vogal contígua. Parece, portanto, que *vaadio* se originaria de *vaydivo* < *vagadivo*; *real* < *reyal* < *rega*.

De *eyo*, e não diretamente de *ego*, procederia tanto o português *eu*, como espanhol *oi*, italiano *io*, etc.

Se *v* e *g* intervocálicos, preexistentes em latim, puderam persistir em muitos vocábulos portugueses, outro tanto não sucedeu a *d* intervocálico de igual procedência: *paraiso* (paradisus), *seer*, depois *ser* (sedere), *veer* (verdere), *creer* (credere), *pee*, depois *pé* (pede), *roer* (rodere) etc. Ao mesmo tempo em que a dental surda, em posição média, era sonorizada pela vogal tônica a que se encostava a dental sonora preexistente, em igual posição era absorvida pela mesma vogal tônica. Esta consoante soava talvez como fricativa, ao passo que, a outra era oclusiva.

Embora não tratem com especificidade dos grafemas “g” e “j”, os autores revisados, neste item, como Said Ali, abrem perspectivas para o tratamento grafemático dos dois subsistemas ortográficos do português, no Brasil: o etimológico e o fonético.

Os resultados obtidos de investigações e as considerações apresentadas a respeito da Gramática Histórica da Língua Portuguesa indicam momentos de variações fonéticas que ao se cristalizarem passam a ser grafadas na língua escrita.

### **1.4.3 Outras considerações a respeito das mudanças fonéticas**

Coutinho (1976) define a Fonética Histórica como um fato de fácil verificação em que os fonemas sofrem modificações e quedas, na passagem do latim para o português; porém, não é só o som que se modifica, mas também os órgãos do aparelho fonador que se dispõem de outro modo para o emitirem.

Dessa forma, para o autor, o estudo da evolução desses fonemas é o que, em Fonética Histórica, se define como vocalismo e consonantismo.

#### **a) Vocalismo**

É uma diversidade de evolução e se explica pela quantidade latina ou pela sua posição diferente na palavra. As vogais latinas, segundo a quantidade, podiam ser longas e breves. As longas obrigavam a uma inflexão mais demorada da voz;

sobre as breves quase não se insistia. Na emissão de uma vogal longa, os romanos demoravam o tempo equivalente ao de duas breves.

Em português, nos vocábulos dissílabos, a acentuação tônica recaía na primeira sílaba, contivesse esta ou não vogal longa. Nos polissílabos, porém, ficava condicionada à quantidade da penúltima sílaba. Assim, se esta era longa, nela recaía o acento; no caso contrário, a acentuação recuava para a antepenúltima.

Segundo o autor (Ibidem), a partir do século I, manifestou-se a confusão no valor quantitativo das vogais, no latim vulgar. Essa confusão tornou-se maior nos séculos posteriores, ocasionando o desaparecimento da quantidade, primeiro das vogais átonas (séculos III e IV), depois das tônicas (séculos IV, V e VI). Como quer que seja, ainda no século IV, não havia inteiramente desaparecido a distinção quantitativa. Por sua vez, desaparecida a quantidade, as vogais passaram a diferenciar-se somente pelo timbre (atualmente, tratado como grau de abertura vocálica). O acento tônico, entretanto, foi conservado.

No desenvolvimento natural do latim vulgar, o português deu-lhe igual tratamento. Os desvios que, por acaso, se verificam entre os lusófonos, neste ponto, exigem uma explicação especial.

As vogais podem, segundo a posição, situarem-se antes da sílaba tônica, nesta sílaba ou depois dela. Daí a sua classificação em *pretônicas*, *tônicas* e *postônicas*.

Coutinho (1976) trata das semivogais, no vocalismo da língua portuguesa, e insere a palatização do iode.

O autor (1976:107), embora grafie com “i”, trata de [y]. Assim:

- i > j: iam > já, ianuariu > janeiro, iocu > jogo, iuvene > jovem, ieiunare > jejuar,

cuu > cujo, puleiu > poejo. Diz Grandgent, que “o”, “i” e “o”, “u” seguidos de uma vogal e começando sílaba, eram pronunciadas como consoantes desde

os tempos primitivos. A letra j era desconhecida do latim. Só a partir do Renascimento é que ela passa a ser usada nos textos para substituir a semivogal i.

## b) Consonatismo

Coutinho (op.cit:114) trata, no item consonantismo, da palatização da velar /g/. Segundo o autor:

-g- (antes de a, o, u) pode: a) permanecer: paganu > pagão, rogare > rogar, navigare > navegar, rigo > rego, nego > nego, agustu por augustu > agosto; b) vocalizar-se: plaga > praia, sagu > saio; c) cair: \*vagativu > vadio, ligamen > liame, legale > leal, aligare > aliar. Tem-se procurado em vão justificar esta evolução diferente, admitindo que o -g- cai antes do acento e permanece depois. Os casos discordantes como rogar, negar etc., se explicariam por analogia com rogo > rogo, nego > nego, onde o -g- é postônico. Em eo por ego > eu, a queda já se efetuara no latim vulgar. Ruga > rua é empréstimo tomado ao francês.

-g- (antes de e, i) adquire som fricativo palatal, mantendo-se numas palavras, caindo noutras: rugire > rugir, mugire > mugir, ferrugine > ferrugem; - legenda > lenda, tagenia > tainha, regina > rainha, magis > mais, sigillu > selo, digitu > dedo, navigiu > navio, grege > grei, lege > lei, rege > rei, cogitare > cuidar. Afirma Grandgent que lê se tornou pré-palatal (i) no século IV: Gerapolis por Hierapolis, no Appendix Probi, encontra-se calcosteis non calcoteis.

Da mesma forma, o autor (op.cit:127-128) trata das letras “j” e “g”, no consonantismo da língua portuguesa, da seguinte maneira:

Consoante seguida da semivogal -i-:

Nos grupos assim formados, a consoante ou se palatiza, ou se assibila, ou se mantém

inalterável:

a) Palatiza-se, passando às vezes a semivogal para a sílaba anterior, com cuja vogal

forma ditongo, ou fundindo-se com a consoante num só som:

-si- > -ij-: basiu > beijo, caseu > queijo, \*laesione > aleijão, eclésia > igreja (arc.) >

igreja).

-di- precedido de vogal > -j-: fodiou > fojo, hodie > hoje, insidiare > ensejar, invidia >

inveja, podiu > pojo, vídeo > vejo. Cai o -d- em palavras semicultas: fastidoo > fastio,

mediu > meio, modiu > moio, prefidia > perfia ou porfia, radiu > raio. Precedido de

consoante ou ditongo, dá -ç-: ardeo > arco (arc.), frondea > frança, ver(i)dia > verça,

verecundia > vergonça (arc.), perdeo > perco (arc.), audio > ouço, Gôdo (< gáudio) é

possivelmente empréstimo do castelhano.

-gi- > -j-: fugio > fujo, pulegio > poejo, \*spongia > esponja. Em palavras de introdução

posterior ou semicultas, a velar cai: corrigia > correia, exagiu > ensaio, navigiu >

navio. Acha, todavia, Williams que se trata de empréstimos, as duas primeiras do

espanhol, a última de um dialeto da Itália.

Carvalho e Nascimento (1969) tecem considerações que podem servir de pistas para definir os grafemas “g” e “j”. O tratamento dado está inserido no fenômeno de consonantização e no fenômeno de palatização.

No fenômeno de consonantização, os autores (idem:38) afirmam:

- Consonantização – é a transformação de uma vogal a consoante. Dão-se casos de consonantização com as semivogais -i- e -u- latinas, que passam, respectivamente a -j- e -v-.

iam > já  
 Iesus > Jesus  
 uita > vida  
 uacca > vaca

No fenômeno de palatização, os autores (idem:40), afirmam:

Palatização – é a transformação de um ou mais fonemas em uma palatal.

(...)

d (e, i) + vogal > J vídeo > vejo  
 hodie > hoje  
 invidia > inveja

(...)

s (i) > J cerevisia > cerveja  
 basiu > beijo  
 acclesia > igreja

Em relação ao uso das letras “g” e “j” em grafias verbais, os autores (idem:64) consideram:

Gy palatizou-se a j.  
 fugio > fugyo > fujo  
 angelu > angeo > angyo > anjo  
 spongia > spongya > esponja

Sá Nogueira (1938:3) apresenta também algumas considerações a respeito da mudança de /sya/ > “j” :

ecclesia- > \*eicreja > eigreja > igreja; joc(u)lare > \*jocrar > jogar > jogral (por dissimilação); saec(u)lare- > \*secrar > segrar > segral (por dissimilação).

O autor (1938:266) oferece uma história das vogais e das consoantes da língua portuguesa, que trata de “g”:

- Inicial seguido de vogal – quando era inicial mantinha o seu valor primitivo de  $\gamma$ , se era seguido de *a*, *o* ou *u*; se, porém, era seguido de *e* ou *i*, o seu valor primitivo

alterava-se em *j*:

Ex. : gallicu- (sc. canis) > galgo; gallina- > galinha; gallu- > galo; \_\_\_ gothu- > godo;

\_\_\_ gubernaculu- > governalho; gubia- > goiva; gurdu- > gordo; gustu- > gosto; gutta-

> gota; \_\_\_ gelar > gear; geminu- > gêmeo; generu- > genro; genetivu- > gentio;

gente- > gente; gigante- > gigante; gyru- > giro.

- Entre vogais – quando estava entre vogais, sendo a segunda *a*, *o* ou *u*, umas vezes

caía e outras mantinha-se com o seu valor primitivo de  $\gamma$ ; se a segunda era *e* ou *i*, tomava o valor de *i*, e em regra caía depois:

Ex. : legale- > leal; ligame- > liame; litigare > lidar (arc.); regale- > real; ruga- > rua;

striga- > estria; togalia- > toalha; vagatuvu- > vaadio > vadio; \_\_\_ ego > eu; \_\_\_ sagu-

> saio; \_\_\_ negare > negar; paganu- > pagão; pelagu- > pego; plāga- > chaga; plāga-

> praga (a par de praia); rogare > rogar; ruga- > ruga (a par de rua); \_\_\_ colligere >

colher; grege > grei; legere > ler; lege- > lei; quadragesima- > quaraesma > quaresma

> coresma (arc. e pop.); rege- > rei; \_\_\_ legitimu- > \*leidimo > lídimo; \*novaginta (por

nonaginta) > noventa; \*octaginta (por octoginta) > oitenta; quadraginta > quarenta e

corenta; quinquaginta > cinqüenta; regina- > rainha; sagitta- > saeta > seta;  
 \*septaginta (por septuaginta) setenta: sexaginta > sessenta; sigillu- > sêlo; vagina- >  
 bainha; viginti > vinte.

- Entre ditongo e vogal – quando estava entre ditongo e vogal mantinha-se:  
 Ex. : auguriu- > agoiro; augustu- > agosto.

- Entre vogal nasal e oral – quando estava entre vogais, sendo nasal a primeira,  
 mantinha-se:

Ex. : angelu- > angeo (arc.) > anjo; anguilla- > enguia; cingere > cingir; fingere > fingir;  
 jungere > jungir; longe > longe; longu- > longo; tangere > tanger; tingere > tingir.

- Em grupo com / de sílaba inicial – quando formava grupo com / em sílaba inicial, caía  
 às vezes, e outras, esse grupo era substituído por *gr*.  
 Ex. : glande- > lande; glandula- > lândoa (arc.); glatire > latir; \*glebea- (por gleba-) >  
 leiva; \*glirone- (< glis, gliris = rato silvestre) > lirão (certo peixe); globellu- > lovelo >  
 nôvelo: \_\_\_ gloria- > goria > grolia (arc.); glute- > grude.

- Em grupo com / em sílaba postónica – quando formava grupo com / em sílaba  
 postónica, esse grupo era regularmente substituído por *lh*, se era precedido de vogal  
 oral; se era precedido por vogal nasal, era substituído por *nh*.  
 Ex. : cig(u)la- (por cingula-) > cilha; coag(u)lu- > coalho; reg(u)la- > relha (a par de  
 regra e de régua); teg(u)la- > telha; trag(u)la- > tralha; \_\_\_ cing(u)la- > cinha;  
 sing(u)lu- > senho; ung(u)la- > unha.

Exceto: regula- > regra e régua.

- Em grupo com *m* – quando formava grupo com *m*, caía sem deixar vestígios:  
 Ex. : augmentare > aumentar; pigmenta > pimenta; \_\_\_ phlegma > freima.

- Em grupo com *n* – quando formava grupo com *n*, e esse grupo se encontrava entre vogais, reduziam-se os dois a *nh* em regra, mas às vezes caía o *g*, e às vezes era

substituído por *i* (vocalização):

Ex. : agnome- > anhome (arc.); agnu- > anho; cognatu- > cunhado; cognome- > conhome (arc.); cognoscere > conhocer (arc.) > conhecer; designare > desenhar; lignu- > lenho; pignore- > penhor; praegnare > prenhar; pugnare > punhar (arc.); pugnu- > punho; quam magnu- > camanho (arc.); signa > senha; tam magnu- > tamanho; \_\_\_ benignu- > benino (arc.); dignu- > dino (arc.); signale- > sinal; signu- > sino; \_\_\_ Agnes > Einês > Inês; regnu- > reino.

- Em grupo com *r* – quando formava grupo com *r* mantinha-se, se o grupo era inicial; se o grupo era intervocálico, era substituído por *i* (vocalização):

Ex. : graculu- > gralho; granatu- > grado; granu- > grão; granutu- > graúdo; grave- > grave; grege- > grei; grupu- > grupo; \_\_\_ agru- > agro; nigru- > negro; pigritia > pegriça (arc.) > preguiça (por metátese); tigre- > tigre; \_\_\_ flagrare (por fragrare, por dissimilação) > cheirar; intégru- (por intrgru-) > inteiro: agru- > airo (em Castro Daire, talvez por falsa etimologia, aproximado do castelhano aire). (op. Cit. 266-268).

Na história do “v” , o autor (op.cit.:278) refere-se também a [ž]:

Entre vogal a *i* seguido de vogal – quando estava entre vogais, sendo a segunda *i* seguida de qualquer outra vogal, o agrupamento *vi* era substituído por *ji*:  
Ex. : leviariu- > ligeiro.

Na história do “s”, o autor (ibidem:288), refere-se a:

- Entre vogal e *i* seguido de vogal – quando estava entre vogal e *i* seguido de vogal,

dava-se a metátese do *i* e passagem do *s* a *j*:

Ex. : basiu- > beijo; caseu- (= casiu) > queijo; ecclesia- > igreja, igreja; laesione- >

aleijão.

Williams (1975:72) afirma que, para:

- g inicial do lat. cl. Seguido de e ou i (lat. vulg. [j]) > port. g [ð]: genūcūlum >

geolho > joelho; gīngīuam > gengiva; gēnērum > genro; gentem > gente.

a) as modificações através das quais esse som passou foram as seguintes: [g]

> [gj] > [j] > [dð] > [ð].

O autor acredita que, em latim vulgar, o “z” por vezes se confundiu com “d” mais iode. Isso talvez tenha ocorrido em gengibre (de zingīber), ou o “z” talvez se tenha assimilado ao “g” da sílaba seguinte.

Ao tratar da velar + u, Williams (1975:76;78) afirma:

- o gu [gw] inicial ocorre apenas em palavras de origem germânica. Onde a vogal

seguinte é e ou i, o [w] desaparece: wardōn > guardar; \*werra (REW) > guerra; wīsa >

guisa.

- g intervocálico do lat. cl. seguido de e ou i, fundiu-se com o e ou i seguintes:

magīstrum > mestre > mestre; rēgīnam > rainha; sīgīllum > sello > sêlo; uīgīntī >

viinte > vinte; cōgītāre > cuidar; dīgītum > dedo; frīgīdum > frio; grēgem > grei; lēgem

> lei; rēgem > rei.

#### 1.4.4 Considerações a respeito das formas derivadas em língua portuguesa

Neste item, são apresentadas considerações a respeito da derivação sufixal em virtude de existirem três sufixos de língua portuguesa, dois grafados com “g” e um grafado com “j”:

“-agem” e “-ugem”, para a formação de nomes em português, de origem latina; e “ejar”, para a formação de verbos.

Coutinho (1962:170) situa as letras “g” e “j” na derivação sufixal de substantivos, adjetivos e verbos:

**-agem, -adego, -adigo, atico** – Do latim -aticu se originaram estas diversas terminações: -adigo e -adego que ocorreram em português antigo padroadigo (Auto de part. Apud Nunes, Chrest. Arch. 11), compadradigo (F. Lopes, D. J. 359), achadego (Ord. D. Man. 5, tit. 41) e outros. **-atico** só aparece em termos da linguagem culta. **-agem** produziu o adjetivo selvagem, também usado como substantivo, e uma série de substantivos que, em português moderno, são todos do gênero feminino, excetuando personagem, termo que se usa ora no masculino, ora no feminino. Este sufixo tem sentido muito variável, como podemos observar em plumagem, ramagem, pastagem, roupagem, ferragem, folhagem, acrescenta aos termos derivantes a noção coletiva; portagem, barcagem, carceragem, fumagem e significam certos impostos; abordagem, hospedagem, malandragem, ladroagem, vadiagem, aprendizagem que denotam atos ou estados.

**-ugem** – São poucos os derivados com esta terminação: ferrugem, salsugem, pennugem, rabugem, lanugem, babugem, amarugem, lambugem.

**-ejar** - forma principalmente, verbos com significação freqüentativa: apedrejar, forcejar, gargarejar, lacrimejar, gotejar, gaguejar, esbravejar, voejar, etc. Assim, de alguns nomes de cores derivam-se ainda, por meio deste sufixo, verbos que exprimem “mostrar cor do verde, negra, etc”, como: verdejar, negrejar, branquejar e amarellejar.

## **1.5. considerações a respeito da formação histórica de uma língua**

Os estudiosos da história de uma língua diferenciam os termos substrato, adstrato e superestrato, de modo a proporcionar ao leitor entender algumas diferenças em relação à formação das palavras em uma determinada língua.

### **1.5.1 Substrato**

Segundo Mattoso Câmara (1964:333) o substrato é o nome que se dá a língua de um povo que é abandonada e esquecida em proveito de outra que a ele se impõe, resultante, de forma geral, de uma conquista política. O substrato persiste no léxico da nova língua, que se enriquece com um resíduo de palavras e pode ainda aí introduzir traços morfológicos e fonéticos, de forma a estabelecer uma variedade de empréstimo lingüístico. Assim, no léxico português, encontra-se um substrato pré-romano em topônimos como *Coimbra*, *Lima* e em alguns nomes comuns como *arroio*, *baia*, *lousa*, *cama*.

O autor (op.cit:333) afirma, ainda, que:

Muitos lingüistas encaram a adoção de traços fonéticos de um substrato, não como um empréstimo rigoroso do termo, mas como a consequência ampla de uma necessidade imperativa fisiológica, por que o povo que adota uma nova língua usa na sua fonação as articulações a que estava habituado na língua abandonada. Essa teoria, porém, chamada por excelência “a teoria dos substratos”,

é simplista e inexata em face da complexidade e do lento trabalho de substituição de uma língua. Seria, por exemplo, temerário atribuir à evolução fonética do românico; lusitânico, a substratos pré-romanos.

Em relação ao português do Brasil, há que levar em conta substratos indígenas

em áreas dialetais, sertão adentro, em que a colonização portuguesa se diluiu numa população indígena, que passou a falar português. Mas o acervo de palavras de origem indígena na língua comum são tupinismos provenientes do uso do tupi na catequese e no processo de aculturação dos indígenas na época colonial, sob o aspecto de adstrato ao português.

Todavia, para o autor, pode-se ainda falar num substrato africano, decorrente das levas de escravos negros trazidos para o Brasil na sua fase de colônia e dos seus primórdios como nação independente, aparente nos africanismos; aí, o substrato fonético pode ser levado em conta em alguns fenômenos do português popular do Brasil como a iotização, por exemplo: *famia*, *aio*, *faia*, “família, alho, falha”. Mas, não houve qualquer empréstimo de fonema africano ou qualquer articulação especial para os fonemas em virtude de peculiares hábitos articulatórios africanos.

Em síntese, no que se refere ao português o substrato celta e ibero é abandonado e esquecido em proveito do latim.

### 1.5.2 Adstrato

Mattoso Câmara (1964:334), por sua vez, descreve o adstrato como toda língua que convive ao lado de outra num território dado e que nela interfere como fonte de empréstimos.

Na História do Português, é particularmente importante o adstrato árabe, decorrente da ocupação moura da Península Ibérica do século VIII, ao lado do romance. Para o autor, é desse adstrato que provém a grande massa de palavras de origem árabe presentes no português.

No Brasil, há adstratos do português, palavras do alemão, do sírio, do japonês, originadas do uso de imigrantes dessas nacionalidades em várias regiões geográficas brasileiras. O mesmo ocorre com palavras vindas da língua geral, ou seja, do tupi como forma normalizada e disciplinada das línguas indígenas do Brasil para fins de catequese.

### 1.5.3 Superestrato

Face ao exposto, o autor descreve o superestrato como um nome que se dá a língua de um povo conquistador, quando ele a abandona para adotar a língua do povo vencido, por estar num grau de civilização mais adiantado.

No entanto, o superestrato persiste no léxico da língua adotada, que se enriquece com termos referentes a traços específicos da cultura da outra língua.

Mattoso Câmara (1964:334), afirma, ainda:

As línguas germânicas no território da România com as invasões bárbaras

constituíram superestratos do latim. Daí provém o apreciável acervo de germanismos nas línguas germânicas, particularmente referentes à arte da guerra e a certas instituições e costumes, como – “guerra, trégua, elmo, estribo, espora, feudo, garbo, galhardão”; adjetivos como – “branco, morno, rico, ufano”; verbos como – “roubar, talar, brandir, agasalhar”; e dignos de nota, os nomes dos pontos cardeais que se substituíram aos termos latinos – “norte, sul, este, oeste”. A morfologia destes termos é inteiramente latina, com adaptação ao semantema germânico dos morfemas flexionais latinos (flexões verbais, flexão nominal de número etc.). Os traços fônicos germânicos também foram substituídos de acordo com o sistema fonológico românico, por exemplo: /w/ > /g/, como em “guerra”.

Em síntese, o superestrato compreende elementos da língua do povo conquistador, abandonada por ele para adotar a língua do povo vencido, e que permanece na língua do vencido, utilizada pelo conquistador.

Os substratos são elementos da língua de um povo que são abandonados e esquecidos em proveito de outra, de forma a persistir na nova língua.

Os adstratos são elementos de duas línguas que convivem entre si se influenciando sem imposição política.

Compreende-se, portanto, que a língua portuguesa é a língua latina viva hoje, mas que se diferencia de outras línguas como o espanhol, o francês, o italiano, devido à diferença de substratos, adstratos e superestratos.

A exemplificação apresentada neste item é relativa à História do português em suas origens e neologismos; e estas noções podem ser aplicadas em relação ao português brasileiro atual.

## 1.6 Considerações sobre guias ortográficos brasileiros da língua portuguesa

Em seu *Guia Prático de Ortografia*, Luft (1976) afirma que o alfabeto português consta modernamente de vinte e três letras: **a, b, c, d, e, f, g, h, i, j, l, m, n, o, p, q, r, s, t, u, v, x, z.**

Para tanto, essas letras recebem nomes: **á, bê, cê, dê, é, efe, ge, agá, i, jota, ele, eme, ene, ó, pê, quê, erre, esse, tê, u, vê, xis e zê.** As letras efe, gê, ele, eme, ene, erre também recebem os nomes de **fê, guê, lê, me, nê, rê,** principalmente quando se deseja marcar o seu valor fonético. Existe ainda a variante **ji**, para o jota (Bahia, Sergipe, Alagoas).

Estas vinte e três letras, entretanto, não apresentam todo o sistema gráfico português. Assim, contadas todas as variações, caracteres e sinais diacríticos, dígrafos e valores duplos, chegam a quase cinqüenta símbolos: **a, á, à, â, ã, b, c, ç, cc, cç, ch, d, e, é, ê, f, g, gu** (u insonoro), **gü** (u sonoro), **h, i, í, j, l, lh, m, n, , nh, o, ó, ô, õ, p, qu** (u insonoro), **qü** (u sonoro), **r, rr, s, sc, sc, ss, t, u, ú, x, x, z.**

Luft (ibidem:38-39), por sua vez, trata dos grafemas “g” e “j” da seguinte forma:

### - G, e não J

- 1- De origem latina ou grega: agir, falange, frigir, gesto, tigela...
- 2- Procedência árabe (z): álgebra, algeroz, ginete, girafa, giz...
- 3- Em estrangeirismos que têm esta letra na língua originária: agiotagem, geléia, herege, sargento, sege (fr.); ágio, doge, gelosia (ital.); gitano (cast.); gim (ingl)...
- 4- Nas terminações *-agem, -igem, -ugem, -ege, -oge*: malandragem, vertigem, ferrugem, frege, sege, paragoge...

- Logo, como exceção o autor propõe: lajem, pajem... O **PVOLF** (Pequeno Vocabulário da Língua Portuguesa) registra, ainda, que as palavras, micajem e lambujem sejam grafadas com “g” por ser mais apropriado.

5- Nas terminações *-ágio, -égio, -ígio, -ógio, -úgio*: estágio, egrégio, remígio, relógio, refúgio... Verbos em *-ger* e *-gir*: eleger, proteger, fingir, fugir, mugir, submergir...

6- Em geral depois de “r”: aspergir, divergir, submergir, etc.

- Com exceção de: alforje, caborje – e derivados com “j” radical: gorjeta, sarjeta.

7- Em palavras derivadas de outras que já têm “g”: viageiro, ferrugento, rabugento, vertiginoso...

8- Nos vocábulos gerir, gestão e derivados: dig., ing., sug.

9- Depois de “a” inicial: agente, ágil, ágio, agir, agitar.

- Com exceção de: ajedra, ajenil, ajimez – que são palavras raras – e derivadas prefixais de outras com “j” inicial: ajeitar, ajesuitar...).

10- Sempre que a palatal não for rigorosamente etimológica, usa-se “j” como em jibóia, jiçara, jimbo, jingo (...)

A seguir, Luft (ibidem:39) apresenta uma listagem de palavras ortograficamente escritas:

- adágio, agenda, agiota, alfageme, algema, algibebe [é], algibeira, angélico, Angelim, Angelina, angico, angina, apogeu, aragem, gebo, Gedeão, Gêiser, gelágio, geléia,

gelosia [í], gêmeo, gengibre, gengiva, gerânio, gergelim, geringonça, Gertrudes,

gesso, gesto, giba, gibi, Gibraltar [tár], giesta, gilete [lê], gilvaz, gim, ginete, gingar,

Argel/Argélia, argila, auge, babugem (s.), Bagé (mas bejeense), Bocage, bridge, Cartagena, digerir, digestão, Diógenes, doge [ó], dragéia (vulg. drágea), efégie, egrégio, estrangeiro, evangelho, Evangelina, exegese [é], falange, ferrugem, frege,

frigir, fuligem, garagem, geada, girafa, girândola, gíria, giz, Hégira, herege, Ifigênea,

impingem, impingir, lanugem, ligeiro, megera [é], miragem, monge, mugir, mungir,

ogiva, Orígenes, rabugem, rabugento, rabugice, rangífer (o), regurgitar, rigidez,

rugido, salsugem, selvagem, sege [é], Solange, sugerir, sugestão, tangente, tanger, tangível, tangerina, tigela, túrgido, vargem, vagido, vagina, várgea, vargado [ê], vargem, vertigem, viajero, viagem (s.), vigência, Virgílio.

O autor (ibidem:40) postula também:

**- J, e não G**

1-De origem latina “i” ou “j”, “bi”, “di”, “hi”, “si”, “vi”: jeito, majestade, hoje, jeira, cerejeira, lájea...

2-De origem árabe, tupi-guarani e africana: alfanje, alforje, mujique; jê, jerivá, jibóia, jirau; caçanje.

3-Escreve-se em formas derivadas de outras que já têm “j”: encorajar – ancoraje (s), encorajem; gorja – gorjear, gorjeio, gorjeta; laranja – laranjeira, laranjinha; lisonja – lisonjear, lisonjeiro; loja – lojista; manjar – manjedoura; rijo – rijeza, enrijecer (cp. rigidez); São Borja – são-borjense; sarja – sarjeta; viajar – viaje (s), viajei, viajemos, viagem (cp. viagem, s.).

4-Sempre que a etimologia não justificar um “g”, representa-se o som palatal por “j” (é o caso de vocábulos indígenas, africanos e exóticos) como: caçanje, jia, jerico, jimbo, jiu-jitsu, manjericão, manjerona, pajé...

5-Nos substantivos dos verbos terminados em *-jar*: arranje, despeje, esbanje, suje, viaje, etc.

6-Quando houver terminação *-aje*: gaje, laje, traje, ultraje...

- Com exceção da palavra francesa *garage*, há muito aportuguesada em *garagem*.

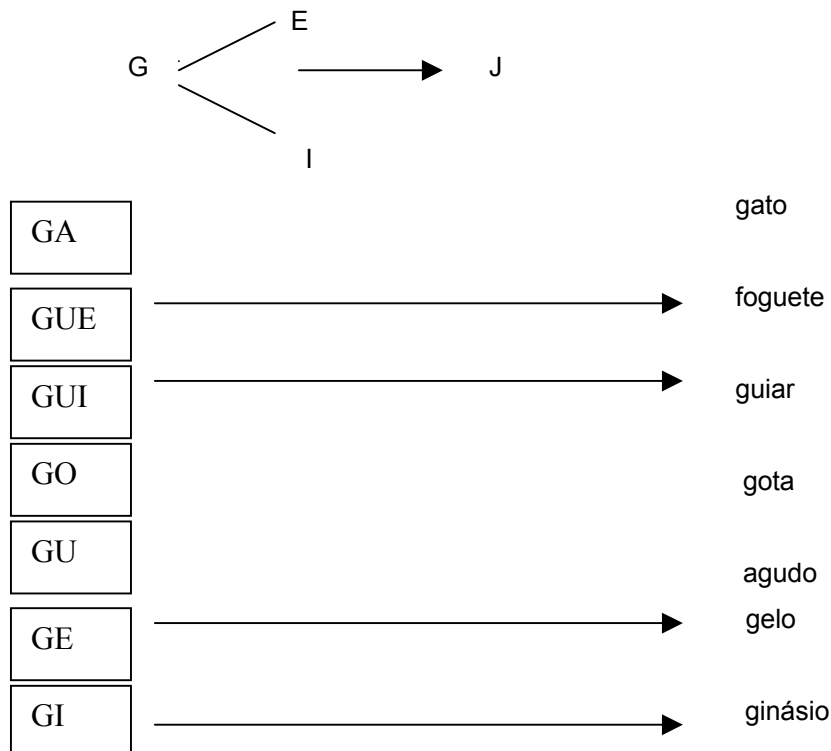
A seguir, Luft (1976:41) apresenta uma listagem de palavras ortograficamente escritas:

- ajeitar, alfanje, alforje [ó], anjinho (<anjo), babuje (m) (v.), bajeense, berinjala, burjesso (melhor seria burgesso), caçanje, cafajeste, canjerê, canjica, canjirão, cerejeira, cervejeiro, desajeitado, encoraje (f.v.), enjeitar, enjerir-se, enrijecer (<rijo), gaje, gajeiro, gorjear, gorjeio, gorjeta, granjear, granjeiro, injeção, interjeição, intrujice,

jê (índio), jeca [é], jeca-tatu, jeito, Jeni, jenipapo, jequitibá, Jeremias, jericó, jerimum, jervá (jeribá), Jessé, jesuíta, jetica, Jezabel, jibóia, jiboiar, jinjibirra, jirau, jiu-jitsu, laje (e deriv.), Lajeado, Lajes, lambijem (melhor seria lambujem: cp. babugem), laranjeira, lisonjear, lisonjeiro, lojeca, lojista, majestade, majestoso, manjedoura, manjeriço, manjerona, micajem (melhor seria micagem), Moji, mojica, mujique, objeção, ojeriza, pajé, pajem, Pajeú, pegajento, peje (m) [ê] (v. pejar), projeção, projétil/projetis (ou projétil/projéteis), rejeição, rejeitar, rijeza (<rijo), sabujice, sarjeta, sobejidão, traje (v. e s.), trejeito, ultraje (v. e s.), varejeira, varejista, viagem (f. v.).

Ramanzini (1990), em seu *Guia Prático de Ortografia*, em relação à letra “g”, ressalta que a confusão entre o “g” e o “j” só pode ocorrer quando o “g” for seguido de “e” ou “i”.

Segundo o autor (ibidem:47), é possível de se visualizar o uso das letras “g” e “j” no seguinte quadro:



Dessa forma, o autor (ibidem:50) postula o emprego da letra “g” em:

1-Palavras com as terminações *-agem, -igem, -ugem*: folhagem, selvagem, ramagem, vertigem, fuligem, impingem, ferrugem, lanugem, babugem, etc.

2-Vocábulos terminados em *-ágio*: pedágio, estágio, apanágio, etc.

3-Verbos terminados em *-ger* e *-gir*: eger, proteger, tingir, fugir, mugir, submergir, divergir, frigir, corrigir, etc.

4-Palavras derivadas de outras que já são escritas com “g”, como:

Ferrugem \_\_\_\_\_ ferruginoso, ferrugento, ferruginosidade

Agiota \_\_\_\_\_ agiotagem, agiotar

Agitar \_\_\_\_\_ agitado, agitação, agitadiço, agitante

4-Depois de “a” inicial: agente, ágil, agir, agitar, agência, etc.

- Com exceção de formação prefixal com palavras que já contenham “j”, como por exemplo:

Jeito \_\_\_\_\_ ajeitar

Junto \_\_\_\_\_ ajuntar

Justo \_\_\_\_\_ ajustar

Ramanzini (1990) apresenta a mesma contribuição dada por Luft (1976). Orienta o uso da letra “j” em neologismos de origem indígena, africana e exótica.

Desta forma, para o autor (ibidem:47), emprega-se a letra “j” em:

1-Palavras ameríndias: Moji, pajé, Lajes, canjica, jibóia, jequitibá, jê (índio), Jaci, Juraci, jararaca.

- Não seguem a mesma regra as palavras terminadas em jipe ou gibe: Cotegibe, Sergipe.

2-Formas derivadas de outras que já tem “j”:

encorajar – encoraje

laranja – laranjeira

lisonja – lisonjear

loja – lojista

rijo – rijeza

viajar – viaje

3-Terminação *-aje*: traje, laje, ultraje, etc.

- Com exceção feita para a palavra garagem (fr. garage).

4-Sempre que a etimologia não justificar um “g”, empregaremos “j”. É o que ocorre com vocábulos indígenas, africanos ou exóticos como: jiu-jitsu, jiló, jirau, mujique, canjerê, acarajé.

O autor não apresenta nem a descrição, nem as regras de uso das letras “g” e “j”. Ele, simplesmente, insere um conjunto de exercícios de automatização para o uso dessas letras em forma primitiva e em forma derivada e propõe algumas atividades como forma de exercício (ver anexo II).

Como se pôde verificar, os guias ortográficos revisados não diferenciam letra de grafema nem tratam da história da ortografia portuguesa; conseqüentemente, não apresentam regras para o uso desses grafemas. Vale ressaltar, que esses dois guias revisados são os únicos, no Brasil, que buscam oferecer material para melhorar as dificuldades existentes para o emprego da ortografia no país.

Logo, a revisão realizada, neste capítulo, objetivou demonstrar que o uso das letras “g” e “j” é problemático e que merece investigação. No Brasil, o tratamento dado a essas letras, é a partir de um discurso jurídico, o que é permitido e o que é proibido, expresso por “usa-se g e não j em” e “usa-e j e não g em”, seguido de uma listagem de palavras. Os estudos históricos da língua portuguesa não focalizam com especificidade o uso das letras em questão, porém abrem perspectivas para uma visão diacrônica relativa a diferentes estados de língua percorridos pelo português.

Nesse sentido, o problema desta Dissertação é buscar regras para o uso das letras “g” e “j” em Língua Portuguesa.

**CAPÍTULO II**  
**BASES TEÓRICAS E METODOLÓGICAS**

## **CAPÍTULO II**

### **BASES TEÓRICAS E METODOLÓGICAS**

Este capítulo apresenta as bases teóricas e metodológicas da Fonologia estendidas para a Grafemática, de forma a fundamentar a investigação realizada e apresentada nesta Dissertação.

#### **2.1 Os termos fonética e fonologia**

A Fonologia é um termo da Ciência da linguagem humana, que no seu histórico de emprego teve conceitos diferentes. Esse termo ocorre mantendo relações com o termo Fonética.

Silveira (1986) apresenta um breve histórico do emprego dos termos Fonética e Fonologia. Segundo a autora, o sufixo “ica” é empregado para a formação de termos relativos às Ciências Exatas e o sufixo “logia”, para as Ciências Humanas.

De acordo com a pesquisadora, os primeiros estudiosos que se preocuparam com os sons da língua humana, provavelmente, foram os que tiveram por objetivo construir um alfabeto para uma língua, ou seja, buscar uma correspondência entre um sinal escrito e um som. Essa tentativa na história da escrita constrói a chamada escrita alfabética. Todavia, não se têm documentos oficiais que possam determinar quem foram esses estudiosos, nem mesmo a nacionalidade deles.

Por essa razão, a partir de documentos, por tradição, afirma-se que as primeiras pessoas que se preocuparam com os estudos dos sons da fala humana foram os hindus e os gregos, no século IV a.C.

Os hindus trataram dos sons com objetivos religiosos, na medida em que acreditavam que os sons mandras foram ensinados pelos deuses para estabelecer um canal de comunicação entre o humano e o divino. Os mestres hindus verificavam que, com o passar do tempo, os iniciados religiosos apresentavam modificações para a emissão dos sons mandras. A fim de não haver uma interrupção no canal entre o humano e o divino, esses mestres passaram a descrever as articulações consideradas por eles “corretas”. Assim, trataram da Fonética, a partir de um número exato de articulações e de emissões.

Os gregos trataram dos sons da fala humana com objetivos artísticos. Eles são os responsáveis pelas conchas acústicas dos grandes teatros ao ar livre da Grécia. Para tanto, descreveram os sons com visão acústica, diferenciando-se dos hindus que davam um tratamento articulatorio.

A gramática grega apresenta uma parte designada fonética e que contém a descrição dos sons, com designação acústica.

No momento da formação do grande Império Romano, com a imposição da língua latina aos povos dominados, foi necessário construir a gramática latina. Para tanto, tomam como modelo a gramática grega. Porém, o objetivo era outro, pois agora havia uma preocupação com a pronúncia. A gramática latina mantém termos acústicos da gramática grega e apresenta outros que são articulatorios.

No momento da colonização portuguesa, fez-se necessário impor a língua do dominador aos povos dominados. Como Portugal não tinha uma gramática, toma como modelo a gramática greco-latina.

Por essa razão, até hoje, a parte fonética da gramática portuguesa, no Brasil, mantém uma confusão terminológica para a descrição e classificação dos sons da nossa pronúncia. Assim, por exemplo, o grego clássico era uma língua tonal (grave/aguda); no latim, uma língua de duração (longa/breve); no português uma língua de intensidade (acentuada/inacentuada). Assim sendo, as gramáticas, no Brasil, mantêm os termos tonais gregos e classificam a posição do acento na palavra por: oxítona, paroxítona e proparoxítona. No que se refere aos sons consonantais palatais, com exceção da nasal “nh”, o tratamento gramatical dado é na descrição e classificação das consoantes constritivas chiantes e laterais. Dessa forma, [ʒ] é o som que mantém relação com as letras “g + e, i” e “j”. O som velar [g] é descrito e classificado entre as oclusivas velares, ao lado de [k].

No caso da gramática do português, no Brasil, esta é uma gramática do escrito de forma a conter regras que controlam a variação lingüística no país. Todavia, mantém a parte fonética, que é da fala oral, de forma a manter a tradição do controle da pronúncia.

Em síntese, o termo Fonética designa uma disciplina lingüística que trata dos sons da fala humana e, sob um prisma da gramática tradicional, é Ortoepia, ou seja, a forma considerada correta de pronúncia dos sons.

É interessante observar que o último *Congresso de Língua Cantada e Língua Falada no Brasil*, realizado em 1958, estabelece o dialeto carioca como pronúncia politicamente correta no Brasil, ou seja, pronúncia idiomática brasileira. Todavia, segundo Silveira (1998), o *globês* é a pronúncia estandarizada brasileira.

O termo Fonologia, durante muito tempo foi empregado como sinônimo de fonética, para aqueles que situavam a descrição e classificação dos sons nas ciências humanas.

No século XIX, com a Gramática Histórica fez-se necessário diferenciar os estudos sincrônicos dos sons daqueles que eram diacrônicos. Para tanto, o termo Fonética foi atribuído à gramática histórica e o termo Fonologia à gramática sincrônica. Essa diferença se mantém até 1928 quando Nicolai Serge Troubetzkoy diferencia a disciplina que estuda os sons, daquela que estuda os fonemas.

A partir dessa data, a Fonologia é proposta como a disciplina situada nos estudos da *langue*, sistema da língua e a Fonética, a disciplina que estuda os sons, situada nos estudos da *parole*.

Todavia, a escola norte-americana não aceita a diferença proposta por Troubetzkoy e passa a designar por Fonêmica o estudo dos fonemas e mantém o termo Fonologia para os estudos sincrônicos dos sons.

Nesta Dissertação, utiliza-se o termo Fonêmica, com o sentido da Escola de Praga proposto por Troubetzkoy.

## **2.2 A fonologia**

Este item apresenta a revisão de diferentes modelos teóricos e metodológicos utilizados na fonologia.

Sommerstein (1977) diferencia os estudos fonológicos em Fonologia Segmental e Fonologia Supra-segmental. Em ambas, os conceitos apresentam-se para o pesquisador por um grau bastante elevado de complexidade, visto ser impossível tomá-los como elementos isolados, considerando-se que estes se integram a um sistema conceitual mais amplo. Tal sistema reflete a organização de um campo de conhecimento, que se remete à questão da linguagem humana; como se sabe, explica-se não apenas pela dimensão lingüística, mas também do psicossocial, do cultural, do ideológico e do histórico. Essa multidisciplinaridade de dimensões presentes na unidade da linguagem humana exige do pesquisador uma abordagem que ultrapassa a unidisciplinaridade para se fazer adequada. Nesse sentido, postula-se que as questões da pronúncia, tomadas como fator de identidade

cultural, exigem um tratamento multidisciplinar, razão pela qual se buscam princípios e pressupostos teóricos que facilite tal abordagem.

A pronúncia em nível segmental e supra-segmental requer o tratamento da língua vista em seu uso efetivo.

Nesse sentido, esta Dissertação situa-se na Fonologia Segmental, pois trata das unidades que formam, sintaticamente, a sílaba e a posição que esta sílaba tem no segmento da palavra.

A Fonologia Segmental tem por objetivo de estudo os fonemas em combinatórias segmentais que vão da sílaba à palavra; da palavra às junturas internas; e das junturas internas às externas. A noção de segmento aparece com o estruturalismo europeu e passa a ser difundida pelas Escolas de Praga, da Dinamarca, Inglesa com Pike, Bloomfielde e Sapir, até atingir o modelo gerativo-transformacional.

Silveira (1986) trata, em um breve histórico, da Fonologia Segmental. A autora faz uma revisão de Coseriu (1980) que caracteriza a Fonologia Segmental europeia por uma orientação geral analítica, a partir de quatro princípios básicos:

- 1- o princípio da funcionalidade.
- 2- o princípio da oposição.
- 3- o princípio da sistematicidade.
- 4- o princípio da neutralização.

Para a autora (op. cit:29), o princípio da funcionalidade:

Está fundamentado na solidariedade entre conteúdo e expressão (significado e significante).

Ainda para ela (op. cit:29) o princípio da oposição é:

O modo pelo qual se manifesta a funcionalidade e tem como método a análise em traços distintivos, admitindo que em cada língua, para cada valor, há um outro

diferente que se opõe àquele, a marca. Assim, as línguas diferenciam-se entre si pelos seus traços distintivos, selecionando cada qual um conjunto limitado para formar unidades discretas do sistema.

Conforme a autora (op. cit: 29) o princípio da sistematicidade é:

Um número limitado, reduzido de traços distintivos, constrói-se um grande número de unidades funcionais, pela combinatória dos traços distintivos de número limitado.

Também (op. cit:29) o princípio da neutralização:

Decorre da seleção das unidades para cada paradigma, pois não são todas as unidades que estão em todos os paradigmas. O princípio da neutralização considera as restrições feitas ao princípio da oposição, pelos casos de suspensão das oposições.

O Estruturalismo Europeu de forma geral apresenta esses quatro princípios, embora haja divergências de uma escola para outra.

### **2.2.1 A fonologia segmental da escola Praga**

Silveira (op. cit.:37-38) escreve que em 1928, no Congresso Internacional de Lingüistas, realizado em Haia, Troubetzkoy apresenta uma proposição que é registrada com o número 22:

Distingue fonética e fonologia em planos diferentes. A fonética é a ciência que estuda os sons da <<parole>> e a fonologia, a ciência que estuda os sons da <<langue>>.

A proposição de Troubetzkoy tem suas origens em Baudouin de Courtenay, seu professor. O mestre diferenciou som de fonema e situou o fonema como uma unidade psíquica e o som como uma unidade sensorial.

Mais tarde Serge Karcevski, membro dos estudos realizados na Rússia em San Petesburgo, juntamente com Troubetzkoy, vão para a Suíça. Em Genebra, é aluno de Saussure que, dicotomicamente, apresentava a *langue* como um sistema, socialmente, convencionado de signos e a *parole* como os usos desse sistema, individualmente.

Essas noções são trazidas para San Petesburgo. Troubetzkoy entende que o fonema é de natureza social, pois na época o psíquico era visto com natureza individual.

Dessa forma, opta por definir o fonema no nível da *langue* e som, no nível da *parole*.

A famosa proposição 22 é assim visualizada:

Langue = fonema = fonologia  
 Parole      som      fonética

A grande contribuição de Troubetzkoy foi a definição teórica de fonema e uma proposta metodológica de tratá-lo.

Para Troubetzkoy (1947), o fonema é a menor unidade distintiva da língua (*unidade mínima*), pertinente (que não tem significado, mas que a sua troca altera o significado de signos, pois faz parte do significante do signo).

Como Troubetzkoy, segue as dicotomias Saussurianas, *langue/parole*, *significado/significante*, *sincronial/diacrinia*, *sintagma/paradigma*, apresenta, também, a diferença entre som e fonema, a partir dos conceitos de invariante/variante. O fonema por ser uma unidade que se define por um conjunto de traços distintivos que criam a pertinência entre os signos, é uma invariante: nenhum dos traços do seu conjunto unitário pode ser mudado. O som é uma variante, ou seja, além de manifestar os traços invariáveis do fonema, manifesta também um outro conjunto de traços alofônicos que variam de forma a se dizer que as pessoas nunca repetam o mesmo som. As variantes propostas por Troubetzkoy são variantes livres e variantes combinatórias. As variantes combinatórias decorrem de uma posição ocupada na

sílaba em relação as demais sílabas na palavra, como por exemplo, a realização de [ç] + consoante nasal, como em [çnu, kçma] – “ano, cama”. O mesmo não ocorre quando /a/ está em posição átona seguido de consoante nasal: /a/ pode ser realizado tanto por [a] e [ ] como em [anNw, anNw] – “anel”.

Segundo Silveira (op. cit:44):

O fonema é um conceito funcional que deve ser definido em relação a sua função que é distintiva. Por isso, para diferenciar fonema e som, o lingüista (Troubetzkoy)

propõe quatro regras:

1. se dois sons da mesma língua ocorrem exatamente no mesmo ambiente fônico, e se eles podem ser substituídos um pelo outro, não produzindo com isso uma diferença na significação intelectual da palavra, então estes dois sons são apenas variantes facultativas de um fonema único;
2. se dois sons aparecem exatamente na mesma posição fônica e não podem ser substituídos um pelo outro sem modificar a significação das palavras ou sem que a palavra se torne irreconhecível, então estes dois sons são realizações de dois fonemas diferentes;
3. se dois sons de uma língua, parentes entre si do ponto de vista acústico ou articulatório, nunca ocorrem no mesmo ambiente fônico, eles são considerados variantes combinatórias do mesmo fonema;
4. dois sons, ainda que satisfaçam a regra 3, não podem ser considerados como variantes de um mesmo fonema, se na língua em questão eles podem ser encontrados um ao lado do outro, isto é, ser os termos de um grupo fônico, e isto nas condições onde um dos dois sons aparece isoladamente.

Dessa forma, Troubtezkoj define o fonema como uma unidade distintiva de signos lingüísticos, situada na expressão do significante do signo.

Para poder descrever os fonemas de uma língua Troubetzkoj propõe como método, o par mínimo. Um par mínimo é constituído por dois significantes de signos lingüísticos em que todos os fonemas se repetem com exceção de um. Este que não se repete é visto como uma desmembração de traços articulatorios que estabelecendo uma relação entre o significante um e o significante dois apenas um dos traços do fonema pode ser trocado.

Por exemplo, a troca entre /š/ e /ž/. Estes dois fonemas têm em comum que ambos são palatais e ambos são fricativos-chiantes, a única diferença entre eles como traço distintivo é surdo/sonoro. Este traço é pertinente, na medida em que diferencia /ša/ e /ža/ - “chá” e “já”; /aša/ e /aža/ - “acha” e “aja”.

Logo, segundo a Escola de Praga, o fonema é dividido por um conjunto de traços e o par mínimo troca significantes a partir de um único traço do fonema.

Silveira (op.cit.) utiliza o método do par mínimo para definir os fonemas da Língua Portuguesa.

### **2.2.2 A fonologia segmental da Escola da Dinamarca (glossemática)**

Como Escola da Dinamarca, Hjelmslev funda, em 1931, o Círculo Lingüístico de Copenhague do qual se torna presidente e redator da *Revista Acta Lingüística*, criada em 1939 com Brondal. A sua tese *Etudes Baltiques*, apresentada em 1932, trata da fonologia histórica das línguas bálticas.

A partir de 1935 ele começa a elaborar a teoria glossemática em colaboração com H. J. Uldall. Em 1943 publica, em dinamarquês, *Prolegômenos a uma teoria da linguagem* e em 1959 seus *Ensaio Lingüísticos*.

Segundo Hjelmslev (1959) os estudos da língua precisam ser realizados a partir da diferença entre *forma* de *substância*. Para o autor, há diferença entre linguagem e língua e forma e substância.

A linguagem é uma capacidade humana de organizar o mundo através da língua. Em seus *Prolegômenos para uma ciência da linguagem* (1943), o autor propõe que a linguagem humana só pode ser definida a partir de um prisma semiótico, ou seja, socialmente, os homens convencionam diferentes sistemas semióticos tais como, o lingüístico, o musical, o arquitetônico, o gestual. Nesse sentido, a função da linguagem humana é transcodificar de um código para outro de forma a organizar em língua o caos que existe no mundo observável, sem a linguagem.

A partir desse postulado Hjelmslev propõe que uma definição específica da linguagem humana é o texto. Este é uma sintagmática (eee...e) que se estende em todas as direções e em todos os sentidos.

O texto é uma forma vazia de significado que pode ser vista como um esquema e que é preenchida pelos diferentes sistemas semióticos de forma a transcodificar um pelo outro. Em síntese, a língua é vista como um sistema (ou/ou) que se define da mesma forma que os demais sistemas semióticos e a linguagem humana como o texto (e... e).

O texto é uma forma pura e o sistema é uma forma de substância.

Nesse sentido, a menor unidade do texto, proposta pelo autor é o cenema, ou seja, a sílaba. A menor forma do sistema é o fonema, forma de substância.

As substâncias com forma lingüística são aquelas que permitem que o fonema se manifeste na fala; logo, são os sons lingüísticos. As substâncias sem forma, no caso da Fonologia e da Fonética seriam a inspiração e a expiração, o ronco, o choro, pois não tem forma de língua (fonologia). Em síntese, uma substância só se define a partir de sua forma e está relacionada ao texto. Por essa razão o fonema é definido como uma forma lingüística que se define por um traço sonoro (forma com

substância). Mas, para ser forma, um fonema ocupa uma determinada posição na sílaba.

Segundo Hjelmslev (1943), as formas de substância para serem descritas requerem o método da comutação. Este método se define pela troca de fonemas que ocupam a mesma posição no nóculo silábico de forma a diferenciar o texto como uma sintagmática (e...e) (sílaba) e os fonemas como uma paradigmática (ou...ou) (os que ocupam a mesma posição).

Silveira (1986), ao definir a suma sintagmática, diferencia os nósculos central de marginal inicial e a marginal final:

Para a autora (ibidem:136), o cenema fonológico, enquanto menor segmento textual, é designado suma sintagmática. Este é:

A menor combinatória no eixo sintagmático, um modelo mental, e que, também, ao ser manifestado e designado “sílaba” pelos nossos gramáticos do uso padrão. Esta combinatória pode ser descrita por duas partes: central e marginal.

Segundo a autora (op.cit.:137-138), no que se refere à suma sintagmática da língua portuguesa, tem-se:

- manifestação exclusiva da central:

MMMCMM

N - “é”

- manifestação da central e de uma marginal inicial:

MMMCMM

p á - “pá”

- manifestação da central e de duas marginais iniciais:

MMMCMM

p R á - “pra-to”

- manifestação da central e uma marginal final:

MMMCMM

á S - /áS/ - “az”

á R - /aR/ - “ar”

- manifestação da central e duas marginais finais:

MMMCMM

á R S - /áRS/ - “ars”

- manifestação de uma marginal inicial:

MMMCMM

k - /táksi/ - “táxi”

- manifestação de uma marginal inicial e uma final:

MMMCMM

k S - /tΛrakS/ - “tórax”

- manifestação de uma marginal inicial, uma central e uma marginal final:

MMMCMM

p á S - /páS/ - “paz”

p á R - /páR/ - “par”

- manifestação de duas marginais iniciais, uma central e uma marginal final:

MMMCMM

p L á S - /pláSma/ - “plasma”

- manifestação de três marginais, uma central e uma marginal final:

MMMCMM

p L y á R - /ãplyáR/ - “ampliar”

- manifestação de três marginais iniciais, uma central e duas marginais finais:

MMMCMM

P L y ʒ y S - /ãplyʒyS/ - “amplieis”

- manifestação de uma marginal inicial, uma marginal inicial, uma central e duas marginais finais:

MMMCMM

p I R S - /PIRSpIktiva/ - “perspectiva”

s U L S - /sULStísyU/ - “solstício”

Ao tratar dos paradigmas fonológicos da língua portuguesa, de forma a situar os fonemas /ʒ/ e /g/ objetos desta dissertação, os resultados obtidos pela autora (op.cit.:227) indicam que:

O inventário fonológico da marginal inicial absoluta compreende:

As seguintes unidades fonológicas: /p, t, k, b, d, g, m, n, l, f, s, š, v, z, ž, l, H, R, r,

ɾ/.

Por comutação temos, por exemplo: páta / táta / káta / báta / dáta / gáta; úma / úma /

úIa; fáka / sáka / váka; asa / áša / áža; váka / váza; kárU / káɾU; áIU / áHU.

É

interessante observar que a oposição r/ʀ só ocorre em posição intervocálica;  
caso contrário temos /R/.

Visualizando temos:

Mia Mii Mir C Mfr Mfa  
p f r  
          intervocálicas  
t s ʀ  
      R  
k š l  
b v H  
d z  
g ž  
m  
n  
l

Nesta Dissertação, situa-se também o tratamento da Grafemática na Fonologia Segmental, e fundamenta-se na Fonologia de Praga para definição de traços do grafema e na Fonologia da Dinamarca que situa posições de nódulos silábicos, conforme Silveira (1986).

### 2.2.3 Descrições dos fonemas /g/ e /ž/

Segundo Silveira (op.cit.:114;127), a descrição dos fonemas de língua portuguesa deve respeitar a troca de traço distintivo e o nódulo ocupado na sílaba fonológica, suma sintagmática. Para a autora, a descrição dos fonemas /g/ e /ž/ compreende:

O fonema /g/

1- A individualidade fonológica de /g/ é descrita pelas oposições entre:

- a) g/b, pela troca do ponto de articulação: velar-palatal/bilabial;
  - b) g/d, pela troca do ponto de articulação: velar-palatal/alveolar-dental;
  - c) g/k, o traço distintivo entre g/k é a marca da sonoridade: sonoro/surdo,
- assim, distinguimos signos, em português, como em:

gáta/káta – “gata, cata”

agašádU/akašádU - “agachado, acachado”

gʌla/kʌla – “gola, cola”

d) g/l, o traço distintivo entre g/l é a marca da nasalidade: oral/nasal;  
 e) g/ž, o traço distintivo entre g/ž é a troca do modo de articulação: oclusivo/chiante, com o qual distinguimos signos, em português, como em:

gátU/ žátU – “gato, jato”

gáΓa/žáΓa – “garra, jarra”

agúdU/ažudU – “agudo, ajudado”

As oposições g/b, g/d, g/k, g/l, g/ž são do mesmo paradigma: marginal inicial absoluta e, portanto, definem o fonema /g/, em português.

Em síntese, a individualidade fonológica de /g/ compreende um conjunto de traços articulatório-acústicos: sonoro, oral, palatal-velar, oclusivo que, apesar das variabilidades sonoras, será manifestado para a realização de /g/.

2- Os demais traços articulatório-acústicos que não distinguem signos, mas que ocorrerão para a realização de /g/ são designados variantes.

Por variante combinatória /g/ terá realização: velar (seguido de vogais posteriores) /gúla, gΛla/ - “gula, gola”; velar-palatal (seguido de vogais mediais) /gáta, gǎgl/ - “gata, gangue”; palatal (seguido de vogais anteriores) /gía, gNra/ - “guia, guerra”.

3- Estas variantes combinatórias são de norma nacional, no Brasil.

4- O fonema /g/, no Brasil, tem, geralmente, valor monossonoros.

O fonema /ž/

1- A individualidade fonológica de /ž/ é descrita pelas oposições entre:

a) ž/z, pela mudança do modo de articulação: chiante/sibilante;

b) ž/v, pela mudança do modo de articulação: chiante/fricativa lábio-dental;

c) ž/š, pela marca da sonoridade: sonoro/surdo;

d) ž/g, pela troca do modo de articulação.

As oposições ž/z, ž/v, ž/š, ž/g são do mesmo paradigma: marginal inicial absoluta; portanto, definem o fonema /ž/.

Em síntese, a individualidade fonológica de /ž/ compreende um conjunto de traços articulatório-acústicos: chiante, sonoridade que, apesar das variabilidades sonoras, sempre estará presente na manifestação deste fonema, em seu paradigma.

2- Os demais traços articulatório-acústicos que não distinguem signos, em português, mas que ocorrerão para a realização de /ž/, são designados variantes.

3- Em geral, /ž/ é realizado por [ž], como base articulatória, porém, encontramos realizações do tipo [z], sibilante: /žanNla/ - [zanNla] – “janela”. Ou ainda, [žy] – [žyanNla] – “janela”.

A base articulatória [ž] realiza /ž/, como norma nacional, no Brasil.

4- O fonema /ž/, geralmente, tem valor monossonoros, no Brasil.

Raramente, encontramos o valor polissonoros [ž,y,z. ž].

Na fala, quando se realiza /ž/ por [z], neutraliza-se o traço distintivo desta oposição.

Frente ao exposto, verifica-se que, pelo método do par mínimo utilizado para a descrição dos traços distintivos e pertinentes, o fonema /g/ é definido a partir da troca com todos os demais fonemas oclusivos da língua portuguesa; o fonema /ž/ é descrito pela troca, em pares mínimos, com todos os fonemas de traço construtivo-fricativo.

### 2.3 A grafemática

Com o aparecimento dos estudos lingüísticos, a preocupação dos lingüistas passa a ser a fala oral. Quando Saussure propõe que o objeto do lingüista é a *langue* e não a *parole*, as diferentes escolas estruturalistas e o gerativismo buscam situar a descrição lingüística para uma gramática da língua, de forma a diferenciar as unidades dos sistemas gramaticais das unidades da fala, variações de emprego das regras do sistema/da competência lingüística.

Dessa forma, a Fonologia e a Fonética desenvolvem-se, a partir de resultados obtidos de pesquisa. Todavia, no que se refere ao escrito, houve uma lacuna.

Derrida (1967) propõe a realização de estudos relativos à escrita, da mesma forma que se desenvolveram estudos relativos ao oral. Para o autor, a disciplina que trataria do sistema escrito, deveria chamar-se Gramatologia.

Mais tarde, Catash (1973:3) retoma a proposta de Derrida e questiona:

Iremos no domínio da ortografia assistir a este tipo de mudança que conhecemos em outras disciplinas e cujo segredo, nossa época o tem? É provável de se esperar. (Trad. Silveira).

A autora considera que a palavra ortografia traz ao pensamento de um francês, apenas sofrimento e nenhuma idéia de ciência. Para os usuários, adultos ou crianças, sobretudo, trata-se de uma pesada formalidade sócio-pedagógica, a respeito da qual nenhum francês nunca foi consultado, mas que é obrigado a aceitar sem julgar nem compreender.

A palavra ortografia ao ser invocada relaciona-se sempre à palavra reforma da ortografia que também ao ser realizada não consulta nenhum francês.

Para se dar um tratamento científico para a Ortografia é necessário começar do começo, pois toda ciência tem necessidade de uma unidade e um método no tratamento do objeto e não se tem precisão para se tatar do objeto da ortografia.

Esta Dissertação se propõe, portanto, começar do princípio para tratar da Ortografia Portuguesa, no que se refere às letras “g” e “j”, embora já tenha sido dado tratamento para outras letras relativas aos fonemas /s, z, š, ks/. Dessa forma, propõe-se, a seguir, Catash (1973:4) que afirma que:

Os estudos realizados a respeito do sistema oral pela fonologia, permitiram diferenciar uma unidade no sistema, o fonema, e uma unidade no uso, o som. No caso da ortografia que diferença propôr?

A autora propõe diferenciar no sistema o grafema, e no uso a letra, de forma a assegurar uma correspondência entre fonemas/grafemas.

### **2.3.1 O colóquio de 1973, na França**

Na França, foi realizado um colóquio no *Centre National de la Recherche Scientifique*, nos dias 12 e 13 de janeiro de 1973. Durante esse Colóquio, a mesa-redonda sobre a estrutura da ortografia francesa propôs as seguintes questões: a ortografia francesa constitui um sistema? Qual é a definição exata de grafema? Como a língua francesa escrita pode ser definida em relação ao grafema? A pedagogia do francês poderá beneficiar-se dos estudos da ortografia francesa e em qual medida? Uma reforma da ortografia francesa é possível e desejável, e sobre quais bases? Quais os temas principais que precisam ser definidos para começar do começo? Os participantes do colóquio procuraram responder essas questões.

Em relação ao sistema, os estudos provaram que a escrita francesa é formada de <<subsistemas>>, muito bem estruturados que estabelecem correspondência com fonemas (sistema alfabético ou fonológico) e a correspondência com a morfologia e o léxico (sistema morfo-semântico).

Ao confrontar o código oral com o código escrito, compreende-se que a escrita é antes de tudo uma técnica, original e estreitamente ligada a língua cuja tarefa é transcrevê-la. Nesse sentido, somente o estudo objetivo das reais relações entre a ortografia e a língua permitirá determinar as formas gráficas não funcionais, suscetíveis de serem objeto de uma reforma.

A ortografia francesa tem a pretensão de transmitir não apenas os sons, mas os sentidos. Por essa razão a segmentação da cadeia escrita da língua francesa em palavras, sílabas e grafemas é particularmente difícil. Os participantes do colóquio concluíram também que é muito difícil buscar os grafemas a partir de dois subsistemas: o alfabético ou fonológico e o sistema morfo-semântico.

No que se refere à história do alfabeto francês, os participantes do referido colóquio concluíram que:

- nos séculos XII e XIII aparece uma ortografia pobre e fonética muito relacionada ao individual, pois grafa sons que são emitidos por pessoas. A correspondência entre os sons e as grafias, embora busquem proximidade, não

permitem unidade de medida gráfica, pois uma mesma palavra é escrita de muitas formas diferentes dependendo de sons dialetais, grupais e idioletais;

- nos séculos XV e XVI, a ortografia francesa busca instrumentos para uma indicação nacional, a partir de um modelo calcado no latim. Todavia, as palavras do francês não eram formadas apenas pelo latim e como grafá-las? A ortografia da época é estabelecida, a partir, também, da grafia latina para palavras que não vieram do latim. Dessa forma, por todo o Renascimento, a ortografia francesa é extremamente complexa, pois não permite grafar consoantes e vogais novas que não existiam no latim.

Os participantes do colóquio de 1973 passaram a designar essa época como tortografia, o que justifica a necessidade de reformas ortográficas para a língua francesa;

- a nova ortografia francesa aparece do século XIX através de uma busca de adaptar-se às realidades fonológicas novas da língua francesa. Trata-se agora de uma ortografia dita prática que busca uma medida para facilitar a imprensa, a fim de atender a todos os países franco-fones. A causa principal da ortografia prática decorre da Revolução Francesa, pois antes dela a ortografia era utilizada por sábios franceses e que tinham conhecimento não só da história da língua francesa como de muitas outras línguas; após a Revolução Francesa, o povo passa a ter acesso à escola, a fala e ao conhecimento dos sábios franceses. Dessa forma, fez-se necessário uma reforma ortográfica. Logo, a partir de 1835 a ortografia renovada permite a reedição de *Littré* e permitiu a *Robert* a edição de *Trésor da la langue française* (dois tomos).

No término do colóquio de 1973, os participantes concluíram que a ortografia francesa é um sistema formado por uma parte fonográfica e outra parte supra ou extra fonográfica. O grafema é, por essência, um símbolo que só pode ser compreendido, a partir da palavra.

Os grafemas têm por função transcrever os sons. Eles se constituem como o centro de um sistema gráfico e têm por si mesmos, uma dupla função: no nível paradigmático, eles mantêm relações de oposição entre si; e no nível sintagmático eles têm por tarefa estabelecer relações entre o que os precedem e os que o seguem. É o que foi designado “valor de posição do grafema”, considerada noção importante pelos participantes do referido colóquio.

Os morfo-grafemas podem ou não ser pronunciados, mas mantêm relação com o “princípio de base”, ou seja, o seu uso tem por função manter uma *única forma* para grafar uma mesma família de palavras. De acordo com os participantes, os morfo-grafemas têm duas funções essenciais:

- 1- estabelecer relações ou manter os paradigmas, na medida em que uma mesma grafia permanece a partir de regras mórficas em uma família de palavras.
- 2- estabelecer ou manter as séries lexicais, na medida em que uma mesma grafia permanece a partir de regras semânticas em uma família de palavras.

### **2.3.2 O colóquio de 1986, na França**

Em 1986, realizou-se no Centro Nacional de Pesquisa Científica (CNRS), nos dias 23 e 24 de outubro, sob a organização de Nina Catash e a Equipe de História e Estrutura das Ortografias e Sistemas da Escrita do CNRS, um colóquio internacional intitulado *Para uma Teoria da Língua Escrita*.

Durante esse colóquio foram discutidas várias contribuições dadas por diferentes estudiosos dos sistemas escritos. Retomaram a obra de *I. J. Gelb, A study of writing – The foundations of grammatology* (University of Chicago Press, 1952). Retomaram, também, a obra de J. Derrida que tem por título *De la grammatologie* (Éditions Minuit, 1967). Consideraram, também, que a teoria da escrita conheceu,

sem que o público tivesse sido informado, importantes desenvolvimentos, na Inglaterra, na Alemanha e na França.

Segundo Nina Catash (1988:5) a escrita é definida como:

Um conjunto de signos organizados que permitem comunicar qualquer mensagem construída sem passar necessariamente pela voz natural. Os participantes do colóquio de 1986 propõe que a escrita é uma ferramenta técnica que se constitui para as sociedades humanas como um instrumento de pensamento de primeiríssima ordem, uma espécie de “segundo sistema de signos”, capaz de representar as mais abstratas operações e as mais diversas e amplas informações.

Os participantes desse colóquio concluíram, também, a necessidade de uma nova ciência designada Grafêmica que deverá conquistar um lugar no meio das disciplinas lingüísticas. O escrito e o oral constituem, em cada estado de língua duas linguagens, ou melhor, duas modalidades de uma única e mesma língua, igualmente indispensáveis e complementares para o homem moderno.

Ao considerarem as relações e as diferenças entre o sistema oral e o escrito, os participantes do referido colóquio retomam Hjelmslev que situou na substância da língua o som e a letra. Com essa retomada consideram semelhanças e diferenças: o grafema é uma substância da língua tal como o fonema; todavia, o fonema é uma unidade vazia de significado (cenema) e o grafema tanto é uma unidade vazia de significado como um plerema (unidade “cheia” de significado), pois é mórfica e lexical.

A relação entre o grafema e o fonema originou como unidades invariantes do sistema a designação de grafêmica para o estudo da escrita. A relação entre letra e som, a partir das variantes, originou a designação grafética que tem por objetivo o estudo das formas das letras e dos processos caligráficos e tipográficos, bem como

tudo o que diz respeito às várias etapas da fabricação da mensagem escrita, ao estudo dos diferentes alfabetos e conjuntos de signos, aos agentes dessa produção nas editoras, nas gráficas etc.

Contudo, o termo grafemática, por ter sido originado na França, também é mantido.

Uma das questões pendentes e que passa a ser a primeira tarefa é estabelecer-se uma metodologia e fixar-se procedimentos explícitos. A questão ficou pendente, pois não se avançou para se estabelecer pelo menos três elementos: um mínimo de linguagem comum, uma concepção geral, mesmo diversa da língua; e uma concepção de escrita.

As questões apresentadas como objeto das comunicações, foram agrupadas em quatro partes:

1. o escrito e as teorias lingüísticas, escrita e sociedade.
2. estratégias de leitura, ideografia.
3. relações entre o oral e o escrito.
4. estrutura e tipologias das escritas.

Concluíram que os grafemas e os fonemas do francês podem ou não se corresponder, na medida em que há correspondência entre um grafema e um fonema; entre um grafema e mais de um fonema; e entre vários grafemas para um fonema. Concluíram, também, que o estudo dos grafemas requer tanto o nível da substância da expressão quanto da forma da expressão. No nível da substância da expressão, considera-se apenas a letra e o som correspondente; no nível da forma da expressão, consideram-se os signos escritos e seus correspondentes falados: é aqui que situaram a diferença entre a forma do fonema e a forma do grafema, às vezes, com perda fônica e a diferença entre os morfemas orais e os morfemogramas, e a diferença entre prosódia e pontuação.

De certa forma, houve o acordo de que a comutação é um método que pode ser utilizado para a definição dos grafemas, tal qual é realizada com os fonemas.

Uma outra questão tratada é relativa à hipótese autonomista - que atribui à língua uma “forma de expressão gráfica” e uma “forma de expressão fônica”, correlatas mais distintas. Anis (1988:214) trata de *paralelismo* entre grafemas e fonemas:

Admite-se geralmente que a língua falada baseia-se em um sistema de oposições fônicas capaz de diferenciar as significações em uma dada comunidade. Como se sabe, este sistema é chamado de sistema fonêmico e suas unidades são conhecidas como fonemas. De maneira análoga, a língua escrita deve basear-se em um sistema de oposições gráficas capaz de diferenciar as significações em uma dada comunidade. É este sistema, que forma a base da língua escrita, que chamamos escrita. As unidades deste sistema podem ser chamadas de grafemas (1945-1949, p.87-8).

Pellat (1988:136) considera o grafema uma unidade gráfica polivalente que varia segundo os sistemas de escrita. Dessa forma, a partir da *Grammaire générale et raisonnée*, de Lancelot e Arnauld (1660), ressalta que a concepção do sistema gráfico é plural e comenta a dupla função dos caracteres:

Embora essas figuras ou caracteres, segundo sua primeira instituição, signifiquem imediatamente apenas sons, os homens com freqüência levam seus pensamentos dos caracteres à própria coisa significada pelos sons. Isso faz com que os caracteres possam ser considerados dessas duas maneiras, seja significando apenas o som, seja ajudando-nos a conceber o que o som significa. (p.17).

Segundo o Pellat (1988) para ampliar o conceito de grafema é necessária uma reflexão sobre uma tipologia dos sistemas de escrita para o desenvolvimento de

uma análise da relação entre os diferentes níveis lingüísticos em cada sistema, atribuindo-lhes outros valores em relação com outros níveis que não o nível de base (sílabas, morfemas, palavras...).

### **2.3.3 Estudos grafemáticos da ortografia portuguesa, no Brasil**

Martins (1979) e Próspero (1980), em suas dissertações de mestrado, sob a orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Regina Célia Pagliucci da Silveira, no Programa de Estudos Pós-Graduados em Língua Portuguesa da PUC/SP, realizam estudos grafemáticos da ortografia portuguesa, no Brasil.

Em ambas as dissertações há considerações sobre o sistema ortográfico da língua portuguesa, em sua fase atual simplificada ou mista, composto por dois subsistemas: um etimológico e um fonético. O subsistema etimológico compreende um conjunto de grafemas que registram, a partir dos étimos do substrato da língua portuguesa, as origens latinas, de forma a “contar” a história da nossa língua. O subsistema fonético compreende um conjunto de grafemas que registram as novas entradas, neologismos, de palavras para a Língua Portuguesa e que não são de origem latina nem entraram para a Língua Portuguesa através do latim. Todavia, devido à dinâmica da língua, decorrente do seu uso efetivo pelos falantes nativos, o subsistema etimológico mantém relações com o sistema fonético e vice-versa de forma a se estabelecerem traços etimológico-fonéticos e fonético-etimológicos.

Martins (1979) trata dos fonemas /s/ e /z/ e as letras que os grafam e conclui que há grafemas em Língua Portuguesa, a partir do exame do uso das letras “s, ss, sc, ç, x, z”.

Próspero (1980) trata da letra “x” e conclui, a partir do seu uso em português, que tal letra é um grafema tanto do subsistema etimológico quanto do subsistema fonético, de forma a grafar os fonemas /s, z, š, ks/.

Em síntese, esta dissertação está fundamentada na Fonologia Segmental de forma a diferenciar fonema/som e grafema/letra, tendo como método de descrição do

grafema a comutação de formas escritas em língua portuguesa, com as letras “g” e “j”. São consideradas as noções de valor mono e polifonológico para a correspondência com o grafema e os níveis grafemáticos e morfo-grafemáticos para as lexias, vistas como palavras.

### **CAPÍTULO III**

## **RESULTADOS OBTIDOS DAS ANÁLISES DA LETRA “G”**

### **CAPÍTULO III**

#### **RESULTADOS OBTIDOS DAS ANÁLISES DA LETRA “G”**

Este capítulo apresenta os resultados obtidos das análises realizadas, de forma a classificá-los por um critério morfo-grafemático (lexema e gramema) e por um critério apenas grafemático (“g” – /g/ e “g” - /ž/). Como o grafema é do sistema escrito e o fonema do sistema oral, os traços distintivos do grafema têm outra natureza e são apresentados, a partir do subsistema escrito etimológico e do subsistema escrito fonético. A oposição entre fonema e som é transcrita por: /fonema/ e [som]. A oposição grafema/letra, não foi ainda convencionalizada. Nesta Dissertação usa-se a seguinte convenção: ‘grafema’ e “letra”.

#### **3.1 O grafema ‘g’ em lexemas e formas flexionadas**

O grafema ‘g’ em lexemas ocorre tanto em lexias simples e em suas formas flexionadas.

### 3.1.1 A letra “g” e o grafema ‘g’ no subsistema etimológico

Os resultados das análises realizadas indicam que o grafema ‘g’ mantém correspondência unifonológica com /g/ que é gutural (velar) antes das vogais a, o, u. De modo geral, antes das vogais “e, i”, houve palatização e passa a ser realizado por [ž]. Em outros casos, foi mantido o traço velar para /g/. Dessa forma, convencionou-se grafar essa correspondência unifonológica com o dígrafo “gu”.

Assim, por exemplo:

‘g’ + a, o, u - “canga, gota e guta”

‘gu’ + e, i - “guerra e guia”

Nesse sentido, os resultados obtidos indicam que o grafema ‘g’ tem sua origem no latim, de forma a grafar /g/. Como esse caso não apresenta dificuldades para o uso grafemático, não serão apresentadas as análises realizadas, por itens, e apenas as diferenças gráficas.

No momento da palatização (‘g’ + a, o, u = ‘g’ e ‘g’ + e, i > ž), o fonema /g/, por vezes não se palatizou antes de “e” e “i”; a convenção gráfica estabelece ‘gu’. Logo, trata-se de uma distribuição complementar para os grafemas ‘g’ e ‘gu’.

É interessante observar que “gu” + a, o, u, grafa duas unidades escritas correspondentes aos fonemas: /g/ e /wau/, como em água; por vezes, antes de “e” e “i” o “gu” grafa duas unidades fonológicas (g + w) o “u” recebe trema.

Em síntese:

‘g’ = /g + a, o, u/, com valor monofonológico: “galo, goma, gula”;

‘gw’ = /g + i, e/, dois grafemas com valor monofonológico: “guia, guerra”;

‘gü’ = /gw + e, i/ com valor polifonológico: “lingüiça, agüir, averigüei”

‘g + u’ = /gw + a, o, u/ dois grafemas para dois fonemas, valor monofonológico para cada um: “água, aguou.”

### 3.1.2 A letra “g” e o grafema ‘g’ no subsistema fonético

Os resultados obtidos indicam que não houve ocorrência: (Ø)

Não foi encontrado o grafema ‘g’, definido pelo traço do subsistema fonético. Esse resultado permite dizer que o grafema ‘g’ não é do subsistema grafemático fonético do português e sim do subsistema etimológico. O que ocorre, devido à variação lingüística, é a mudança fonética que propicia caracterizar o traço etimológico-fonético que será tratado em outro item a seguir.

### 3.1.3 O grafema ‘g’, com o traço distintivo etimológico-fonético

O grafema ‘g’ define-se por um traço etimológico-fonético, devido às variações fonéticas ocorridas, na História da Língua Portuguesa vinda do latim às quais propiciaram no percurso histórico uma evolução fonética e fonológica:

*/g/ > /ž/* - que passam a ser grafados ortograficamente por:  
 - */g + a, o, u/ = /g/ e;*  
 - ‘*g + e, i*’ - que passa a grafar */ž/*

Justifica-se a atribuição do traço distintivo desse grafema como etimológico-fonético, quando uma mesma letra “g” adquire valor polifonológico, de forma a diferenciar as mudanças ocorridas pela palatização, no sistema fonológico do português.

Seguem as análises realizadas, relativas ao grafema tratado e definido pelo traço distintivo etimológico-fonético:

#### 3.1.3.1 “gelar”

a) /ʒNIáR/ “g” grafa o fonema /ʒ/ em Língua Portuguesa (LPO); dessa forma, tem valor polígrafo, ou seja, /g/ e /ʒ/;

b) O par comutativo entre ‘j’ e ‘g’ ‘e: “gê/jê”

c) Nas derivações e formas flexionadas, de “gelo”, de etimologia latina, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’: “gelo”, “gelado”, “geladeira”;

d) No percurso histórico da letra, o grafema ‘g’ para grafar ‘j’ ocorre no momento da palatização consonantal dos fonemas latinos velares /g,k/, quando se mantém a mesma letra do étimo para grafar a mudança fonética da velar para a palatal /ʒ/;

e) O grafema ‘g’ está em distribuição complementar com as vogais de forma a grafar a velar em /g + a, o, u/ e a palatal em /g + e, i/.

Os resultados obtidos das análises repetem-se em alguns itens, de forma que se tornam desnecessários, para apresentação dos resultados. A seguir, são indicadas apenas as diferenças; por essa razão os itens não seguem a ordem alfabética.

### **3.1.3.2 “gemer”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “gemer”, de etimologia latina, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’: “gemido”, “gemente”;

### **3.1.3.3 “gentil”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “gentil”, de etimologia latina, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’: “gentileza”, “gentilismo”;

### **3.1.3.4 “gente”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “gente”, de etimologia latina, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’: “gentarada”, “gentaça”, “gentama”;

### **3.1.3.5 “tanger”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “tanger”, de etimologia latina, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’: “tangimento”, “tangerino”;

### **3.1.3.6 “virgem”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “virgem”, de etimologia latina, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’: “virginiano”, “virginizar”;

### 3.1.3.7 “agente”

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “agente”, de etimologia latina, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’: “agentivo”.

e) Segundo Torrinha (1937) agēns, entis, “agentis rerum” ou “in rebus”: funcionários do tempo do império que velavam pela tranqüilidade pública e pelo abastecimento.

### 3.1.3.8 “algente”

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “algente”, de etimologia latina, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’: “álgido”, “algícola”, “algidez”.

e) Segundo Torrinha (1937) algēns, entis <<que tem frio>>. Para Williams (1975), em lat. ‘g’ precedido de consoante e seguido de “e ou i” > port. a grafia “g”.

### 3.1.3.9 “argento”

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “argento”, de etimologia latina, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’: “argentino”, “argentita”, “argentífero”, “argetifólio”, “argentifiliado”;

### 3.1.3.10 “absterger”

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “absterger”, de etimologia latina, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’: “abstergido”, “abstergente”, “abstergência”.

e) Segundo Torrinha (1937) ab-stergō, is, ěre. ab, ā, abs, preposição de ablativo: designa <<o ponto de partida, o ponto de partida no tempo, a pessoa de quem provém a ação expressa pelo verbo>>; e significa <<de, desde>>; mas, como prefixo designa <<afastamento, ausência, falta ou privação>>.

### 3.1.3.11 “confranger”

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “confranger”, de etimologia latina, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’: “confrangido”, “confrangimento”;

**3.1.3.12 “congelar”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “congelar”, de etimologia latina, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’: “congelamento”, “congelado”, “congelador”, “congelativo”;

**3.1.3.13 “ingerir”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “ingerir”, de etimologia latina, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’: “ingerido”, “ingeriram”;

**3.1.3.14 “ângelus”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “ângelus”, de etimologia latina, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’: “angélico”, “angelical”;

e) Segundo Torrinha (1937) “ângelus” > “anjo”, no momento da palatização. Para Williams (1975), a palavra vinda do latim e escrita com o grafema “g” e seguido de “e ou i” transforma-se em português, palatiza e é escrita com “g”; *caso seguida de “a,o,u” é escrita com “j”*.

**3.1.3.15 “corregger”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “corregger”, de etimologia latina, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’: “corrigir”, “corregimento”, “corregedoria”, “corregedor”;

**3.1.3.16 “digerir”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “digerir”, de etimologia latina, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’: “digerível”, “digerido”;

**3.1.3.17 “eleger”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “eleger”, de etimologia latina, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’: “elegido” (part.);

**3.1.3.18 “ambages”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “ambages”, de etimologia latina, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’.

e) Segundo Torrinha (1937) ambãgēs, um [amb- + ago], <<rodeios, sinuosidades>>.

### **3.1.3.19 “caligem”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionas, de “caligem”, de etimologia latina, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’: “caliginoso”.

### **3.1.3.20 “vertigem”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionas, de “vertigem”, de etimologia latina, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’: “vertiginoso”, “vertiginosidade.”

### **3.1.3.21 “digestão”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionas, de “digestão”, de etimologia latina, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’: “digestir”, “digestível”.

### **3.1.3.22 “congestão”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionas, de “congestão”, de etimologia latina, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’: “congestinamento”, “congestionado”, “congestivo”, “congestionante”.

### **3.1.3.23 “geração”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionas, de “geração”, de etimologia latina, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’.

### **3.1.3.24 “genital”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionas, de “genital”, de etimologia latina, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’: “genitália”.

e) Segundo Torrinha (1937) genitãlis <<que procria, que gera, genital, fecundo, do nascimento; natalício//genitália corpora: os elementos criadores// genitãlis dies: o dia do nascimento>>.

### **3.1.3.25 “gestante”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionas, de “gestante”, de etimologia latina, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’: “gestação”

**3.1.3.26 “tigela”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “tigela”, de etimologia latina, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’: “tigelada”;

**3.1.3.27 “cônjuge”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “cônjuge”, de etimologia latina, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’: “conjugal.”

**3.1.3.28 “adstringência”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, “adstringência”, é uma palavra que já entrou para o português derivada da etimologia latina, e não houve mudança do emprego do grafema ‘g’.

**3.1.3.29 “agência”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “agência”, de etimologia latina e, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’: “agenciar”, “agenciamento”, “agenciador”.

**3.1.3.30 “contingência”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “contingência”, de etimologia latina, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’: “contingenciar”.

**3.1.3.31 “diligência”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “diligência”, de etimologia latina, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’: “diligenciar”, “diligenciador”.

**3.1.3.32 “adstringente”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “adstringente” é uma palavra que já entra no português derivada de etimologia latina, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’.

**3.1.3.33 “constringente”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “constringente”, esta palavra já entrou no português derivada de etimologia latina, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’.

#### **3.1.3.34 “contingente”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “contingente”, é uma palavra que já entrou no português derivada de etimologia latina, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’.

#### **3.1.3.35 “diligente”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “diligente”, é uma palavra que já entrou no português derivada de etimologia latina, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’.

#### **3.1.3.36 “angélica”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “angélica”, de etimologia latina e, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’: angelical”, “angélico”.

#### **3.1.3.37 “argentário”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “argentário”, é uma palavra que já entrou para o português derivada de etimologia latina e, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’.

#### **3.1.3.38 “argentino”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “argentino”, é uma palavra que já entrou para o português derivada de etimologia latina e, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’.

#### **3.1.3.39 “clavígero”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “clavígero”, é uma palavra que já entrou para o português derivada de etimologia latina e, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’.

#### **3.1.3.40 “congelamento”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “congelamento”, é uma palavra que já entrou para o português derivada de etimologia latina e, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’.

#### **3.1.3.41 “degeneração”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “degeneração”, é uma palavra que já entrou para o português derivada de etimologia latina e, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’.

#### **3.1.3.42 “congeminar”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “congeminar”, é uma palavra que já entrou para o português derivada de etimologia latina e, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’.

#### **3.1.3.43 “congêneres”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “congêneres”, é uma palavra que já entrou para o português derivada de etimologia latina e, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’.

#### **3.1.3.44 “congenito”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “congenito”, é uma palavra que já entrou para o português derivada de etimologia latina e, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’.

#### **3.1.3.45 “constranger”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “constranger”, de etimologia latina e, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’: “constrangedor”.

#### **3.1.3.46 “degenerar”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “degenerar”, é uma palavra que já entrou para o português derivada de etimologia latina e, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’.

#### **3.1.3.47 “digestível”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “digestível”, é uma palavra que já entrou para o português derivada de etimologia latina e, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’.

#### **3.1.3.48 “digestivo”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “digestivo”, é uma palavra que já entrou para o português derivada de etimologia latina e, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’.

#### **3.1.3.49 “genitivo”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “genitivo”, é uma palavra que já entrou para o português derivada de etimologia latina e, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’.

#### **3.1.3.50 “heterogêneo”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “heterogêneo”, é uma palavra que já entrou para o português derivada de etimologia latina e, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’.

#### **3.1.3.51 “ingênuo”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “ingênuo”, é uma palavra que já entrou para o português derivada de etimologia latina e, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’.

#### **3.1.3.52 “ágil”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “ágil”, de etimologia latina, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’: “agilidade”, “agílimo”

#### **3.1.3.53 “agir”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “agir”, de etimologia latina, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’: “agilidade”, “agílimo”.

#### **3.1.3.54 “rugir”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “rugir”, de etimologia latina, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’: “rugido” (participípio).

#### **3.1.3.55 “cingir”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “cingir”, de etimologia latina, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’: “cingido” (part.).

#### **3.1.3.56 “fingir”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “fingir”, de etimologia latina, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’: “fingidor”, “fingimento” “fingido” (part.).

#### **3.1.3.57 “jungir”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “jungir”, de etimologia latina, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’: “jungido” (part.).

#### **3.1.3.58 “ungir”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “ungir”, de etimologia latina, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’: “ungido” (part.).

#### **3.1.3.59 “girar”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “girar”, é uma palavra que já entrou para o português derivada de etimologia latina e, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’.

#### **3.1.3.60 “adstringir”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “adstringir”, é uma palavra que já entrou para o português derivada de etimologia latina e, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’.

#### **3.1.3.61 “álgido”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “álgido”, de etimologia latina, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’: “algidez”.

#### **3.1.3.62 “angina”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “angina”, de etimologia latina, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’: “anginoso”, “anginóide”.

#### **3.1.3.63 “argivo”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “argivo”, é uma palavra que já entrou para o português derivada de etimologia latina e, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’.

#### **3.1.3.64 “atingir”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “atingir”, de etimologia latina, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’: “atingível”, “atingido” (part.).

#### **3.1.3.65 “compungir”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “compungir”, de etimologia latina, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’: “compungimento”, “compungitivo”.

#### **3.1.3.66 “confungir”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “confungir”, é uma palavra que já entrou para o português derivada de etimologia latina e, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’.

#### **3.1.3.67 “conjungir”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “conjungir”, é uma palavra que já entrou para o português derivada de etimologia latina e, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’.

#### **3.1.3.68 “constrangir”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “constrangir”, de etimologia latina, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’: “constrangido” (part.).

#### **3.1.3.69 “convergir”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “convergir”, de etimologia latina, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’: “convergido” (part.).

**3.1.3.70 “afligir”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “afligir”, de etimologia latina, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’: “afligimento”, “afligidor”.

**3.1.3.71 “agitar”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “agitar”, de etimologia latina, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’: “agitamento”, “agitável”, “agitado” (part.).

**3.1.3.72 “cogitar”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “cogitar”, de etimologia latina, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’: “cogitativo”, “cogitado” (part.).

**3.1.3.73 “coligir”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “coligir”, de etimologia latina, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’: “coligidor”, “coligido” (part.).

**3.1.3.74 “corrigir”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “corrigir”, de etimologia latina, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’: “corrigível”. “corrigibilidade”.

**3.1.3.75 “digital”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “digital”, é uma palavra que já entrou para o português derivada de etimologia latina e, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’.

**3.1.3.76 “dígito”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “dígito”, é uma palavra que já entrou para o português derivada de etimologia latina e, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’. (dedo)

**3.1.3.77 “infligir”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “infligir”, de etimologia latina, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’: “infligido” (part.).

**3.1.3.78 “legião”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “legião”, é uma palavra que já entrou para o português derivada de etimologia latina e, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’.

### **3.1.3.79 “região”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “região”, é uma palavra que já entrou para o português derivada de etimologia latina e, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’.

### **3.1.3.80 “legista”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “legista”, é uma palavra que já entrou para o português derivada de etimologia latina e, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’.

### **3.1.3.81 “página”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “página”, de etimologia latina, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’: “paginar”, “paginador”, “paginado”.

### **3.1.3.82 “registro”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “registro”, de etimologia latina, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’: “registrar”, “registrável”, “registrador”.

### **3.1.3.83 “rígido”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “rígido”, de etimologia latina, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’: “rigidez”.

### **3.1.3.84 “sigilo”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “sigilo”, de etimologia latina, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’: “sigiloso”.

### **3.1.3.85 “aborígine”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “aborígene”, é uma palavra que já entrou para o português derivada de etimologia latina e, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’.

#### **3.1.3.86 “adágio”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “adágio”, é uma palavra que já entrou para o português derivada de etimologia latina e, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’.

#### **3.1.3.87 “agilidade”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “agilidade”, é uma palavra que já entrou para o português derivada de etimologia latina e, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’.

#### **3.1.3.88 “agílimo”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “agílimo”, é uma palavra que já entrou para o português derivada de etimologia latina e, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’.

#### **3.1.3.89 “agilíssimo”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “agilíssimo”, é uma palavra que já entrou para o português derivada de etimologia latina e, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’.

#### **3.1.3.90 “agitação”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “agitação”, é uma palavra que já entrou para o português derivada de etimologia latina e, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’.

#### **3.1.3.91 “agitador”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “agitador”, é uma palavra que já entrou para o português derivada de etimologia latina e, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’.

**3.1.3.92 “agitante”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “agitante”, é uma palavra que já entrou para o português derivada de etimologia latina e, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’.

**3.1.3.93 “agitável”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “agitável”, é uma palavra que já entrou para o português derivada de etimologia latina e, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’.

**3.1.3.94 “argiloso”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “argiloso”, é uma palavra que já entrou para o português derivada de etimologia latina e, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’.

**3.1.3.95 “caliginoso”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “caliginoso”, é uma palavra que já entrou para o português derivada de etimologia latina e, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’.

**3.1.3.96 “cartaginês”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “cartaginês”, é uma palavra que já entrou para o português derivada de etimologia latina e, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’.

**3.1.3.97 “cogitação”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “cogitação”, é uma palavra que já entrou para o português derivada de etimologia latina e, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’.

**3.1.3.98 “colegiado”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “colegiado”, é uma palavra que já entrou para o português derivada de etimologia latina e, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’.

**3.1.3.99 “colegial”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “colegial”, é uma palavra que já entrou para o português derivada de etimologia latina e, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’.

**3.1.3.100 “colégio”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “colégio”, de etimologia latina, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’: “colegiado”, “colegial”.

**3.1.3.101 “contágio”**

c) Nas derivações e/ ou formas flexionadas, de “contágio”, de etimologia latina, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’: “contagiar”, “contagiar”.

**3.1.3.102 “contagioso”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “contagioso”, é uma palavra que já entrou para o português derivada de etimologia latina e, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’.

**3.1.3.103 “efígie”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “efígie”, é uma palavra que já entrou para o português derivada de etimologia latina e, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’.

**3.1.3.104 “efúgio”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “efúgio”, é uma palavra que já entrou para o português derivada de etimologia latina e, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’.

**3.1.3.105 “egípcio”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “egípcio”, é uma palavra que já entrou para o português derivada de etimologia latina e, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’.

**3.1.3.106 “egrégio”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “egrégio”, é uma palavra que já entrou para o português derivada de etimologia latina e, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’.

**3.1.3.107 “elegível”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “elegível”, é uma palavra que já entrou para o português derivada de etimologia latina e, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’.

**3.1.3.108 “imaginação”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “imaginação”, é uma palavra que já entrou para o português derivada de etimologia latina e, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’.

**3.1.3.109 “imaginário”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “imaginário”, é uma palavra que já entrou para o português derivada de etimologia latina e, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’.

**3.1.3.110 “inteligível”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “inteligível”, é uma palavra que já entrou para o português derivada de etimologia latina e, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’.

**3.1.3.111 “magistério”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “magistério”, é uma palavra que já entrou para o português derivada de etimologia latina e, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’.

**3.1.3.112 “original”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “original”, de etimologia latina e, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’: “originalidade”.

**3.1.3.113 “pedágio”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “pedágio”, é uma palavra que já entrou para o português derivada de etimologia latina e, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’.

**3.1.3.114 “prestígio”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “prestígio”, de etimologia latina, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’: “prestigiar”, “prestigioso”.

**3.1.3.115 “refúgio”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “refúgio”, de etimologia latina, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’: “refugiar-se”, “refugiado” (part.).

**3.1.3.116 “regimento”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “regimento”, é uma palavra que já entrou para o português derivada de etimologia latina e, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’.

**3.1.3.117 “relógio”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “relógio”, é uma palavra que já entrou para o português derivada de etimologia latina e, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’.

**3.1.3.118 “engendrar”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “engendrar”, é uma palavra que já entrou para o português derivada de etimologia latina e, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’.

**3.1.3.119 “árgema”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “árgema”, é uma palavra que já entrou para o português derivada de etimologia grega, passando a latina e, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’.

**3.1.3.120 “esfinge”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “esfinge”, é uma palavra que já entrou para o português derivada da etimologia grega, passando a latina e, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’.

e) Segundo Torrinha (1937:812) sphinx, ingis, f. esfinge; estátua de esfinge; esfinge gravada num sinete.

### **3.1.3.121 “laringe”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “laringe”, é uma palavra que já entrou para o português derivada de etimologia grega, passando à latina e, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’: “laringite”, “laríngeo”;

### **3.1.3.122 “analgesia”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “analgesia”, é uma palavra que já entrou para o português derivada de etimologia grega, passando à latina e, não houve mudança no emprego do grafema ‘g’.

### **3.1.3.123 “angélico”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “angélico”, é uma palavra que já entrou para o português derivada de etimologia grega, passando à latina e, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’.

### **3.1.3.124 “cinegético”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “cinegético”, é uma palavra que já entrou para o português derivada de etimologia grega, passando à latina e, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’.

### **3.1.3.125 “argila”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “argila”, é uma palavra que já entrou para o português derivada de etimologia grega, passando à latina e, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’: “argiloso”

e) Para Williams (1975) Formas arcaicas e populares como “arzila”, etc, são provavelmente resultado de confusão semi-erudita dos grafemas “c” e “g” nessa posição em latim vulgar (Carnoy, 157)

### **3.1.3.126 “égide”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “égide”, é uma palavra que já entrou para o português derivada de etimologia grega, passando à latina e, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’.

### **3.1.3.127 “gigante”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “gigante”, é uma palavra que já entrou para o português derivada de etimologia grega, passando à latina e, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’.

### **3.1.3.128 “lógica”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “lógica”, é uma palavra que já entrou para o português derivada de etimologia grega, passando à latina e, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’: “logicar”, “logicismo”.

### **3.1.3.129 “lógico”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “lógico”, é uma palavra que já entrou para o português derivada de etimologia grega, passando à latina e, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’.

### **3.1.3.130 “mágico”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “mágico”, é uma palavra que já entrou para o português derivada de etimologia grega, passando à latina e, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’.

### **3.1.3.131 “magia”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “magia”, é uma palavra que já entrou para o português derivada de etimologia grega, passando à latina e, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’.

### **3.1.3.132 “trágico”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “árgema”, é uma palavra que já entrou para o português derivada de etimologia grega, passando à latina e, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’: “tragicidade”.

**3.1.3.133 “analogia”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “analogia”, é uma palavra que já entrou para o português derivada de etimologia grega, passando à latina e, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’.

**3.1.3.134 “acrobiologia”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “acrobiologia”, é uma palavra que já entrou para o português derivada de etimologia grega, passando à latina e, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’.

**3.1.3.135 “analógico”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “analógico”, é uma palavra que já entrou para o português derivada de etimologia grega, passando à latina e, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’.

**3.1.3.136 “antilogia”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “antilogia”, é uma palavra que já entrou para o português derivada de etimologia grega, passando à latina e, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’.

**3.1.3.137 “antilógico”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “antilógico”, é uma palavra que já entrou para o português derivada de etimologia grega, passando à latina e, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’.

**3.1.3.138 “antologia”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “antologia”, é uma palavra que já entrou para o português derivada de etimologia grega, passando à latina e, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’.

**3.1.3.139 “astrologia”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “astrologia”, é uma palavra que já entrou para o português derivada de etimologia grega, passando à latina e, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’.

**3.1.3.140** "astrológico"

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de "astrológico", é uma palavra que já entrou para o português derivada de etimologia grega, passando à latina e, não houve mudança do emprego do grafema 'g'.

**3.1.3.141** "ciriologia"

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de "ciriologia", é uma palavra que já entrou para o português derivada de etimologia grega, passando à latina e, não houve mudança do emprego do grafema 'g'.

**3.1.3.142** "corégico"

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de "corégico", é uma palavra que já entrou para o português derivada de etimologia grega, passando à latina e, não houve mudança do emprego do grafema 'g'.

**3.1.3.143** "creofagia"

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de "creofagia", é uma palavra que já entrou para o português derivada de etimologia grega, passando à latina e, não houve mudança do emprego do grafema 'g'.

**3.1.3.144** "dialógico"

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de "dialógico", é uma palavra que já entrou para o português derivada de etimologia grega, passando à latina e, não houve mudança do emprego do grafema 'g'.

**3.1.3.145** "elegia"

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de "elegia", é uma palavra que já entrou para o português derivada de etimologia grega, passando à latina e, não houve mudança do emprego do grafema 'g'.

**3.1.3.146** "estratégia"

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de "estratégia", é uma palavra que já entrou para o português derivada de etimologia grega, passando à latina e, não houve mudança do emprego do grafema 'g'.

**3.1.3.147 “pedagogia”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “pedagogia”, é uma palavra que já entrou para o português derivada de etimologia grega, passando à latina e, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’.

**3.1.3.148 “teologia”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “teologia”, é uma palavra que já entrou para o português derivada de etimologia grega, passando à latina e, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’.

**3.1.3.149 “demiurgia”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “demiurgia”, é uma palavra que já entrou para o português derivada de etimologia grega, passando à latina e, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’.

**3.1.3.150 “cirurgia”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “cirurgia”, é uma palavra que já entrou para o português derivada de etimologia grega, passando à latina e, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’.

**3.1.3.151 “cirurgiã”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “cirurgiã”, é uma palavra que já entrou para o português derivada de etimologia grega, passando à latina e, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’.

**3.1.3.152 “cirúrgico”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “cirúrgico”, é uma palavra que já entrou para o português derivada de etimologia grega, passando à latina e, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’.

**3.1.3.153 “energia”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “energia”, é uma palavra que já entrou para o português derivada de etimologia grega, passando à latina e, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’.

**3.1.3.154 “diligência”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “diligência”, é uma palavra que já entrou para o português derivada de etimologia latina via francês e, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’.

**3.1.3.155 “agiotar”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “agiotar”, é uma palavra que já entrou para o português derivada de etimologia latina via francês e, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’: “agiota”, “agiotagem”.

**3.1.3.156 “carolíngio”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “carolíngio”, é uma palavra que já entrou para o português derivada de etimologia latina via francês e, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’.

**3.1.3.157 “nostalgia”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “nostalgia”, é uma palavra que já entrou para o português derivada de etimologia grega via francês e, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’.

**3.1.3.158 “álgebra”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “álgebra”, é uma palavra que já entrou para o português derivada de etimologia árabe e, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’.

**3.1.3.159 “algema”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “algema”, é uma palavra que já entrou para o português derivada de etimologia árabe e, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’: “algemar”.

**3.1.3.160 “gengibre”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “gengibre”, é uma palavra que já entrou para o português derivada de etimologia grega via árabe e, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’.

**3.1.3.161 “abencerrage”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “abencerrage”, é uma palavra que já entrou para o português derivada de etimologia árabe e, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’.

**3.1.3.162 “girafa”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “girafa”, é uma palavra que já entrou para o português derivada de etimologia árabe via italiano e, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’.

**3.1.3.163 “ágio”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “ágio”, é uma palavra que já entrou para o português derivada de etimologia italiana e, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’.

**3.1.3.164 “charge”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “charge”, é uma palavra que já entrou para o português derivada de etimologia latina via francês e, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’: “chargista”.

**3.1.3.165 “sargento”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionais, de “sargento”, é uma palavra que já entrou para o português derivada de etimologia latina via francês e, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’.

e) O grafema “v” latino, em francês > g > /ʒ/.

**3.1.3.166 “bugiganga”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “bugiganga”, é uma palavra que já entrou para o português derivada de etimologia latina via espanhola e, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’.

e) A Espanha, ao ser unificada, territorialmente, abrange o território atual do qual fazem parte o basco, o galaico, o catalão, etc. E a informação dada pelo dicionário não é suficiente para saber se tem etimologia latina ou na romanização; todavia ao entrar a palavra para o português a grafia já registra “g”.

### 3.1.4 O grafema 'g' com traço fonético-etimológico

O traço fonético-etimológico é distintivo para o grafema 'g'. Trata-se de palavras vindas de línguas diferentes do latim ou de palavras com étimos que apresentam fonemas que deram origem a /g/.

Inicialmente, as palavras foram grafadas com "j" e, após, a partir do Renascimento com a fase etimológica do alfabeto, houve a troca para 'g'.

Os resultados obtidos das análises tratam de étimos árabes, gregos, do espanhol antigo, do francês. Em outros termos, pode-se dizer que, a partir do Renascimento, principalmente na França, como foi indicado no Capítulo II, os franceses optaram por ortografar /ž/ com o étimo latino /g/ > /ž/ de forma a tratar dos grafemas 'g + a, o, u' e 'g + e, i'.

#### 3.1.4.1 "giz".

a) /žiz/ o grafema 'g' tem valor polofonológico, pois grafa /g + a, o, u/ e /ž + e, i/;

b) Há par comutativo entre "g"/ "j": "jê/gê";

c) Nas formas derivadas mantém-se o grafema 'g': "gizamento", "gizar";

d) No percurso histórico da grafia da palavra analisada tem-se, palavra de étimo grego, entrada na língua portuguesa pelo árabe e grafada inicialmente, por "jibs"; mais tarde, com a grafia etimológica, a letra "j" é trocada por "g", de forma a seguir os demais étimos gregos vindos pelo latim;

e) palavra de origem grega em que /g + e, i/, palatizou-se;

- embora esta palavra tenha tido duas formas escritas diferentes, os dicionários atuais de língua portuguesa só aceitam a grafia "giz".

De todo modo é importante ressaltar que os resultados obtidos das análises repetem-se em alguns itens, de forma que se tornam desnecessários, para a apresentação. No entanto, a seguir, são indicadas apenas as diferenças; por essa razão os itens não seguem a ordem alfabética.

### 3.1.4.2 “monge”

c) Nas derivações de “monge”, é uma palavra que já entrou para o português derivada de etimologia grega via latim e, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’.

e) *monachós > monachu > monicu > monge*. Segundo Coutinho (1976:113), o grafema “c” (antes de *a, o, u*) transforma-se no grafema “g”, esta sonorização parece ter-se iniciado no século V, conforme testemunho das inscrições. Apenas em palavras eruditas ou refeitas segundo o latim é que o grafema “c” se conserva.

### 3.1.4.3 “giga”

b) Par comutativo: “giga/jiga” - “giga” > de origem obscura. 1. Selha larga e baixa. 2. Canastra em forma de selha. 3. antigo instrumento musical de cordas (...);  
- “jiga” > antigo instrumento de cordas (...).

c) Não foram encontradas formas derivadas;

## 3.2 O grafema ‘g’ em morfemas sufixais

Os resultados obtidos das análises indicam que:

- Os sufixos com o grafema ‘g’ são relativos às formas nominais (substantivos) e o sufixo “-ejar” apresenta-se com o grafema ‘j’ para as formas verbais. Nesse sentido, o traço distintivo para os sufixos onde ocorrem os grafemas ‘g’ e ‘j’ é um traço morfo-grafemático.

Embora neste item, sejam apresentados apenas o morfo-grafema do nome. “-agem” - sufixo que veio do acusativo latino de “-ago, ĩnis, com a forma “agine”. Esse sufixo nominal equivale a <<ação ou resultado de ação; voragem (<latim), imagem (<latim)>>. Esse sufixo latino, também, entra para o português pelo provençal como “-atge” ou pelo francês “-age”, equivalente a <<ação ou resultado de ação; coleção; vadiagem, aprendizagem, folhagem, plumagem>>.

O sufixo “-ugem” vem para o português do latim “-ugine” (ĩ > M) = “-ugem” de forma a grafar as palavras de derivação nominal tais como: ferrugem, selvagem.

O sufixo nominal “-ugem” = <<semelhança; porção, quantidade; ferrugem (<latim), lanugem (<latim), pelugem>>.

Todavia, como “-agem”, “-ugem” são de derivação nominal e “-ejar”, e de derivação verbal, não há problemas para o uso grafemático.

### 3.2.1 O grafema ‘g’ em morfemas sufixais ‘-agem’ e ‘-ugem’

Os morfemas “-agem”, “-ugem” são de origem latina e seguem o uso etimológico fonético. Como se pode verificar, nas palavras abaixo:

#### “-agem”

##### 3.2.1.1 “carruagem”

a) /kaɾwázɣ/ grafa o fonema /ʒ/ em LPO; dessa forma tem valor, pois grafa /g/ e /ʒ/;

b) O par comutativo entre ‘g’ e ‘j’: “gê/jê” ;

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, “carruagem”, é uma palavra que já entrou para o português derivada de etimologia latina e, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’.

d) No percurso histórico da letra, o grafema ‘g’ para grafar ‘j’ ocorre no momento da palatização consonantal dos fonemas latinos velares /g, k/, quando se mantém a mesma letra do étimo para grafar a mudança fonética da velar para a palatal /ʒ/;

e) O grafema ‘g’ está em distribuição complementar com as vogais de forma a grafar a velar em /g + a, o, u/ e a palatal em /g + e, i/.

Os resultados obtidos das análises repetem-se em alguns itens, de forma que se tornam desnecessários, para apresentação desse resultado. A seguir, são

indicadas apenas as diferenças; por essa razão os itens não seguem a ordem alfabética.

#### **3.2.1.2 “cartilagem”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “cartilagem”, é uma palavra que já entrou para o português derivada de etimologia latina e, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’.

#### **3.2.1.3 “bagagem”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “bagagem”, é uma palavra que já entrou para o português derivada de etimologia germânica latina via francês e, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’.

#### **3.2.1.4 “bronzagem”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “bronzagem”, é uma palavra que já entrou para o português derivada de etimologia francesa via italiano e, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’.

#### **3.2.1.5 “clichagem”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “clichagem”, é uma palavra que já entrou para o português derivada de etimologia germânica via francês e, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’.

#### **3.2.1.6 “colagem”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “colagem”, é uma palavra que já entrou para o português derivada de etimologia latina via francês e, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’.

#### **3.2.1.7 “coragem”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “coragem”, é uma palavra que já entrou para o português derivada de etimologia latina via francês e, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’.

#### **3.2.1.8 “passagem”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “passagem”, é uma palavra que já entrou para o português derivada de etimologia latina via francês e, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’.

#### **3.2.1.9 “vantagem”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “vantagem”, é uma palavra que já entrou para o português derivada de etimologia latina via francês e, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’.

#### **3.2.1.10 “acoplagem” “g” grafa /ž/ em LPO.**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “acoplagem”, é uma palavra que já entrou para o português derivada de etimologia francesa e, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’.

#### **3.2.1.11 “aeragem”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “aeragem”, é uma palavra que já entrou para o português derivada de etimologia francesa e, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’.

#### **3.2.1.12 “defasagem”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “defasagem”, é uma palavra que já entrou para o português derivada de etimologia francesa e, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’.

#### **3.2.1.13 “embalagem”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “embalagem”, é uma palavra que já entrou para o português derivada de etimologia latina via francês e, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’.

#### **3.2.1.14 “embreagem”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “embreagem”, é uma palavra que já entrou para o português derivada de etimologia latina via francês e, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’.

**3.2.1.15 “agiotagem”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “agiotagem”, é uma palavra que já entrou para o português derivada de etimologia italiana via francês e, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’.

**3.2.1.16 “selvagem”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “selvagem”, é uma palavra que já entrou para o português derivada de etimologia latina e, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’.

e) Segundo Torinha (1937) *silvātīcus*, a, um [silva], que vive nas florestas, silvestre.

**3.2.1.17 “viagem”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “viagem”, é uma palavra que já entrou para o português derivada de etimologia latina e, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’.

e) Segundo Torrinha (1937) *viātīcum* e *viātīca, ōrum* [viaticus], provisões de viagem, dinheiro para a viagem.

**3.2.1.18 “carriagem”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “carriagem”, é uma palavra que já entrou para o português derivada do catalão antigo e, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’.

**“-ugem”****3.2.1.19 “ferrugem”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “ferrugem”, é uma palavra que já entrou para o português derivada de etimologia latina e, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’.

**3.2.1.20 “imagem”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “imagem”, é uma palavra que já entrou para o português derivada de etimologia latina e, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’.

### 3.3 Em síntese

Em síntese, os resultados obtidos, a partir dos itens considerados nas análises, indicam que:

a) O fonema /ʒ/ tem duas correspondências grafemáticas “g” e “j”. A letra “g” tem duas correspondências fonológicas /g, ʒ/; a letra “j” tem uma única correspondência fonológica /ʒ/:

- ‘g’ e ‘j’ são grafemas do sistema ortográfico da língua portuguesa:

- ‘g’ - tem valor polifonológico, pois grafia os fonemas /g/ e /ʒ/.

No sistema ortográfico da língua portuguesa mantém distribuição complementar vocálica:

- ‘g’ + a, o, u;

- ‘g’ + e, i.

b) no que se refere aos pares comutativos grafemáticos, a pesquisa realizada confirma-lhe a existência, como, por exemplo:

“gê/jê” – “gê” <<nome da letra “g”>>; “jê” <<indivíduo dos jês, grupo etnográfico a que pertence o grosso dos tapuias>>

“bege/beje” – “bege” <<1.do francês beige, de cor amarela>>; “beje” <<do ior. os gêmeos nos cultos populares de origem africana; Cosme e Damião, Crispim e Crispiniano>>

“ginga/jinga” – “ginga” << derivado de gingar.1.remo que se coloca em forqueta(...)2.caneco de cabo longo (...)3. movimento fundamental do capoeirista (...)>>; “jinga” <<indivíduo dos jingas, povo de Angola.

“geba”/jeba– “geba” > do latim gibba.<<mulher velha e corcunda>>;“jeba” > sf. bras. s. <<chulo; o pênis>>

c) O grafema ‘g’ grafa o fonema /ʒ + e, i/ e ocorre tanto em lexia simples quanto em suas formas derivadas. Nesse sentido, os grafemas ‘g’ e ‘j’ são diferentes dos grafemas tratados por Martins (1979). A autora, ao indicar seus resultados relativos ao fonema /k/ que no seu percurso histórico mantém-se antes de “a, o, u”; porém, abranda-se antes de “e, i”. Dessa forma, a lexia simples ocorre com grafemas diferentes das formas derivadas, como por exemplo: “paz, pacífico”.

d) O percurso histórico da letra “g” indica que em latim esta letra tem valor monofonológico com o fonema /g/. A partir do século V d.C ocorre a palatização e, nesse momento, manteve-se a mesma letra para grafar /ʒ/. As palavras que entraram para o português e que não vieram pelo substrato latino, ao ocorrer a palatização, passam a ser grafadas com a letra “j”.

Por essa razão, considerou-se que o traço grafemático é etimológico-fonético, da mesma forma que Martins (1979), ao tratar do grafema ‘c’, como, por exemplo, em “Caeser (/k/) que se abranda em /s/, como em “César”, de forma a manter a letra que grafa o étimo latino.

- o traço grafemático que define ‘g’ - /g/ é etimológico, pois esse grafema decorre de étimos latinos e mantém-se em Língua Portuguesa para grafar o fonema oclusivo velar antes das vogais “a, o, u”: “galo”, “goma”, “gula”.

- o traço grafemático que define ‘g’ + e, i - /ʒ/ é fonético, pois esse grafema decorre de étimos latinos grafados com ‘g’ para a correspondência unifonológica com /g/ - oclusiva velar. Durante a palatização não houve mudança grafemática e o

mesmo grafema passou a registrar o valor fonético da palatal [ž] – “gelo”, “geral”, “girafa”.

- O traço grafemático que define ‘g’ + e, i = /ž/ para grafar ‘j’, de étimos não latinos ou quando latinos decorrentes da palatização de “i, y, j”, como, por exemplo, em “monje > monge” foi considerado fonético-etimológico. Essa designação decorre de um momento anterior ao Renascimento ter ocorrido à palatização de “i, y”, como, por exemplo, em “iente > jente > gente”.

Casos como esse, são tratados em Catash (1973) que observa que nos séculos XV e XVI, a ortografia francesa busca instrumentos para uma indicação nacional, a partir de um modelo calcado no latim. Todavia, houve dificuldade para grafar as palavras do francês que não tinham no étimo latino a letra /ž/ e que, por essa razão, na fase fonética da ortografia francesa, haviam sido grafadas com “j”. Optou-se, na época, para grafar as palavras com as letras do alfabeto latino, o que explica a causa de “jente” passar a ser grafado como “gente”

Na ortografia portuguesa as palavras que entraram para o português através do francês mantiveram a forma francesa de ortografar desde o Renascimento. Dessa forma, os dicionários de língua portuguesa registram duas formas escritas para uma mesma palavra: com “j” e com “g”.

O *Dicionário de formas e construções opcionais da Língua Portuguesa de J. A. Fernandes (2000)* apresenta muitos casos relativos a essa dupla ortografia, a exemplo de “alforge” e “alforje”.

A investigação realizada para esta Dissertação permite sugerir que esses casos merecem uma reforma ortográfica, pois causam dificuldades para a escrita ortográfica.

**CAPÍTULO IV**  
**RESULTADOS OBTIDOS DA ANÁLISE DA LETRA “J”**

## **CAPÍTULO IV**

### **RESULTADOS OBTIDOS DAS ANÁLISES DA LETRA “J”**

Este capítulo apresenta os resultados obtidos das análises realizadas, de forma a classificá-los por um critério morfo-grafemático (lexema e gramema) e por um critério apenas grafemático (“j” – /ž/).

Como já o foi tratado no Capítulo III, o grafema é do sistema escrito e o fonema do sistema oral, pois o traço distintivo do grafema tem outra natureza, e neste capítulo é tratado a partir do subsistema escrito fonético. Da mesma forma que no Capítulo III, a oposição entre fonema e som é transcrita por: /fonema/ e [som] e a oposição entre grafema e letra por ‘grafema’ e “letra”.

#### **4.1 O grafema ‘j’ em lexemas e formas flexionadas**

O grafema ‘j’ em lexemas ocorre tanto em lexias simples e em suas formas flexionadas.

#### 4.1.1 A letra “j” e o grafema ‘j’ do subsistema fonético: traço distintivo fonético

Os resultados das análises realizadas indicam que o grafema ‘j’ mantém correspondência unifonológica com /ž/, por exemplo: “jaca, janta, jeca, jendiroba, jibóia, jinga, jojoba, jongo, Júlia e junco”.

O fonema /ž/ é palatal oral. Por exemplo, ângelus >”anjo”. Embora, pelo étimo, mantém-se o grafema ‘g’ + e, i, como em “angélico”, antes de a, o, u, passa a se grafar com ‘j’ para registrar a palatização: “anjo”, “anja”.

Os resultados obtidos indicam que o grafema ‘j’ tem sua origem no subsistema fonético, de forma a grafar /ž/. Como esse caso não apresenta dificuldades para o uso grafemático, não serão apresentadas as análises realizadas, por itens, e apenas as diferenças gráficas.

#### 4.1.2 O grafema ‘j’ para grafar a palatização em formas de origem latina: traço distintivo etimológico-fonético

Neste item são apresentados os casos grafados com ‘j’ e que podem ser definidos pelo traço distintivo etimológico-fonético. Trata-se de palavras com étimo latino onde não havia a palatização. Nesse étimo encontram-se “i, y”. Por essa razão, são etimológicos. No momento da palatização, trocam a grafia por “j” que é uma grafia fonética, de forma a ocorrer o grafema ‘j’.

Seguem as análises realizadas, relativas ao grafema tratado e definido pelo traço distintivo fonético:

##### 4.1.2.1 “já” “j” grafa /ž/ em LPO.

a) /žá/ “j” grafa o fonema /ž/ em LPO; dessa forma, tem valor monógrafo, pois grafa /ž/;

b) O par comutativo entre ‘j’ e ‘g’ ‘e: “jê/gê”;

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “já” de etimologia latina, não houve mudança do emprego do grafema ‘j’;

d) No percurso histórico da letra, o grafema ‘j’ passa a grafar ‘j’ no momento da palatização de formas latinas com os fonemas /i, y/;

e) A letra “j” no latim segundo Williams (1975) grafava /i/

Os resultados obtidos das análises repetem-se em alguns itens, de forma que se tornam desnecessários, para apresentação desses resultados. A seguir, são indicadas apenas as diferenças; por essa razão os itens não seguem a ordem alfabética.

#### **4.1.2.2 “jantar”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “já”, de etimologia latina, não houve mudança do emprego do grafema ‘j’: “janta”;

e) Segundo Coutinho (1976), a letra *j* era desconhecida do latim. Só a partir do Renascimento é que ela passa a ser usada nos textos para substituir a semivogal *i*.

#### **4.1.2.3 “jamais”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “jamais”, de etimologia latina, não houve mudança do emprego do grafema ‘j’: “janta”;

#### **4.1.2.4 “jarro”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “jarro”, de etimologia latina, via árabe, não houve mudança do emprego do grafema ‘j’;

#### **4.1.2.5 “jazer”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “jazer”, de etimologia latina, não houve mudança do emprego do grafema ‘j’;

e) Segundo Torrinha (1937), *jacĕō* ou *iacĕō*, *iacŭi*, *iacitum* (> jazer).

#### **4.1.2.6 “beijar”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “beijar”, de etimologia latina, não houve mudança do emprego do grafema ‘j’.

e) Segundo Williams (1975), palavras vindas do latim e grafadas com *s + i* precedidas de vogal transformam-se em “j”.

#### 4.1.2.7 “adjazer”

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “adjazer”, de etimologia latina, não houve mudança do emprego do grafema ‘j’.

#### 4.1.2.8 “cajado”

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “cajado”, de etimologia latina, não houve mudança do emprego do grafema ‘j’.

e) Segundo Williams (1975), a letra “i” consonântica intervocálica [ij] do latim clássico passou para o português “j” [ʒ]

#### 4.1.2.9 “carqueja”

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “carqueja”, de etimologia latina, não houve mudança do emprego do grafema ‘j’.

#### 4.1.2.10 “cereja”

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “cereja” de etimologia latina, não houve mudança do emprego do grafema ‘j’: “cerejal”, “cerejeira”.

e) Segundo Williams (1975), em português arcaico e em certos dialetos do norte de Portugal, a letra “s” intervocálica se tornou “j” [ʒ]. Essa modificação se encontra em espanhol.

#### 4.1.2.11 “coruja”

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “coruja”, de etimologia latina, não houve mudança do emprego do grafema ‘j’: “corujão”, “corujar”, “corujeira”.

#### 4.1.2.12 “esponjar”

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “esponjar”, de etimologia latina, não houve mudança do emprego do grafema ‘j’.

#### 4.1.2.13 “inveja”

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “inveja”, de etimologia latina, não houve mudança do emprego do grafema ‘j’: “invejar”, “invejando”, “invejado”.

e) Segundo Williams (1975), as palavras vindas do latim com *d + i* precedidas de vogal passou para o português “j” [ʒ].

#### **4.1.2.14 “janela”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “janela”, de etimologia latina, não houve mudança do emprego do grafema ‘j’: “janelão”, “janelar”, “janeleiro”.

e) Segundo Torrinha (1937), *jānŭa* ou *iānŭa* [*\*ianu-*, está relacionado com Janus-antigo rei da Itália] passagem, entrada, porta particular.

#### **4.1.2.15 “bajoujar”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “bajoujar”, de etimologia latina, não houve mudança do emprego do grafema ‘j’: “bajoujo”, “bajoujice”.

#### **4.1.2.16 “adjacência”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “adjacência”, de etimologia latina, não houve mudança do emprego do grafema ‘j’.

#### **4.1.2.17 “adjacente”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “adjacente”, de etimologia latina, não houve mudança do emprego do grafema ‘j’.

#### **4.1.2.18 “ejacular”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “ejacular”, de etimologia latina, não houve mudança do emprego do grafema ‘j’: “ejaculador”, “ejaculação”.

#### **4.1.2.19 “interjacente”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “interjacente”, de etimologia latina, não houve mudança do emprego do grafema ‘j’.

#### **4.1.2.20 “janeiro”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “janeiro” de etimologia latina, não houve mudança do emprego do grafema ‘j’: “janeirinha”, “janeiras”, “janeireiro”.

**4.1.2.21** "hoje"

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de "hoje", de etimologia latina, não houve mudança do emprego do grafema 'j'.

**4.1.2.22** "jejum"

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de "jejum", de etimologia latina, não houve mudança do emprego do grafema 'j': "jejuno", "jenunal".

**4.1.2.23** "Jesus"

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de "Jesus", de etimologia latina, não houve mudança do emprego do grafema 'j'.

**4.1.2.24** "jeito"

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de "jeito", de etimologia latina, não houve mudança do emprego do grafema 'j': "janeirinha", "jeitoso", "jeitão".

e) Segundo Torinha (1937) *jactu* ou *iactu* > *jeito*.

**4.1.2.25** "enjeitar"

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de "enjeitar", de etimologia latina, não houve mudança do emprego do grafema 'j': "enjeitamento", "enjeitador", "enjeitado" (particípio).

**4.1.2.26** "jesuíta"

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de "jesuíta", de etimologia latina, não houve mudança do emprego do grafema 'j': "jesuítico", "jesuitismo".

**4.1.2.27** "rejeitar"

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de "rejeitar", de etimologia latina, não houve mudança do emprego do grafema 'j': "rejeitável", "rejeito".

**4.1.2.28** "sujeito"

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de "sujeito", de etimologia latina, não houve mudança do emprego do grafema 'j'.

**4.1.2.29 “abjeção”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “abjeção”, de etimologia latina, não houve mudança do emprego do grafema ‘j’.

**4.1.2.30 “abjeto”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “abjeto”, de etimologia latina, não houve mudança do emprego do grafema ‘j’.

**4.1.2.31 “adjeção”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “adjeção”, de etimologia latina, não houve mudança do emprego do grafema ‘j’.

**4.1.2.32 “dejeção”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “dejeção”, de etimologia latina, não houve mudança do emprego do grafema ‘j’.

**4.1.2.33 “ejetar”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “ejetar”, de etimologia latina, não houve mudança do emprego do grafema ‘j’: “ejetado” (part.).

**4.1.2.34 “injeção”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “injeção”, de etimologia latina, não houve mudança do emprego do grafema ‘j’.

**4.1.2.35 “injetar”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “injetar”, de etimologia latina, não houve mudança do emprego do grafema ‘j’: “injetável”, “injetado” (part.)

**4.1.2.36 “objeto”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “objeto”, de etimologia latina, não houve mudança do emprego do grafema ‘j’: “objetivo”, “objetivista”.

**4.1.2.37 “projeção”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “projeção”, de etimologia latina, não houve mudança do emprego do grafema ‘j’.

#### **4.1.2.38 “projetar”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “projetar”, de etimologia latina, não houve mudança do emprego do grafema ‘j’: “projetável”, “projetado” (part.).

#### **4.1.2.39 “trajeto”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “trajeto”, de etimologia latina, não houve mudança do emprego do grafema ‘j’.

#### **4.1.2.40 “adjetivo”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “adjetivo”, de etimologia latina, não houve mudança do emprego do grafema ‘j’: “adjetivar”, “adjetival”.

#### **4.1.2.41 “conjetura”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “conjetura”, de etimologia latina, não houve mudança do emprego do grafema ‘j’: “conjecturar”, “conjecturável”.

#### **4.1.2.42 “interjeição”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “interjeição”, de etimologia latina, não houve mudança do emprego do grafema ‘j’.

#### **4.1.2.43 “interjetivo”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “interjetivo”, de etimologia latina, não houve mudança do emprego do grafema ‘j’.

#### **4.1.2.44 “majestade”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “majestade”, de etimologia latina, não houve mudança do emprego do grafema ‘j’.

#### **4.1.2.45 “subjetivo”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “subjetivo”, de etimologia latina, não houve mudança do emprego do grafema ‘j’.

**4.1.2.46 “cujo”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “cujo”, de etimologia latina, não houve mudança do emprego do grafema ‘j’.

**4.1.2.47 “fojo”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “fojo”, de etimologia latina, não houve mudança do emprego do grafema ‘j’.

**4.1.2.48 “jogar”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “jogar”, de etimologia latina, não houve mudança do emprego do grafema ‘j’: “jogada”, “jogadeira”, “jogado” (part.)

**4.1.2.49 “jogo”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “jogo”, de etimologia latina, não houve mudança do emprego do grafema ‘j’.

**4.1.2.50 “jornal”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “jornal”, de etimologia latina, não houve mudança do emprego do grafema ‘j’: “jornaleco”, “jornaleiro”.

**4.1.2.51 “major”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “major”, de etimologia latina, não houve mudança do emprego do grafema ‘j’.

**4.1.2.52 “rijo”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “rijo”, de etimologia latina, não houve mudança do emprego do grafema ‘j’: “rijeza”.

**4.1.2.53 “sujo”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “sujo”, de etimologia latina, não houve mudança do emprego do grafema ‘j’: “sujeira”.

**4.1.2.54 “beijo”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “beijo”, de etimologia latina, não houve mudança do emprego do grafema ‘j’: “beijoca”.

#### **4.1.2.55 “joio”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “joio”, de etimologia latina, não houve mudança do emprego do grafema ‘j’.

#### **4.1.2.56 “queijo”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “queijo”, de etimologia latina, não houve mudança do emprego do grafema ‘j’: “queijeira”, “queijaria”, “queijada”.

#### **4.1.2.57 “desejo”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “desejo”, de etimologia latina, não houve mudança do emprego do grafema ‘j’: “desejar”, “desejado” (part.).

#### **4.1.2.58 “jovial”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “jovial”, de etimologia latina, não houve mudança do emprego do grafema ‘j’: “jovialidade”, “jovializar”.

#### **4.1.2.59 “bajoujar”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “bajoujar”, de etimologia latina, não houve mudança do emprego do grafema ‘j’: “bajoujo”.

#### **4.1.2.60 “esponjoso”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “esponjoso”, de etimologia latina, não houve mudança do emprego do grafema ‘j’.

#### **4.1.2.61 “invejoso”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “invejoso”, de etimologia latina, não houve mudança do emprego do grafema ‘j’.

#### **4.1.2.62 “jus”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “jus”, de etimologia latina, não houve mudança do emprego do grafema ‘j’.

e) Segundo Torrinha (1937) *jūs* ou *iūs*, *iūris* > jus.

**4.1.2.63 “juba”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “juba”, de etimologia latina, não houve mudança do emprego do grafema ‘j’.

e) Segundo Torrinha (1937) juba ou iuba, ae, crina de cavalo (crina em geral).

**4.1.2.64 “jugal”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “jugal”, de etimologia latina, não houve mudança do emprego do grafema ‘j’.

**4.1.2.65 “julgar”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “julgar”, de etimologia latina, não houve mudança do emprego do grafema ‘j’: “jugador”, “julgado” (part.).

**4.1.2.66 “junco”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “junco”, de etimologia latina, não houve mudança do emprego do grafema ‘j’: “juncar”

**4.1.2.67 “jungir”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “jungir”, de etimologia latina, não houve mudança do emprego do grafema ‘j’.

**4.1.2.68 “junho”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “junho”, de etimologia latina, não houve mudança do emprego do grafema ‘j’: “junino”.

**4.1.2.69 “justo”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “justo”, de etimologia latina, não houve mudança do emprego do grafema ‘j’

e) Segundo Torrinha (1937) *jūstus* ou *iūstus*, a, um, conforme o Direito, justo, legítimo.

**4.1.2.70 “abjugar”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “abjugar”, de etimologia latina, não houve mudança do emprego do grafema ‘j’.

#### **4.1.2.71 “abjurar”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “abjurar”, de etimologia latina, não houve mudança do emprego do grafema ‘j’: “abjuramento”, “abjuratório”.

#### **4.1.2.72 “adjunção”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “adjunção”, de etimologia latina, não houve mudança do emprego do grafema ‘j’.

#### **4.1.2.73 “adjunto”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “adjunto”, de etimologia latina, não houve mudança do emprego do grafema ‘j’.

#### **4.1.2.74 “adjurar”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “adjurar”, de etimologia latina, não houve mudança do emprego do grafema ‘j’.

#### **4.1.2.75 “adjutor”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “adjutor”, de etimologia latina, não houve mudança do emprego do grafema ‘j’: “adjutorar”.

#### **4.1.2.76 “ajudar”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “ajudar”, de etimologia latina, não houve mudança do emprego do grafema ‘j’: “ajudante”, “ajudância”, “ajudada”.

#### **4.1.2.77 “bajular”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “bajular”, de etimologia latina, não houve mudança do emprego do grafema ‘j’: “bajulatório”.

#### **4.1.2.78 “conjuguar”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “conjuguar”, de etimologia latina, não houve mudança do emprego do grafema ‘j’: “conjugável”, “conjugalmente”.

**4.1.2.79** “cônjuge”

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “cônjuge”, de etimologia latina, não houve mudança do emprego do grafema ‘j’.

**4.1.2.80** “conjunção”

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “conjunção”, de etimologia latina, não houve mudança do emprego do grafema ‘j’.

**4.1.2.81** “conjungir”

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “conjungir”, de etimologia latina, não houve mudança do emprego do grafema ‘j’: “conjungido”.

**4.1.2.82** “conjunto”

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “conjunto”, de etimologia latina, não houve mudança do emprego do grafema ‘j’: “conjuntura”.

**4.1.2.83** “conjurar”

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “conjurar”, de etimologia latina, não houve mudança do emprego do grafema ‘j’: “conjuratório”.

**4.1.2.84** “injunção”

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “injunção”, de etimologia latina, não houve mudança do emprego do grafema ‘j’.

**4.1.2.85** “judeu”

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “judeu”, de etimologia latina, não houve mudança do emprego do grafema ‘j’.

**4.1.2.86** “justiça”

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “justiça”, de etimologia latina, não houve mudança do emprego do grafema ‘j’: “justiçamento”, “justiçar”.

**4.1.2.87** “juvenil”

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “juvenil”, de etimologia latina, não houve mudança do emprego do grafema ‘j’.

#### **4.1.2.88** “subjugar”

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “subjugar”, de etimologia latina, não houve mudança do emprego do grafema ‘j’: “subjugável”.

#### **4.1.2.89** “injuriar”

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “injuriar”, de etimologia latina, não houve mudança do emprego do grafema ‘j’: “injurioso” (part.)

#### **4.1.2.90** “adjudicar”

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “adjudicar”, de etimologia latina, não houve mudança do emprego do grafema ‘j’: “adjudicando”, “adjudicador”.

#### **4.1.2.91** “adjuvante”

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “adjuvante”, de etimologia latina, não houve mudança do emprego do grafema ‘j’.

#### **4.1.2.92** “bajulação”

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “bajulação”, de etimologia latina, não houve mudança do emprego do grafema ‘j’.

#### **4.1.2.93** “coadjuvar”

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “coadjuvar”, de etimologia latina, não houve mudança do emprego do grafema ‘j’: “coadjuvante”, “coadjuvação”.

#### **4.1.2.94** “conjugação”

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “conjugação”, de etimologia latina, não houve mudança do emprego do grafema ‘j’.

#### **4.1.2.95** “conjuntivo”

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “conjuntivo”, de etimologia latina, não houve mudança do emprego do grafema ‘j’.

**4.1.2.96 “dejúrio”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “dejúrio”, de etimologia latina, não houve mudança do emprego do grafema ‘j’.

**4.1.2.97 “judaísmo”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “judaísmo”, de etimologia latina, não houve mudança do emprego do grafema ‘j’.

**4.1.2.98 “justaposto”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “justaposto”, de etimologia latina, não houve mudança do emprego do grafema ‘j’.

**4.1.2.99 “justificação”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “justaposição”, de etimologia latina, não houve mudança do emprego do grafema ‘j’.

**4.1.2.100 “justificar”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “justificar”, de etimologia latina, não houve mudança do emprego do grafema ‘j’: “justificativo”, “justificável”.

**4.1.2.101 “juventude”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “juventude”, de etimologia latina, não houve mudança do emprego do grafema ‘j’.

**4.1.2.102 “jambo”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “jambo”, de etimologia grega via latim, não houve mudança do emprego do grafema ‘j’: “jambeiro”, “jambeado”.

e) Segundo Torrinha (1937), iambus (> jambo) é uma palavra pré-constituída por uma sílaba breve e uma longa.

**4.1.2.103 “esponja”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “esponja”, de etimologia grega via latim, não houve mudança do emprego do grafema ‘j’: “esponjeira”, “esponjinha”.

e) Segundo Torrinha (1937:814), *spongĩa* ou *spongěa* (> *esponja*).

**4.1.2.104 “igreja”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “igreja”, de etimologia grega via latim, não houve mudança do emprego do grafema ‘j’: “igrejário”, “igrejinha”, “igrejica”.

**4.1.2.105 “jacinto”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “jacinto”, de etimologia grega via latim, não houve mudança do emprego do grafema ‘j’.

**4.1.2.106 “anjo”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “anjo”, de etimologia grega via latim, não houve mudança do emprego do grafema ‘j’: “angélico”.

**4.1.2.107 “arcanjo”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “arcanjo”, de etimologia grega via latim, não houve mudança do emprego do grafema ‘j’.

**4.1.2.108 “jujuba”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “jujuba”, de etimologia grega via latim, não houve mudança do emprego do grafema ‘j’.

### **4.1.3 O grafema ‘j’ para grafar a palatização em formas de outras origens: traço distintivo fonético**

O grafema ‘j’ é usado para grafar palavras de outras origens que não a latina e que entram como adstratos e superestratos, em Língua Portuguesa, com o som palatal [ž] – /ž/.

Seguem as análises realizadas, relativas ao grafema tratado e definido pelo traço distintivo fonético:

**4.1.3.1 “gorja”**

- a) /gʎrʒ<sup>a</sup>/ “j” grafa /ž/ em LPO; dessa forma, tem valor monógrafo, pois grafa /ž/;
- b) O par comutativo entre ‘j’ e ‘g’ ‘e: “jê/gê”;
- c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “gorja” de etimologia latina via francês, não houve mudança do emprego do grafema ‘j’: “gorjal”;
- d) No percurso histórico da letra, o grafema ‘j’ passa a grafar ‘j’ no momento da palatização de formas latinas com os fonemas /i, y/;
- e) Segundo Torrinha (1937), gurges, ĩtis (> gorja). A letra “g” grafa o valor /ž/ proveniente do francês, mas oriundo do latim, porém, neste caso, \*gǫrga > gũrga > gũrges > gorja.

Os resultados obtidos das análises repetem-se em alguns itens, de forma que se tornam desnecessários, para apresentação. A seguir, são indicadas apenas as diferenças; por essa razão os itens não seguem a ordem alfabética.

#### 4.1.3.2 “jade”

- c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “jade”, de etimologia espanhola via francês, não houve mudança do emprego do grafema ‘j’.

#### 4.1.3.3 “jardim”

- c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “jardim”, do frâncico (a língua germânica ocidental dos francos, pertencente ao grupo das línguas do alto-alemão e responsável pelo grande estrato de elementos germânicos do vocabulário francês), não houve mudança do emprego do grafema ‘j’: “jardinagem”, “jardineira”.

#### 4.1.3.4 “loja”

- c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “loja”, do frâncico, não houve mudança do emprego do grafema ‘j’: “lojeca”, “lojista”.

#### 4.1.3.5 “sarja”

- c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “sarja”, de etimologia latina via francês, não houve mudança do emprego do grafema ‘j’: “sarjão”, “sarjel”.

#### 4.1.3.6 “alijar”

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “alijar”, de etimologia latina via francês, não houve mudança do emprego do grafema ‘j’: “alijamento”, “alijação”.

#### **4.1.3.7 “arranjar”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “arranjar”, de etimologia latina via francês, não houve mudança do emprego do grafema ‘j’: “arrajo”, “arrançamento”, “arranjado” (part.).

#### **4.1.3.8 “engajar”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “engajar”, do frâncico, não houve mudança do emprego do grafema ‘j’: “engajamento”, “engajado” (part.).

#### **4.1.3.9 “janota”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “janota”, do francês, não houve mudança do emprego do grafema ‘j’: “janotada”, “janotar”.

#### **4.1.3.10 “jaula”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “jaula”, de etimologia latina via francês, não houve mudança do emprego do grafema ‘j’.

#### **4.1.3.11 “pajem”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “pajem”, palavra vinda do francês antigo, não houve mudança do emprego do grafema ‘j’.

#### **4.1.3.12 “projétil”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “projétil”, do francês, não houve mudança do emprego do grafema ‘j’.

#### **4.1.3.13 “ultraje”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “ultraje”, do francês, não houve mudança do emprego do grafema ‘j’: “ultrajoso”, “ultrajar”.

#### **4.1.3.14 “jóia”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “jóia”, do francês antigo, não houve mudança do emprego do grafema ‘j’.

**4.1.3.15 “corajoso”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “corajoso”, de etimologia latina via francês, não houve mudança do emprego do grafema ‘j’.

**4.1.3.16 “abajur”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “abajur”, do francês, não houve mudança do emprego do grafema ‘j’.

**4.1.3.17 “bijuteria”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “bijuteria”, do francês, não houve mudança do emprego do grafema ‘j’.

**4.1.3.18 “japa”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas de “japa”, é uma palavra vinda do quíchua pelo espanhol sul-americano, provavelmente platino (yapa) <<bebida ou dinheiro com que se gratificava um pequeno serviço>> , não houve mudança do emprego do grafema ‘j’.

**4.1.3.19 “rajar”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas de “rajar”, palavra vinda do espanhol (rayar), não houve mudança do emprego do grafema ‘j’: “rajado” (part.).

**4.1.3.20 “bandeja”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas de “bandeja”, palavra vinda do gótico bandwa pelo espanhol, não houve mudança do emprego do grafema ‘j’: “bandejão”.

**4.1.3.21 “clavija”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas de “clavija”, palavra vinda do latim via espanhol, não houve mudança do emprego do grafema ‘j’.

**4.1.3.22 “despojar”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas de “despojar”, palavra vinda do latim via espanhol, não houve mudança do emprego do grafema ‘j’: “despojamento”, “despojado” (part.).

#### **4.1.3.23 “lisonja”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas de “lisonja”, palavra vinda do latim via espanhol, não houve mudança do emprego do grafema ‘j’: “lisonjejar”, “lisonjeador”, “lisonjeiro”.

#### **4.1.3.24 “ojeriza”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas de “ojeriza”, palavra vinda do latim via espanhol, não houve mudança do emprego do grafema ‘j’.

#### **4.1.3.25 “anejo”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas de “anejo”, palavra vinda do latim via espanhol, não houve mudança do emprego do grafema ‘j’.

#### **4.1.3.26 “antojo”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas de “antojo”, palavra vinda do espanhol (rayar), não houve mudança do emprego do grafema ‘j’: “antojar”, “antojador”.

#### **4.1.3.27 “sobejo”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas de “sobejo”, palavra vinda do espanhol, não houve mudança do emprego do grafema ‘j’: “sobejido”, “sobejar”.

#### **4.1.3.28 “tijolo”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas de “tijolo”, palavra vinda do latim via espanhol (tēctum > tijolo), não houve mudança do emprego do grafema ‘j’: “tijoleiro”, “tijolar”.

#### **4.1.3.29 “abadejo”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas de “abadejo”, palavra vinda do espanhol, não houve mudança do emprego do grafema ‘j’.

**4.1.3.30 “caramujo”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas de “caramujo”, palavra vinda do latim via espanhol, não houve mudança do emprego do grafema ‘j’: “tijoleiro”, “tijolar”.

**4.1.3.31 “caranguejo”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas de “caranguejo”, palavra vinda do latim via espanhol, não houve mudança do emprego do grafema ‘j’: “caranguejeira”, “caranguejar”.

**4.1.3.32 “realejo”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas de “realejo”, palavra vinda do latim via espanhol, não houve mudança do emprego do grafema ‘j’: “realejar”.

**4.1.3.33 “conjunta”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas de “conjunta”, palavra vinda do latim via espanhol platino (coyunta), não houve mudança do emprego do grafema ‘j’.

**4.1.3.34 “jalapa”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas de “jalapa”, palavra de origem Mexicana, não houve mudança do emprego do grafema ‘j’.

**4.1.3.35 “jarda”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas de “jarda”, palavra vinda do inglês (yard), não houve mudança do emprego do grafema ‘j’.

**4.1.3.36 “jipe”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas de “jipe”, palavra vinda do inglês (jeep), não houve mudança do emprego do grafema ‘j’: “jipeiro”.

**4.1.3.37 “cortejo”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas de “cortejo”, palavra vinda do latim via italiano, não houve mudança do emprego do grafema ‘j’: “cortejador”.

**4.1.3.38 “solfejo”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas de “solfejo”, palavra vinda do italiano, não houve mudança do emprego do grafema ‘j’.

**4.1.3.39 “jubileu”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas de “jubileu”, palavra vinda do hebraico via latim, não houve mudança do emprego do grafema ‘j’.

**4.1.3.40 “jasmim”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas de “jasmim”, palavra vinda do árabe, não houve mudança do emprego do grafema ‘j’: “jasmineiro”.

**4.1.3.41 “pijama”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas de “pijama”, palavra vinda do persa via francês, não houve mudança do emprego do grafema ‘j’.

**4.1.3.42 “berinjela”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas de “berinjela”, palavra vinda do árabe, não houve mudança do emprego do grafema ‘j’.

**4.1.3.43 “jarra”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas de “jarra”, palavra vinda do árabe, não houve mudança do emprego do grafema ‘j’: “jarrão”, “jarreta”.

**4.1.3.44 “alfurja”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas de “alfurja”, palavra vinda do árabe, não houve mudança do emprego do grafema ‘j’.

**4.1.3.45 “aljazar”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas de “aljazar”, palavra vinda do árabe, não houve mudança do emprego do grafema ‘j’.

**4.1.3.46 “javali”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas de “javali”, palavra vinda do árabe, não houve mudança do emprego do grafema ‘j’: “javalina”.

#### **4.1.3.47 “almanjarra”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas de “almanjarra”, palavra vinda do árabe, não houve mudança do emprego do grafema ‘j’.

#### **4.1.3.48 “aljôfar”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas de “aljôfar”, palavra vinda do árabe, não houve mudança do emprego do grafema ‘j’: “aljofarar”.

#### **4.1.3.49 “alijorce”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas de “alijorce”, palavra vinda do árabe, não houve mudança do emprego do grafema ‘j’.

#### **4.1.3.50 “azulejo”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas de “azulejo”, palavra vinda do árabe, não houve mudança do emprego do grafema ‘j’: “azulejaria”, “azulejista”.

#### **4.1.3.51 “aljube”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas de “aljube”, palavra vinda do árabe, não houve mudança do emprego do grafema ‘j’: “aljubeiro”.

#### **4.1.3.52 “laranja”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas de “laranja”, palavra vinda do persa via árabe, não houve mudança do emprego do grafema ‘j’: “aljubeiro”.

#### **4.1.3.53 “marajá”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas de “marajá”, palavra vinda do sânscrito (maha raja), não houve mudança do emprego do grafema ‘j’.

#### **4.1.3.54 “cajá”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas de “cajá”, palavra vinda do tupi (aka’yá), não houve mudança do emprego do grafema ‘j’.

**4.1.3.55** “jabá”

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas de “jabá”, palavra vinda do tupi, provavelmente, e não houve mudança do emprego do grafema ‘j’.

**4.1.3.56** “jacá”

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas de “jacá”, palavra vinda do tupi (aya’ka), não houve mudança do emprego do grafema ‘j’.

**4.1.3.57** “jaci”

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas de “jaci”, palavra vinda do tupi, não houve mudança do emprego do grafema ‘j’.

**4.1.3.58** “jacu”

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas de “jacu”, palavra vinda do tupi (ya’ku), não houve mudança do emprego do grafema ‘j’.

**4.1.3.59** “jambu”

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas de “jambu”, palavra vinda do tupi (ya’mbu), não houve mudança do emprego do grafema ‘j’: “jamburana”.

**4.1.3.60** “japá”

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas de “japá”, palavra vinda do tupi (ya’pá), não houve mudança do emprego do grafema ‘j’.

**4.1.3.61** “jaú”

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas de “jaú”, palavra vinda do tupi (ya’ú), não houve mudança do emprego do grafema ‘j’.

**4.1.3.62** “anajá”

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas de “anajá”, palavra vinda do tupi (anaiá), não houve mudança do emprego do grafema ‘j’.

**4.1.3.63** “jabuti”

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas de “jabuti”, palavra vinda do tupi (yabu’ti), não houve mudança do emprego do grafema ‘j’.

#### **4.1.3.64 “jaçanã”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas de “jaçanã”, palavra vinda do tupi (naha’nã), não houve mudança do emprego do grafema ‘j’.

#### **4.1.3.65 “jacaré”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas de “jacaré”, palavra vinda do tupi (yaka’ ré), não houve mudança do emprego do grafema ‘j’.

#### **4.1.3.66 “jacumã”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas de “jacumã”, palavra vinda do tupi (yaku’mã), não houve mudança do emprego do grafema ‘j’.

#### **4.1.3.67 “jatobá”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas de “jatobá”, palavra vinda do tupi (yata’wá), não houve mudança do emprego do grafema ‘j’.

#### **4.1.3.68 “marajá”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “marajá”, uma palavra vinda do tupi (mara’yá), não houve mudança do emprego do grafema ‘j’: “marajatina”.

#### **4.1.3.69 “jaborandi”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas de “jaborandi”, palavra vinda do tupi (yaborã’di), não houve mudança do emprego do grafema ‘j’.

#### **4.1.3.70 “jabuticaba”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas de “jabuticaba”, palavra vinda do tupi (i’apoti’kaba), não houve mudança do emprego do grafema ‘j’.

#### **4.1.3.71 “jacarandá”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas de “jacarandá”, palavra vinda do tupi (yakãrã’tã), não houve mudança do emprego do grafema ‘j’: “jacarandatã”.

**4.1.3.72 “jacobina”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas de “jacobina”, palavra vinda do tupi (yakrvãa’pina), não houve mudança do emprego do grafema ‘j’.

**4.1.3.73 “jandaia”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas de “jandaia”, palavra vinda do tupi (ne’n dai), não houve mudança do emprego do grafema ‘j’.

**4.1.3.74 “pajé”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas de “pajé”, palavra vinda do tupi (pa’yé), não houve mudança do emprego do grafema ‘j’.

**4.1.3.75 “jenipapo”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas de “jenipapo”, palavra vinda do tupi (nani’pab), não houve mudança do emprego do grafema ‘j’: “jenipapeiro”.

**4.1.3.76 “jequitibá”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas de “jequitibá”, palavra vinda do tupi (yeiti’bá), não houve mudança do emprego do grafema ‘j’.

**4.1.3.77 “jia”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas de “jia”, palavra vinda do tupi (yu’í), não houve mudança do emprego do grafema ‘j’.

**4.1.3.78 “jipi”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas de “jipi”, palavra vinda do tupi amazonense, não houve mudança do emprego do grafema ‘j’.

**4.1.3.79 “jirau”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas de “jirau”, palavra vinda do tupi (yi’rab), não houve mudança do emprego do grafema ‘j’.

**4.1.3.80 “bujiguara”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas de “bujiguara”, palavra vinda tupi (buji +u’har), não houve mudança do emprego do grafema ‘j’.

#### **4.1.3.81 “jibóia”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas de “jibóia”, palavra vinda do tupi, não houve mudança do emprego do grafema ‘j’: “joboiúçú”, “jiboiar”.

#### **4.1.3.82 “carijó”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas de “carijó”, palavra vinda do tupi (kan’yó), não houve mudança do emprego do grafema ‘j’.

#### **4.1.3.83 “marajó”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas de “marajó”, palavra vinda do tupi, não houve mudança do emprego do grafema ‘j’.

#### **4.1.3.84 “caju”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas de “caju”, palavra vinda do tupi (aka’yu), não houve mudança do emprego do grafema ‘j’: “cajuada”, cajueiro”.

#### **4.1.3.85 “beiju”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas de “beiju”, palavra vinda do tupi (mbe’yu), não houve mudança do emprego do grafema ‘j’: “beijuaçu”, “beijucaba”.

#### **4.1.3.86 “acaju”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas de “acaju”, palavra vinda do tupi (aka’yu), não houve mudança do emprego do grafema ‘j’.

#### **4.1.3.87 “anjuba”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas de “anjuba”, palavra vinda do tupi, não houve mudança do emprego do grafema ‘j’.

#### **4.1.3.88 “cajuí”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas de “cajuí”, palavra vinda do tupi (aka’yu’i), não houve mudança do emprego do grafema ‘j’.

**4.1.3.89 “crejuá”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas de “crejuá”, palavra vinda de origem indígena, não houve mudança do emprego do grafema ‘j’.

**4.1.3.90 “juçara”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas de “juçara”, palavra vinda do tupi (yu’sara), não houve mudança do emprego do grafema ‘j’: “juçaral”.

**4.1.3.91 “jurema”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas de “jurema”, palavra vinda do tupi (yu’rema), não houve mudança do emprego do grafema ‘j’: “juremação”, “juremal”.

**4.1.3.92 “jurití”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas de “jurití”, palavra vinda do tupi (yuri’ti), não houve mudança do emprego do grafema ‘j’.

**4.1.3.93 “jururu”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas de “jururu”, palavra vinda do tupi (xearu’ru), não houve mudança do emprego do grafema ‘j’.

**4.1.3.94 “quijuba”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas de “quijuba”, palavra vinda do tupi (wi’rá’yuba), não houve mudança do emprego do grafema ‘j’.

**4.1.3.95 “tijuco”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas de “tijuco”, palavra vinda do tupi (tĩ’yug), não houve mudança do emprego do grafema ‘j’.

**4.1.3.96 “acarijuba”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas de “acarijuba”, palavra vinda do tupi, não houve mudança do emprego do grafema ‘j’.

**4.1.3.97 “bijuripá”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas de “bijuripá”, palavra vinda do tupi, não houve mudança do emprego do grafema ‘j’.

#### **4.1.3.98 “tanajura”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas de “tanajura”, palavra vinda do tupi (tanayu’rá), não houve mudança do emprego do grafema ‘j’.

#### **4.1.3.99 “canja”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas de “canja”, palavra vinda do malaiala (ka nji), não houve mudança do emprego do grafema ‘j’.

#### **4.1.3.100 “corja”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas de “corja”, palavra vinda do malaiala (korchchu), não houve mudança do emprego do grafema ‘j’.

#### **4.1.3.101 “jaca”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas de “jaca”, palavra vinda do malaiala (chakha), não houve mudança do emprego do grafema ‘j’: “jaqueira”.

#### **4.1.3.102 “jangada”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas de “jangada”, palavra vinda do malaiala (changadam), não houve mudança do emprego do grafema ‘j’: “jangadeiro”.

#### **4.1.3.103 “cerveja”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas de “cerveja”, palavra que entrou no português pelo gaulês, de origem latina (cerevisia), não houve mudança do emprego do grafema ‘j’: “cervejada”, “cervejaria”.

#### **4.1.3.104 “jaleco”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas de “jaleco”, palavra que entrou no português pelo espanhol, de origem turca, não houve mudança do emprego do grafema ‘j’.

#### **4.1.3.105 “bujamé”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas de “bujamé”, palavra de origem africana, não houve mudança do emprego do grafema ‘j’.

#### **4.1.3.106 “caborje”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas de “caborje”, palavra de origem africana, não houve mudança do emprego do grafema ‘j’: “caborjeiro”, “caborjudo”.

#### **4.1.3.107 “canjerê”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas de “canjerê”, palavra de origem africana, não houve mudança do emprego do grafema ‘j’: “caborjeiro”, “caborjudo”.

#### **4.1.3.108 “alujá”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas de “alujá”, palavra vinda do iorubá, não houve mudança do emprego do grafema ‘j’.

#### **4.1.3.109 “acarajé”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas de “acarajé”, palavra vinda do iorubá, não houve mudança do emprego do grafema ‘j’.

#### **4.1.3.110 “aganju”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas de “aganju”, uma palavra vinda do iorubá, não houve mudança do emprego do grafema ‘j’.

#### **4.1.3.111 “jiló”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas de “jiló”, palavra vinda do quimbundo (nijilu), não houve mudança do emprego do grafema ‘j’: “jiloeiro”.

#### **4.1.3.112 “canjica”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas de “canjica”, palavra vinda do quimbundo (kanjika), não houve mudança do emprego do grafema ‘j’: “canjicada”.

#### **4.1.3.113 “cafajeste”**

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas de “cafajeste”, palavra vinda de origem controvertida, não houve mudança do emprego do grafema ‘j’: “cafajestada”, “cafajestagem”.

## 4.2 O grafema ‘j’ e o morfema sufixal “ejar”

O grafema ‘j’ ocorre em português para grafar o sufixo “-ejar”, de forma a não ocasionar dificuldades para o seu uso.

“-ejar” é do latim vulgar *īdiare*, que em português, com a palatização entra como “-ejar”. Todavia, também segue a regra da síncope consonantal sonora intervocálica: “ear”.

Em português, os sufixos “ejar, ear” ocorrem com equivalência para a derivação verbal - <<ação durativa, freqüentativa; transformação, mudança de estado; cabecear, balancear; verdear. De forma geral, em português o uso mais freqüente é a derivação verbal em “-ejar”: verdejar, trovejar, relampejar, apedrejar.

### 4.2.1 “gargarejar”

a) /gargarMžar/ “j”grafa /ž/ em LPO; dessa forma, tem valor monógrafo, pois grafar /ž/;

b) O par comutativo entre ‘j’ e ‘g’ ‘e: “jê/gê”;

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “gargarejar” de etimologia grega via latim, não houve mudança do emprego do grafema ‘j’: “gargarejo”, “gargarejamento”;

d) No percurso histórico da letra, o grafema ‘j’ passa a grafar ‘j’ no momento da palatização de formas latinas com os fonemas /i, y/;

## 4.3 Em síntese

Em síntese, os resultados obtidos, a partir dos itens considerados nas análises, indicam que:

a) O fonema /ʒ/ tem duas correspondências grafemáticas “g” e “j”. A letra “j” tem uma correspondência fonológica /ʒ/. Dessa forma, ‘g’ e ‘j’ são grafemas do sistema ortográfico da língua portuguesa:

- ‘g’ - tem valor polifonológico, pois grafa os fonemas /g/ e /ʒ/.

No sistema ortográfico da língua portuguesa o grafema ‘j’ sempre grafa /ʒ/ seguido de qualquer vogal: oral ou nasal;

b) no que se refere aos pares comutativos grafemáticos, a pesquisa realizada confirma a sua existência, como por exemplo:

jiba/ giba – “jiba” <<certa erva medicinal da ilha de São Tomé>>; “giba” <<do latim gibba, s.f. velha corcunda.2.vela triangular que inverga no estai próprio e se situa logo por ante-a-vante da bujarrona>>

“jinga/ginga” – “jingas” <<indivíduo dos jingas, povo de Angola; “ginga” << derivado de gingar.1.remo que se coloca em forqueta(...) 2.caneco de cabo longo (...) 3. movimento fundamental do capoeirista (...)>>

c) O grafema ‘j’ grafa o fonema /ʒ + qualquer vogal/ e ocorre tanto em lexia simples quanto em suas formas derivadas e/ou flexionadas, dependendo da ocorrência do fonema palatal /ʒ/:

- palavras com o grafema ‘g + e, i’ na base lexical e ‘j + a, o, u’, nas formas derivadas e/ou flexionadas: “fugir”; “fuga”; “fujo”;

- palavras com o grafema ‘j + qualquer vogal’ mantém-se nas formas derivadas e/ou flexionadas: “ninja”; “ninjas”; “manjar”; “manjado”;

- palavras com o grafema ‘j + qualquer vogal’ em formas derivadas e/ou flexionadas que não ocorre na lexia simples: “maior”, “majoritário”.

Nesse sentido, os grafemas ‘g’ e ‘j’ são diferentes dos grafemas tratados por Martins (1979). A autora, ao indicar seus resultados relativos ao fonema /k/ que no seu percurso histórico mantém-se antes de “a, o, u”; porém, abranda-se antes de “e, i”. Dessa forma, a lexia simples ocorre com grafemas diferentes das formas derivadas, como por exemplo: “paz, pacífico”.

d) O percurso histórico da letra “j” indica que em latim essa letra tem valor polifonológico com os fonemas /i, y/. A partir do século V d.C. ocorre a palatização e, nesse momento, são substituídas as letras “i, y” pela letra “j”: “ad+iactus = jactus >jeito; iesus>jesus. As palavras que entraram para o português e que não vieram pelo substrato latino são grafadas com ‘j’: “cerevisia>cerveja” (do gaulês ); “jabuti” , “jibóia”, do tupi; “iemanjá, Janaína”, do iorubá;

As formas de derivação sufixal não apresentam problemas, pois ‘j’ – grafa o sufixo “-ejar” e ‘g’ grafa os sufixos “-agem, “-ugem”.

Por essa razão, considerou-se que o traço grafemático é etimológico-fonético, visto que o étimo é formado com o traço vocálico alveolar anterior, antes da palatização.

- o traço grafemático que define ‘j’ - /ʒ/ é fonético ou etimológico-fonético. O traço fonético grafa as formas de palavras criadas em língua portuguesa ou já entradas para a língua portuguesa com /ʒ/. O traço etimológico-fonético é relativo a uma mudança fonética do étimo seja ele latino ou de outra origem.

Coutinho (1976) aponta o uso da letra “j” para grafar /ʒ/ em posição intervocálica de sílaba final, principalmente em dissílabos, como, por exemplo, hodie>hoje. Trata-se, segundo a pesquisa realizada, da palatização da oclusiva /d +i/.

Said Ali (1921), ao tratar do vocalismo afirma, que “se na aplicação das letras do alfabeto, feita em português antigo se consegue descobrir em geral algum sistema ou tendência que projeta a possibilidade sobre a pronuncia daquele tempo

falam em todo caso os esforços para explicar a notória confusão que então se fazia com o emprego das letras i, j e y". Os resultados obtidos confirmam a consideração feita pelo autor, uma vez que foram encontradas as formas aja<aia; oje<oye, a inserção de "h" ocorre na fase etimológica do sistema ortográfico da língua portuguesa.

O tratamento dado à história das palavras da Língua Portuguesa confirma Said Ali (1923), na medida em que foram os dialetos falados no norte de Portugal que constituíram a Língua Portuguesa. Logo, parece ter sido entre o Douro e Minho ou talvez o galaico-português que propiciou a fixação da Língua Portuguesa.

Para o autor, as dificuldades relativas ao estudo etimológico da Língua Portuguesa decorrem dos antigos documentos escritos em português. É provável que os mais antigos documentos dessa língua datem do século XII, embora ela já existisse em época muito anterior, porém os documentos escritos do século XII já registram um língua mais semelhante ao falar de hoje do que a língua latina. Essa antiguidade da Língua Portuguesa pode ser confirmada por vestígios do português que já são encontrados em documentos do latim bárbaro do século IX.

Todavia, o século XII é caracterizado como início do português histórico, a partir do qual são distinguidos dois períodos principais: o do português antigo, que é a língua escrita usada até o fim do século XV e até os primeiros anos do século seguinte; e o do português moderno, que é a língua empregada dessa época em diante.

Os resultados obtidos na pesquisa confirmam esses dois períodos indicados por Said Ali, é a partir dos primeiros anos do século XVI que os ortógrafos portugueses fixam a Ortografia da Língua Portuguesa por uma fase fonética, mais tarde pela fase etimológica. As confusões relativas às formas etimológicas originam, na fase simplificada ou mista, as dificuldades para grafar palavras com o fonema /ʒ/.

Dessa forma, como já foi indicado no Capítulo III, ocorrem, ainda, o registro dicionarístico de duas formas escritas para uma mesma palavra de língua portuguesa. A título de exemplificação, indica-se: "giga" <<antigo instrumento

musical de cordas friccionáveis, cuja forma lembra a do bandolim e cujo braço é um prolongamento da caixa de ressonância. 2. antiga dança, em andamento vivo e compasso binário, provavelmente originária da Inglaterra, onde era muito popular na época elisabetana: jiga. 3. dança italiana, de estrutura binária, em voga nos séculos XVII e XVIII, e que em geral termina a suíte ou o concerto de câmara>>; “jiga” <<antigo instrumento musical de cordas friccionáveis, cuja forma lembra a do bandolim e cujo braço é um prolongamento da caixa de ressonância. 2. antiga dança, em andamento vivo e compasso binário, provavelmente originária da Inglaterra, onde era muito popular na época elisabetana: jiga. 3. dança italiana, de estrutura binária, em voga nos séculos XVII e XVIII, e que em geral termina a suíte ou o concerto de câmara>>.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao terminar esta Dissertação, são revistos os objetivos que a nortearam:

O objetivo geral é contribuir com os estudos grafemáticos da ortografia portuguesa, no Brasil, no que se refere ao ensino de ortografia, tão presentes em nosso dia-a-dia.

Esse objetivo, de certa forma, foi atingido na medida em que os resultados obtidos para o uso das letras “g, j” indicam a possibilidade de serem descritos outros grafemas do sistema ortográfico da língua portuguesa.

Os resultados apresentados nesta Dissertação completam os resultados obtidos por Matins (1979), que trata dos valores polígrafos dos fonemas /s,z/ e de Próspero (1980), que apresenta os valores polifonológicos do grafema ‘x’.

Acredita-se que, ao ser dada a continuidade dos estudos grafemáticos da ortografia portuguesa, haverá a possibilidade de contribuir com uma reforma ortográfica e de uma proposta para o ensino da ortografia, no Brasil.

No que se refere aos objetivos específicos, estes, também, foram atingidos, pois:

1- buscar pares comutativos para o confronto entre fonema/grafema, grafema/grafema e grafema/som.

Foram encontrados pares comutativos entre os grafemas 'g' e 'j', como por exemplo:

“gê” - <<letra do alfabeto português>> e

“jê” - <<indivíduo da tribo dos jês>>

Não foram encontrados pares comutativos entre grafema/fonema, visto que o fonema /ʒ/ é grafado com 'g + e, i' e 'j + qualquer vogal' e o fonema /g/ é grafado por 'g + a, o, u' e 'g + u + e, i'. Dessa forma, há distribuição complementar dos grafemas dependendo da vogal que o segue.

No que se refere ao grafema/som, também, não foram encontrados pares comutativos, embora a variação sonora ocorra no histórico da Língua Portuguesa e o uso das letras apresenta problemas, devido à confusão para grafar os sons em estados de língua diferentes, como, por exemplo, aja < aia; oje<oye;

2- investigar, na História da Ortografia Portuguesa os étimos;

A história da Língua Portuguesa indica que:

'g' – é grafema do sistema etimológico de étimos latinos ou palavras entradas pelo latim;

'j' – é grafema fonético que registra palavras vindas para o português, com a palatização, de diferentes origens tanto européias quanto africana e indígena;

‘g + e, i’ – é grafema de traço etimológico-fonético de origem latina para gafar /g/ e que se mantém antes de “e, i” para grafar a palatização da velar;

‘j’ – grafema etimológico-fonético que grafa a palatização de “i, y” tanto de origem latina quanto de outras línguas européias, africanas (Norte e Sul da África) e indígenas.

Devido às dificuldades de se determinar os étimos de muitas palavras da Língua Portuguesa, ocorrem duas formas para grafar uma mesma palavra, conforme o Dicionário de formas e construções opcionais da Língua Portuguesa, de J. A. Fernandes (2000) e, também, estão registradas em dicionários de Língua Portuguesa, como por exemplo, Aurélio (2004);

- “algibebe”

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “algibebe”, é uma palavra que já entrou para o português derivada de etimologia árabe e, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’. **algibebe = aljibebe**

- “algibeira”

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “algibeira”, é uma palavra que já entrou para o português derivada de etimologia árabe e, não houve mudança do emprego do grafema ‘g’. **algibeira = aljibeira**

- “alfanje”

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “alfanje”, é uma palavra vinda do árabe, não houve mudança do emprego do grafema ‘j’: “alfanjado”.

**alfange = alfanje**

- “alforje”

c) Nas derivações e/ou formas flexionadas, de “alforje”, é uma palavra vinda do árabe, não houve mudança do emprego do grafema ‘j’: “alforjafa”, “alforjar”.

**alforge = alforje**

No que se refere ao exame da possibilidade de regras que controlem o uso dos grafemas “g” e “j” em nossa ortografia atual, os resultados obtidos indicam que as palavras de origem latinas ou vindas pelo latim não são grafadas com ‘j’. Este grafema é usado para grafar palavras que não entraram pelo latim, mas que tem outras origens, principalmente, gaulesa, frâncica, germânica, árabe, africana e indígena.

Dessa forma, a hipótese orientadora desta Dissertação foi que há regras possíveis de serem descritas para o uso das letras “g” e “j” diante das vogais “e” e “i”, as quais apresentam dificuldades para o uso ortográfico.

Esta hipótese mostrou-se adequada para as palavras cujos étimos são conhecidos e não apresentam confusão.

Nesse sentido, as palavras cujos étimos são duvidosos ou cujas entradas para a Língua Portuguesa, também, são duvidosas, há problemas para se estabelecer regras de uso das letras “g e j”.

Logo, como novas perspectivas, sugerimos a realização de estudos etimológicos da língua portuguesa que possam sanar as confusões existentes; a partir daí, propor-se uma reforma ortográfica e a elaboração de guias ortográficos que exponham as regras, a fim de se obter a melhoria do ensino ortográfico da Língua Portuguesa no Brasil.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMOYA, J. M. *Dicionário de português-espanhol*. Portugal: Porto Editora LTDA, 1959.

ANIS, J. “Uma grafemática autônoma”. In Catach, Nina (org.). *Para uma teoria da língua escrita – Coleção múltiplas escritas*. São Paulo: Ática, 1996. (p.213-224).

BARROS, João de. *Gramática da língua portuguesa: cartinha, gramática, diálogo em louvor da nossa linguagem e diálogo da viciosa vergonha*. Lisboa: AD-LVCEM, 1971.

BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. - 37<sup>a</sup> ed. – Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2003.

BURTIN-VINHOLIS, S. *Dicionário francês-português / português-francês*. - 28<sup>a</sup> ed. – Porto Alegre: Editora Globo, 1977.

CÂMARA J. Mattoso Jr. *Dicionário de Filologia e gramática – referente à língua portuguesa*. - 2ª ed.- São Paulo: J. Ozon Editor, 1964.

CARVALHO, D. G., NASCIMENTO, M. *Gramática Histórica* (para o clássico, científico e vestibulares). - 4ª ed. - São Paulo: Editora Ática, 1969.

CATACH, N. “Notions actuelles d’histoire de l’orthographe”. In *Langue Française: L’orthographe*. – revue trimestrielle n° 20 - Paris: Larousse, 1973.

\_\_\_\_\_. (Org.) *Para uma teoria da língua escrita*. Trad. Fulvia M. Moretto e Guacira M. Machado. São Paulo: Editora Ática, 1988.

COROMINAS, J. *Diccionario critico etimológico de la lengua castellana, Joan Corominas*. – 4 vols. - Madrid: Gredos, 1954.

COUTINHO, Ismael de Lima. *Pontos de Gramática Histórica*. Rio de Janeiro: Editora ao Livro Técnico, 1976.

\_\_\_\_\_. *Pontos de Gramática Histórica*. - 5ª ed. - Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1962.

COSERIU, E. *Lições de Lingüística Geral*. Trad. Evanildo Bechara. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1980.

CUNHA, C. F. da. *Gramática da língua portuguesa*. -5ª ed.- Rio de Janeiro: FENAME, 1979.

DANZAT, A., DUBOIS, J., MITTERAND, H. *Nouveau dictionnaire étymologique et historique*. Paris: Larousse, 1968.

DERRIDA, J. – *De la gramatologie*. Paris: Presses Universitaires de Frances: Paris, 1967.

\_\_\_\_\_. – *Posições*. Belo Horizonte: Autêntica 2001.

DUCROT, O., TODOROV, T. *Dicionário das ciências da linguagem* – 3ª ed. – Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1976.

FERNANDES, MILLÔR. *Composições infâteis*. Rio de Janeiro: Nórdica, 1976.

FERNANDES, J. A. *Dicionário de formas e construções opcionais da Língua Portuguesa*. Fortaleza: UFC edições; Comped; Inep, 2000.

FERREIRA, A. B. de H. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*. - 3ª ed. – Curitiba: Positivo, 2004.

FIGUEIREDO, J. N. de FERREIRA, A. G. *Do latim ao português e a língua como expressão literária*. Porto: Porto Editora Ltda; Lisboa: Empresa Lit. Fluminense Ltda; Barcelos: Companhia Editora do Minho. s/d.

LUFT, C. P. *Novo guia ortográfico*. - 26ª ed. – São Paulo: Editora Globo, 1996.

\_\_\_\_\_. *Novo guia ortográfico*. - 5ª ed. – São Paulo: Editora Globo, 1976.

MARTINS, L. M. *Um estudo dos fonemas /s/ /z/ e das letras “s”, “ss”, “c”, “ç”, “z” em português*. Dissertação de Mestrado, PUC/SP, São Paulo: 1979.

MORAIS, Arthur G. de. *Ortografia: ensinar e aprender*. - 4ª ed. – São Paulo: Editora Ática, 2003.

OLIVIA, M. *Jogo de ortografia*. - 4ª ed. – São Paulo: Apoio S. A., s/d.

PELLAT, Jean-Christophe. “Recenseamento crítico das definições do grafema”. In Catach, Nina (org.). *Para uma teoria da língua escrita – Coleção múltiplas escritas*. São Paulo: Ática, 1996. (p.132-147)

PEREIRA, Eduardo Carlos. *Gramática Expositiva: Curso Superior*. -92ª ed.- São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1954.

PRÓSPERO, H. R. *Um estudo da letra x*. Dissertação de Mestrado, PUC/SP, São Paulo: 1980.

PULGRAM, E. *Phoneme and grapheme: a parallel*. (Tradução no Anexo II de Anis, 1984, p. 35-45.), 1951.

RAMANZINI, H. *Guia prático de ortografia*. São Paulo: Ícone, 1990.

RODRIGUES, A. F. *Como Elaborar Referência Bibliográfica*. - 4ª ed. - revista e ampliada-. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2004.

\_\_\_\_\_. *Como Elaborar Citações e Notas de Rodapé*. -2ª ed. Ampliada - São Paulo: Associação Humanitas, 2005.

SÁ NOGUEIRA, R. de. *Elementos para um tratado de fonética portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional de Lisboa, 1938.

SAID ALI, Manoel. *Lexeologia do português histórico*. São Paulo-Cayeiras - Rio: Editora Proprietária; Companhia Melhoramentos de São Paulo, 1921.

\_\_\_\_\_. *Formação de palavras e syntaxe do português histórico*. São Paulo-Cayeiras-Rio: Editora Proprietária; Companhia Melhoramentos de São Paulo, 1923.

SARAIVA, F. R. DOS S. *Novíssimo dicionário latino-português: etimológico, prosódico, histórico, geográfico, mitológico, biográfico, etc.* - 10ª ed. – Paris: Livraria Garnier, 1993.

SILVEIRA, R. C. P. *Estudos de Fonologia Portuguesa*. São Paulo: Cortez, 1986.

\_\_\_\_\_. *Estudos de Fonética do Idioma Português*. São Paulo: Cortez, 1998.

SOMMERSTEIN, Alan H. (1977). *Fonologia moderna*. Trad. de Guillermo Diamante. Madrid: Ediciones Cátedra, 1980.

TANJONI, A. C. *Um estudo da flexão de plural dos nomes em português: subsídios à morfo-grafemática*. Dissertação de Mestrado, PUC/SP, São Paulo: 1982.

TORRINHA, F. *Dicionário latino português*. - 2ª ed. – Porto: Gráficos Reunidos LTDA., 1942.

TROUBETZKOY, N. S. (1947). *Principes Phonologie*. – Trad. de J. Cantineau – Paris: Edit. Klincksieck, 1967.

HJELMSLEV, L. (1959). *Essais Linguistiques*. - Trad. Francesa - Paris: Lês Editions de Minuit, 1971.

HJEMSLEV, L. *Prolégomènes a une théorie du langage*. – Trad. Francesa – Paris: : Les Editions de Minuit, 1971.

WILLIAMS, E. B. *Do latim ao português: fonologia e morfologia históricas da língua portuguesa*. - 3ª ed. - Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.



# ANEXOS

## ANEXO I – Listagem de palavras selecionadas para análise

### - Palavras com “g” (e-i):

01- Abencerrage – do árabe <i>ibn-sirāġ</i>
02- Aborígine – do latim <i>aborigines</i>
03- Absterger – do latim <i>abstergere</i>
04- Acoplagem – do francês <i>accouplage</i>
05- Acrobiologia – do grego <i>akribología</i>

06- Adágio – do latim <i>adagiu</i>
07- Adstringência – do latim <i>adstringentia</i>
08- Adstringente – do latim <i>adstringente</i>
09- Adstringir – do latim <i>adstringere</i>
10- Aeragem – do francês <i>aérage</i>
11- Afligir – do latim <i>affligere</i>
12- Agência – do latim <i>agentia</i>
13- Agente – do latim <i>agente</i>
14- Agitar – do latim <i>agitare</i>
15- Ágil – do latim <i>agile</i>
16- Agilidade – do latim <i>agilitate</i>
17- Agílimo – do latim <i>agillimu</i>
18- Agilíssimo – do latim <i>agilissimu</i>
19- Ágio – do italiano <i>aggio</i>
20- Agiotagem – do francês <i>agiotage</i>
21- Agiotar – do francês <i>agioter</i>
22- Agir – do latim <i>agere</i>
23- Agitação – do latim <i>agitatione</i>
24- Agitador – do latim <i>agitatore</i>
25- Agitante – do latim <i>agitante</i>
26- Agitar – do latim <i>agitare</i>
27- Agitável – do latim <i>agitabile</i>
28- Álgebra – do árabe <i>al-ğabāra(t)</i>
29- Algema – do árabe <i>al-liğāma(t)</i>

30- Algente – do latim <i>algente</i>
31- Algibebe – do árabe <i>al-ğabāb</i>
32- Algibeira – do árabe <i>al-ğabayra(t)</i>
33- Álgido – do latim <i>algidu</i>
34- Ambages – do latim <i>ambages</i>
35- Analgesia – do grego <i>analgesía</i>
36- Analogia – do grego <i>analogía</i> , pelo latim <i>analogia</i>
37- Analógico – do grego <i>analogikós</i> , pelo latim <i>analogicu</i>
38- Angélica – do latim med. <i>angelica</i> < latim tard. <i>angelica</i> , fem. de <i>angelicus</i> ; tax. Angélica
39- Angélico – do grego <i>aggelikós</i> , pelo latim <i>angelicu</i> .
40- Ângelus – do latim <i>Ângelus</i> , a primeira palavra da oração <i>Angelus Domini nuntiavit Mariae</i> .
41- Angina – do latim <i>angina</i>
42- Antilogia – do grego <i>antilogía</i>
43- Antilógico – do grego <i>antilogikós</i>
44- Antologia – do grego <i>anthología</i>
45- Árgema – do grego <i>árgema</i> , pelo latim <i>argema</i>
46- Argentário – do latim <i>argentariu</i>
47- Argentino – do latim <i>argentinu</i>
48- Argento – do latim <i>argentu</i>
49- Argila – do grego <i>árgilos</i> , pelo latim <i>argilla</i>
50- Argiloso – do latim <i>argillosu</i>
51- Argivo – do latim <i>argivu</i>
52- Astrologia – do grego <i>astrología</i> , pelo latim <i>astrologia</i>

53- Astrológico – do grego <i>astrologikós</i>
54- Atingir – do latim <i>attingere</i>
55- Bagagem – do francês <i>bagage</i>
56- Bege – do francês <i>beige</i>
57- Bronzagem – do francês <i>bronzage</i>
58- Bugiganga - do espanhol antigo <i>boxiganga</i>
59- Caligem – do latim <i>caligine</i>
60- Caliginoso – do latim <i>caliginosu</i>
61- Carolíngio – do francês <i>carolingien</i> , pelo italiano <i>carolingio</i> , poss.
62- Carriagem – do catalão antigo <i>carriatge</i>
63- Carruagem – do catalão <i>carruatge</i>
64- Cartaginês – do latim <i>carthaginense</i>
65- Cartilagem – do latim <i>cartilagine</i>
66- Charge – do francês <i>charge</i>
67- Cinegético – do grego <i>kynegetikós</i> , pelo latim <i>cynegeticu</i>
68- Cingir – do latim <i>cingere</i>
69- Ciriologia – do grego <i>kyriología</i>
70- Cirurgia – do grego <i>cheirurgía</i> , pelo latim <i>chirurgia</i>
71- Cirurgião – do latim <i>chirurgiano</i>
72- Cirúrgico – do grego <i>cheirurgikós</i> , pelo latim <i>chirurgicu</i>
73- Clavígero – do latim <i>clavigeru</i>
74- Clichagem – do francês <i>clichage</i>
75- Cogitação – do latim <i>cogitatione</i>
76- Cogitar – do latim <i>cogitare</i>

77- Colagem – do francês <i>collage</i>
78- Colegiado – do latim <i>collegiatu</i>
79- Colegial – do latim <i>collegiale</i>
80- Colégio – do latim <i>collegiu</i>
81- Coligir – do latim <i>colligere</i> , por via erudita
82- Compungir – do latim <i>compugere</i>
83- Confranger – do latim <i>*confrangere</i> , por <i>confringere</i>
84- Confugir – do latim <i>confugere</i>
85- Congelação – do latim <i>congelatione</i>
86- Congelar – do latim <i>congelare</i>
87- Congeminar – do latim <i>congeminare</i>
88- Congênere – do latim <i>congenere</i>
89- Congênito – do latim <i>congenitu</i>
90- Congestão – do latim <i>congestione</i>
91- Cônjuge – do latim <i>conjuge</i>
92- Conjungir – do latim <i>conjungere</i>
93- Constranger – do latim <i>constringere</i> , <i>*constrengere</i> , cf. <i>constringir</i>
94- Constringente – do latim <i>constringente</i>
95- Constringir – do latim <i>constringere</i> ; cf. <i>constranger</i>
96- Contágio – do latim <i>contagiu</i>
97- Contagioso – do latim <i>contagiosu</i>
98- Contingência – do latim <i>contingentia</i>
99- Contingente – do latim <i>contingente</i>
100- Convergir – do latim <i>convergere</i>

101- Coragem – do francês antigo <i>corage, curage</i> (atual <i>courage</i> )
102- Corégico – do grego <i>choregikós</i>
103- Correger – do latim <i>corrigere</i>
104- Corrigir – do latim <i>corrigere</i>
105- Creofagia – do grego <i>kreophagía</i>
106- Defasagem – do francês <i>déphasage</i>
107- Degeneração – do latim <i>degeneratione</i>
108- Degenerar – do latim <i>degenerare</i>
109- Demiurgia – do grego <i>demiourgía</i> , ‘prática de uma arte’, ‘produção’, criação’
110- Dialógico – do grego <i>dialogikós</i>
111- Digerir – do latim <i>digerere</i>
112- Digestão – do latim <i>digestione</i>
113- Digestível – do latim tardio <i>digestibile</i>
114- Digestivo – do latim tardio <i>digestivu</i>
115- Digital – do latim <i>digitale</i>
116- Dígitio – do latim <i>digitu</i> , ‘dedo’
117- Diligência – do francês <i>diligence</i>
118- Diligência – do latim <i>diligentia</i>
119- Diligente – do latim <i>dilligente</i>
120- Efigie – do latim <i>effigie</i>
121- Efúgio – do latim <i>affugiu</i> .
122- Égide – do grego <i>aigís, éolos</i> , pelo latim <i>aegide</i>
123- Egípcio – do latim <i>aegyptiu</i>
124- Egrégio – do latim <i>egregiu</i>

125- Eleger – do latim <i>eligere</i>
126- Elegia – do grego <i>elegeía</i> , pelo latim <i>elegia</i>
127- Elegível – do latim tardio <i>elegibile</i>
128- Embalagem – do francês <i>emballage</i>
129- Embreagem – do francês <i>embrayage</i>
130- Energia – do grego <i>energéia</i> , pelo latim <i>energia</i>
131- Engendrar – do latim <i>ingenerare</i>
132- Esfinge – do grego <i>Sphinx</i> , ingós, pelo latim <i>Sphinge</i>
133- Estratégia – do grego <i>strategía</i> , pelo latim <i>strategia</i>
134- Ferrugem – do latim <i>ferrugine</i>
135- Fingir – do latim <i> fingere</i>
136- Gelar – do latim <i>gelare</i>
137- Gemer – do latim <i>gemere</i>
138- Genital – do latim <i>genitale</i>
139- Genitivo – do latim <i>genitivu</i> , ‘de nascimento’, natural.
140- Gentil – do latim <i>gentile</i>
141- Gengibre – gengibre - do árabe <i>zingībīle</i> < latim <i>zingibere</i> ( <i>lat. tardio gingiber</i> ) < <i>gr.zingiberis</i> poss. de origem prácrita ou dravídica.
142- Gente – do latim <i>gente</i>
143- Gestante – do latim <i>gestante</i>
144- Geração – do latim <i>generatione</i>
145- Gigante – do grego <i>gígas</i> , autos, pelo latim <i>gigante</i>
146- Girar – do latim <i>gyrare</i>
147- Girafa – do árabe <i>zarāfa(t)</i> , pelo italiano <i>giraffa</i> ; tax. <i>giraffa</i>
148- Giz – do grego <i>gypsos</i> , pelo árabe <i>jibs</i>

149 – heterogêneo – do latim escolástico <i>heterogeneu</i> < do grego <i>heterogenés</i> , 'de outro gênero'
150- Imaginação – do latim <i>imaginatione</i>
151- Imaginário – do latim <i>imaginariu</i>
152- Imagem – do latim <i>imagine</i>
153- Infligir – do latim <i>infligere</i> , com mudança de conjugação
154- Ingênuo – do latim <i>ingenuu</i>
155- Ingerir – do latim <i>ingerere</i>
156- Inteligente – do latim <i>intelligente</i>
157- Inteligível – do lati <i>intelligibile</i>
158- Jungir – do latim <i>jungere</i>
159- Laringe – do grego <i>larynx</i> , <i>yngos</i>
160- Legião – do latim <i>legione</i>
161- Legista – do latim <i>legista</i>
162- Ligeiro – do francês <i>léger</i> , 'leve'
163- Lógica – do grego <i>logiké</i> , pelo latim <i>lógica</i>
164- Lógico – do grego <i>logikós</i> , pelo latim <i>logicu</i>
165- Mágico – do grego <i>magikós</i> , pelo latim <i>magicu</i>
166- Magistério – do latim <i>magisteriu</i>
167- Magia – do grego <i>magéia</i> , pelo latim <i>magia</i>
168- Monge – do grego <i>monachós</i> , 'solitário', pelo latim <i>monachu</i> , latim vulgar <i>monicu</i> e pelo provençal antigo <i>monge</i>
169- Nostalgia – do francês <i>nostalgie</i>
170- Original – do latim <i>originale</i>
171- Página – do latim <i>pagina</i> , 'coluna de papiro'

172- Passagem – do francês <i>passage</i>
173- Pedagogia – do grego <i>paidagogía</i>
174- Pedágio – do latim vulgar <i>*pedaticu</i> , pelo italiano <i>pedaggio</i> .
175- Prestígio – do latim <i>praestigiū</i> .
176- Refúgio – do latim <i>refugiū</i> .
177- Refrigerar – do latim <i>refrigerare</i> .
178- Região – do latim <i>regione</i> .
179- Regimento – do latim <i>regimentu</i> .
180- Registro – do latim medieval <i>registre</i> , com possível influência do francês <i>régistre</i> .
181- Relógio – do grupo <i>horológion</i> , pelo latim <i>horologiu</i> , com deglutinação do <i>o</i> ( <i>ho</i> ) e dissimilação do <i>o</i> seguinte ao <i>r</i> .
182- Rígido – do latim <i>rigidu</i> .
183- Rugir – do latim <i>rugire</i> .
184- Sargento – do francês antigo <i>sergent</i> , ‘servidor’.
185- Selvagem – do provençal <i>salvatge</i> , através do antigo <i>salvagem</i> , hoje popular
186- Sigilo – do latim <i>sigillu</i> , ‘selo’.
187- Tanger – do latim <i>tangere</i>
188- Teologia – do grego <i>theología</i> , ‘ciência dos deuses’, pelo latim <i>theologia</i> .
189- Tigela – do latim <i>*tegella</i> , por <i>tegula</i> , ‘telha’.
190- Trágico – do grego <i>tragikós</i> , pelo latim <i>tragicu</i> .
191- Tragédia – do grego <i>tragoidía</i> , pelo latim <i>tragoedia</i> .
192- Ungir – do latim <i>ungere</i> .
193- Vantagem – do francês <i>avantage</i> , pela forma antiga <i>avantagem</i> .
194- Viagem – do prov. <i>viatge</i>

195- Vegetação – do latim <i>vegetatione</i> .
196- Vertigem – do latim <i>vertigine</i> , ‘redemoinho’.
197- Vigente – do latim <i>vigente</i> .
198- Vigiar – do latim <i>vigilare</i> , isto é, ‘vicário’
199- Virgem – do latim <i>virgine</i> .

**- Palavras com “j” (a, e, i, o, u):**

01- Abadejo – do espanhol <i>adadejo</i> .
02- Abajur – do francês <i>abat-jour</i> .
03- Abjeção – do latim <i>abjectione</i> .
04- Abjeto – do latim <i>abjectu</i> .
05- Abjudicar – do latim <i>abjudicare</i> .
06- Abjugar – do latim <i>abjugare</i>
07- Abjurar – do latim <i>abjurare</i> .
08- Acaju – do tupi <i>aka’yu</i> .
09- Acarajé – do iorubá.
10- Acarijuba – de origem tupi
11- Adjacência – do latim <i>adjacentia</i>
12- Adjacente – do latim <i>adjacente</i> .
13- Adjazer – do latim <i>adjacere</i>
14- Adjeção – do latim <i>adjectione</i>
15- Adjetivo – do latim <i>adjectivu</i>
16- Adjudicar – do latim <i>adjudicare</i>

17- Adjunção – do latim <i>adjunctio</i> .
18- Adjunto – do latim <i>adjunctu</i>
19- Adjuar – do latim <i>adjurare</i>
20- Adjutor – do latim <i>adjutore</i>
21- Adjuvante – do latim <i>adjuvante</i>
22- Aganju – do iorubá
23- Ajudar – do latim <i>adjutare</i>
24- Alfanje – do árabe <i>al-hanġar</i>
25- Alforje – do árabe <i>al-hurġ</i>
26- Alfurja – do árabe <i>al-furġra(t)</i>
27- Alijar – do francês <i>alléger</i>
28- Alijorce – do árabe <i>al-ġaras</i>
29- Aljazar – do árabe <i>al-ġazīra(t)</i>
30- Aljôfar – do árabe <i>al-ġawhar</i>
31- Aljube – do árabe <i>al-ġubb</i>
32- Almanjarra – do árabe <i>al-maġarr</i>
33- Alujá – do iorubá
34- Anajá – var. de anaiá, do tupi
35- Anejo – do espanhol <i>anejo</i>
36- Anjo – do grego <i>ángelus</i> , pelo latim <i>angelu</i>
37- Anjuba – de origem tupi
38- Antojo – do espanhol <i>antojo</i>
39- Arcanjo – do grego <i>archággelos</i> , pelo latim <i>archangelu</i>
40- Arranjar – do francês <i>arranger</i>

41- Azulejo – do árabe <i>al-zulayağ</i>
42- Bajoujar – do latim <i>baioliare</i> , por <i>baiolare</i> .
43- Bajulação – do latim <i>bajulatione</i>
44- Bajular – do latim <i>bajulare</i> , <i>baiolare</i> , ‘carregar as cotas’
45- Bandeja – do espanhol <i>bandeja</i>
46- Beijar – do latim <i>basiare</i>
47- Beijo – do latim <i>basiu</i>
48- Beiju – do tupi <i>mbe’yu</i>
49- Berinjela – do persa <i>bādnjān</i> , pelo árabe <i>bādinjānā</i> . Variante, brinjela.
50- Bijupirá – do tupi <i>mbe’yu pi’rá</i> .
51- Bijuteria – do francês <i>bijouterie</i>
52- Bujamé – de origem africana
54- Bujiguara – de buji + o tupi <i>u’har</i> , ‘o que come’.
55- Caborje – de origem africana, decerto.
56- Cafajeste – de origem controvertida
57- Cajá – do tupi <i>aka’yá</i>
58- Cajado – do latim vulgar hispânico <i>cajatu</i> , derivado de cajá, ‘pau, bordão’.
59- Caju – do tupi <i>aka’yu</i>
60- Cajuí – do tupi <i>aka’yu’i</i> , ‘caju pequeno’
61- Canja – do malaiala <i>ka nji</i> , ‘arroz com água’
62- Canjerê – de provável origem africana.
63- Canjica – do quimbundo <i>kanjika</i> .
64- Caramujo – do espanhol <i>escaramujo</i>
65- Caranguejo – do espanhol <i>cangrejo</i> < latim <i>cancer</i> , <i>cancri</i>

66- Carijó – do tupi <i>kari'yó</i> , procedente de branco
67- Carqueja – do latim <i>colocasia</i> , poss.
68- Cereja – do latim vulgar <i>ceresia</i> < latim <i>cerasu</i>
69- Cerveja – do gaulês, através do latim <i>cervisia</i>
70- Clavija – do espanhol <i>clavija</i>
71- Coadjuvar – do latim tardio <i>coadjuvare</i>
72- Conjetura – variante de conjectura < latim <i>conjectura</i> .
73- Conjugação – do latim <i>conjugatione</i>
74- Conjugar – do latim <i>conjugare</i> .
75- Cônjuge – do latim <i>conjuge</i>
76- Conjunção – do latim <i>conjunctione</i>
77- Conjungir – do latim <i>conjungere</i>
78- Conjunta – do espanhol platino <i>coyunda</i>
79- Conjuntivo – do latim <i>conjunctivu</i>
80- Conjunto – do latim <i>conjunctu</i>
81- Conjurar – do latim <i>conjurare</i>
82- Corajoso – adapt. do francês <i>courageux</i>
83- Corja – do malaiala <i>korchchu</i>
84- Cortejo – do italiano <i>corteggio</i>
85- Coruja – do baixo latim <i>curusa</i> , possivelmente.
86- Crejuá – de origem indígena
87- Cujo – do latim <i>cuju</i> < adj. <i>cujus</i> , a, um
88- Dejeção – do latim <i>dejectione</i>
89- Dejúrio – do latim <i>dejuriu</i>

90- Desejo – do latim vulgar <i>desidiu</i>
91- Despojar – do espanhol <i>despojar</i> < latim <i>despoliare</i> , ‘saquear’
92- Ejacular – do latim <i>ejaculare</i>
93- Ejetar – do latim <i>ejectare</i>
94- Engajar – do francês <i>engager</i> .
95- Enjeitar – do latim <i>enjectare</i> , ‘lançar fora’
96- Esponja – do grego <i>spoggiá</i> , pelo latim <i>spongia</i>
97- Esponjar – do latim <i>spongiare</i>
98- Esponjoso – do latim <i>spongiosu</i>
99- Feijão - do latim <i>*phaseolonu</i> < <i>lat. phaseolu</i>
100- Fojo – de um <i>*foja</i> , do latim <i>fóvea</i>
101- Gargarejar – do grego <i>gargarízo</i> , pelo latim <i>gargarizare</i>
102- Gorja – do francês <i>gorge</i>
103- Guajará – do tupi <i>waya’rá</i>
104- Hoje – do latim <i>hodie</i> .
105- Igreja – do grego <i>ekklesía</i> , ‘assembléia’, pelo latim <i>ecclesia</i>
106- Injeção – do latim <i>injectione</i> .
107- Injetar – do latim <i>injectare</i> .
108- Injunção – do latim <i>injuctione</i>
109- Injuriar – do latim <i>*injuriare</i> , por <i>injuriari</i>
110- Interjacente – do latim <i>interjacente</i>
111- Interjeição – do latim <i>interjectione</i> .
112- Interjetivo – do latim <i>interjectivu</i> .
113- Inveja – do latim <i>invidia</i>

114- Invejoso – do latim <i>invidioso</i>
115- Já – do latim <i>Jam</i>
116- Jabá – de provável origem tupi
117- Jaborandi – do tupi <i>yaborã'di</i>
118- Jabuti – do tupi <i>yabu'ti</i>
119- Jabuticaba – do tupi <i>i'apoti'kaba</i>
120- Jaca – do malaiala <i>chakha</i>
121- Jacá – do tupi <i>aya'ka</i>
122- Jaçanã – do tupi <i>naha'nã</i>
123- Jacarandá – do tupi <i>yakãrã'tã</i>
124- Jacaré – do tupi <i>yaka're</i>
125- Jaci – do tupi
126- Jacinto – do grego <i>hyákinthos</i> , pelo latim <i>hiacinthu</i>
127- Jacobina – do tupi <i>yakrvãa'pina</i>
128- Jacu – do tupi <i>ya'ku</i>
129- Jacumã – do tupi <i>yaku'mã</i>
130- Jade – do francês <i>jade</i> < espanhol <i>pedra de la ijada</i> , 'pedra do flanco'
131- Jalapa – do topônimo Jalapa (México)
132- Jaleco – do turco <i>jalek</i>
133- Jamais – do latim <i>jam magis</i> < <i>jam.</i> , 'já', + <i>magis</i> , 'mais'
134- Jambo – do grego <i>íambos</i> , do sânscrito <i>jambu</i> , pelo latim <i>iambu</i>
135- Jambu – do tupi <i>ya'mbu</i>
136- Jandaia – do tupi <i>ne'n daí</i>
137- Janeiro – do latim <i>januariu</i>

138- Janela – do latim vulgar <i>januella</i> , diminutivo de <i>janua</i> , ‘porta’
139- Jangada – do malaiala <i>changadam</i> ’
140- Janota – do francês <i>janot</i> , ‘tolo’
141- Jantar – do latim <i>jantare</i> , forma verbal de <i>jetare</i>
142- Japa – do espanhol platino <i>yapa</i>
143- Japá – do tupi <i>ya’pá</i>
144- Jararaca – do tupi <i>yara’raka</i>
145- Jarda – do inglês <i>yard</i>
146- Jardim – do francês <i>jardin</i> , de or. <i>frâncica</i>
147- Jarra – do árabe <i>jarra</i>
148- Jarro – do latim <i>arum</i>
149- Jasmim – do persa <i>jasämin</i>
150- Jatobá – do tupi <i>yata’wá</i>
151- Jaú – do tupi <i>ya’ú</i>
152- Jaula – do francês antigo <i>jacere</i>
153- Javali – do árabe <i>jabalĩĩ</i> , ‘montês’
154- Jazer – do latim <i>jacere</i>
155- Jeito – do latim <i>jactu</i> .
156- Jejum – do latim <i>jejunu</i> .
157- Jenipapo – do tupi <i>nanĩ ’ pab</i> , mancha escura na região lombar dos mestiços
158- Jequitibá – do tupi <i>yekĩti’bá</i> .
159- Jesuíta – do latim moderno <i>jesuíta</i> .
160- Jesus – do hier. Jesus, de Jesus Cristo
161- Jia – do tupi <i>yu’í +a</i> , designação feminina portuguesa

162- Jibóia – de origem tupi
163- Jiló – do quimbundo <i>njilu</i> .
164- Jipe – do inglês <i>jeep</i> .
165- Jipi – do tupi amazonense, decerto.
166- Jirau – do tupi <i>yi'rab</i> .
167- João – do antropônimo João, possivelmente
168- Jogar – do latim <i>jocare</i>
169- Jogo – do latim <i>jocu</i> , 'gracejo', 'zombaria', que tardiamente tomou lugar de <i>ludus</i> .
170- Jóia – do francês antigo <i>joie</i> , 'jóia', que convém não confundir com o atual <i>joie</i> , 'alegria'
171- Joio – do latim <i>loliu</i> , através de uma forma <i>*lioliu</i> < <i>joliu</i> , por dissimilação.
172- Jornal – do latim <i>diurnale</i> , 'diário', isto é, salário por um dia de trabalho. - do italiano <i>giornale</i> .
173- Jovial – do latim <i>joviale</i> , de 'Jove ou Júpiter' e, daí, 'feliz', 'alegre'.
174- Juba – do latim <i>juba</i>
175- Jubileu – do hebraico <i>jobel</i> , 'trombeta que de 50 em 50 anos anunciava o ano festivo', através do grego <i>iobelaios</i> e do latim <i>jubilaeu</i>
176- Juçara – do tupi <i>yu'sara</i> .
177- Judaísmo – do latim <i>judaimu</i>
178- Judeu – do latim <i>judaeu</i>
179- Jugal – do latim <i>jugale</i>
180- Jujuba – do grego <i>zizyphon</i> , através do latim <i>zizyphy</i>
181- Julgar – do latim <i>judicare</i> .
182- Junco – do latim <i>juncu</i>
183- Jungir – do latim <i>jungere</i> .
184- Junho – do latim <i>Juniu</i>

185- Junto – do latim <i>unctu</i>
186- Jurema – do tupi <i>yu'rema</i>
187- Juriti – variante dissimilada de <i>juriti</i> < <i>tupi yuri'ti</i>
188- Jururu – do tupi <i>xearu'ru</i> , 'estar tristonho'
189- Jus – do latim <i>jus</i>
190- Justaposto – do latim <i>jux tapositu</i>
191- Justiça – do latim <i>justitia</i>
192- Justificação – do latim <i>justificatione</i>
193- Justificar – do latim <i>justificare</i>
194- Justo – do latim <i>justu</i>
195- Juvenil – do latim <i>juvenile</i>
196- Juventude – do latim <i>juventute</i>
197- Laranja – do sânscrito <i>nāranga</i> , pelo persa <i>narrang</i> e pelo árabe <i>nāranja</i>
198- Lisonja – do espanhol <i>lisonja</i>
199- Loja – do francês <i>loge</i> , 'pequena cabana de guarda florestal'.
200- Majestade – do latim <i>majestade</i> .
201- Major – do latim <i>majore</i> , 'maior', pelo francês <i>majeur</i>
202- Maracujá – do tupi <i>mboruku'ya</i>
203- Marajá – do sânscrito <i>maha raja</i> , 'grande rei'. - do tupi <i>mara'yá</i>
204- Marajó – do topônimo marajó
205- Objeto – do latim <i>objectu</i> , particípio de <i>objicere</i> , 'pôr', lançar diante, expor.
206- Ojeriza – do espanhol <i>ojeriza</i> .
207- Pajé – do tupi <i>pa'yé</i> .
208- Pajem – do francês antigo <i>paje</i> , 'criado, aprendiz'.

209- Pijama – do persa <i>pa-jama</i> , ‘cobertura de pernas’, pelo hindustani <i>pae-jama</i> , pelo inglês <i>pyjama</i> e pelo francês <i>pyjama</i>
210- Projeção – do latim <i>projectione</i> .
211- Projetar – do latim <i>projectare</i> .
212- Projétil – do francês <i>projectile</i> .
213- Queijo – do latim <i>caseu</i> , através do arcaico <i>queiso</i>
214- Quijuba – do tupi <i>wi’rá yuba</i>
215- Rajar – do espanhol <i>rayar</i>
216- Realejo – do espanhol <i>realejo</i>
217- Rejeitar – do latim <i>rejectare</i> .
218- Rijo – do latim <i>rigidu</i>
219- Sarja – do francês antigo <i>sarge</i> , atual <i>serge</i>
220- Sobejo – do espanhol <i>sobejo</i>
221- Solfejo – do italiano <i>solfeggio</i>
222- Subjetivo – do latim <i>subjectivu</i> .
223- Subjugar – do latim <i>subjugare</i>
224- Sujeito – do latim <i>subjectu</i> , ‘posto debaixo’.
225- Sujo – do latim <i>sucidu</i> , ‘úmido’, através das formas <i>*sucio</i> <i>*susiu</i> .
226- Tanajura – do tupi <i>tanayu’rá</i>
227- Tapejara – do tupi <i>tape’yara</i>
228- Tijolo – do espanhol <i>tejuelo</i>
229- Tijuco – do tupi <i>tĩ’ yug</i>
230- Trajeto – do latim <i>trajecto</i> , ‘passagem’.
231- Ultraje – do francês <i>outrage</i> , antigo <i>oltrage</i> .

## ANEXO II – Lista de exercícios selecionados de guias ortográficos:

### - Para a letra “g” temos:

1- *Abaixo existem duas palavras incorretas. Encontre-as e, posteriormente, escreva-as no espaço em branco, fazendo, no entanto, a devida correção:*

*anjo, angélico, estrangeiro, jeito, jequitibá, exegese (é), falange, garagem, geadas, geléia, gêmeos, geminado, genitor, gente, objeção, gengibre, gerânio, gergelim, geringonça, gesso, jesto, gilete, rjeza, rígido, rijo, lajeado, alfange, gibi, gilete, gim, ginete, gingar, girafa, girândola, gíria, giz, herege, lfigênia, impingir, ligeiro, megera (é), monge, ogiva.*

2- *Preencha o espaço com o verbo correspondente a cada substantivo, de acordo com o modelo:*

<i>sujo - sujar</i>	<i>despejo -</i>	<i>viagem -</i>	<i>jeito -</i>
<i>jesuíta -</i>	<i>coragem -</i>	<i>gorjeio -</i>	<i>injeção -</i>
<i>laje -</i>	<i>lisonja -</i>	<i>sujeito -</i>	<i>traje -</i>
<i>ultraje -</i>			

3- *Complete convenientemente:*

<i>relativo a anjo –</i>	<i>pé de cereja –</i>
<i>fábrica de cereveja –</i>	<i>natural de Moji das Cruzes –</i>
<i>pegar + j + ento –</i>	<i>pegar +j + oso –</i>
<i>pé de laranja –</i>	<i>ato de projetar –</i>
<i>ato de rejeitar –</i>	

4- *Risque em cada par a forma incorreta:*

<i>alfage, alfanje</i>	<i>aragem , arajem</i>	<i>berinjela, berinjela</i>	<i>jeca, geca</i>
<i>cafageste, cafajeste</i>	<i>Argélia, Arjélia</i>	<i>canjica, cangica</i>	<i>jársei, gérsei</i>
<i>agenda, ajenda</i>	<i>jibóia, jibóia</i>	<i>gorjeta, gorgeta</i>	<i>gingibirra, jinjibir</i>
<i>algibeira, aljibeira</i>	<i>babugem, babujem</i>	<i>granjear, grangear</i>	<i>jirau, girau</i>
<i>apojeu, apogeu</i>	<i>afijie, efigie</i>	<i>interjeição, intergeição</i>	<i>jesuíta, gesuíta</i>
<i>intrujice, intrugice</i>	<i>majestade, magestade</i>	<i>mangedoura, manjedoura</i>	<i>égide, éjide</i>
<i>manjerona, mangerona</i>	<i>Moji, Mogi</i>	<i>pajé, pagé</i>	<i>egrégio, egréjio</i>
<i>pajem, pagem</i>	<i>sarjeta, sargeta</i>		

### - Para a letra “j” temos:

1- *Dar os substantivos correspondentes aos verbos, de acordo com o modelo:*

<i>sujar – sujeira</i>	<i>injetar -</i>
<i>despejar –</i>	<i>lajear -</i>
<i>viajar –</i>	<i>lisonjear -</i>
<i>ajeitar –</i>	<i>sujeitar -</i>
<i>encorajar –</i>	<i>trajar -</i>
<i>gorjear –</i>	<i>ultrajar -</i>

2- No exercício anterior, existem dois substantivos que são grafados com G. Eles são \_\_\_\_\_ e \_\_\_\_\_.

3- Risque, em cada par, a forma incorreta:

<i>alfanje, alfanje</i>	<i>berinjela, berinjela</i>
<i>cafajeste, cafageste</i>	<i>adájio, adágio</i>
<i>canjica, cangica</i>	<i>ajenda, agenda</i>
<i>gorjeta, gorgeta</i>	<i>algibeira, aljibeira</i>
<i>granjear, grangear</i>	<i>apojeu, apogeu</i>
<i>interjeição, intergeição</i>	<i>intrugice, intrujice</i>
<i>egrégio, egréjio</i>	<i>sarjeta, sargeta</i>
<i>aragem, arajem</i>	<i>jeca, geca</i>
<i>Arjélia, Argélia</i>	<i>jérsei, gérsei</i>
<i>Jibóia, gibóia</i>	<i>jinjibirra, gingibirra</i>
<i>Babujem, babugem</i>	<i>girau, jirau</i>
<i>Efígie, efíjie</i>	<i>gesuíta, jesuíta</i>
<i>Majestade, magestade</i>	<i>manjedoura, mangedoura</i>
<i>Pajé, pagé</i>	